



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
Departamento de Letras e Artes
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS
MESTRADO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS-MEL

ADNA SANTOS CARNEIRO

**O PREENCHIMENTO DO SUJEITO DE PRIMEIRA PESSOA NO
PORTUGUÊS FEIRENSE**

Feira de Santana-BA
2016

ADNA SANTOS CARNEIRO

**O PREENCHIMENTO DO SUJEITO DE PRIMEIRA PESSOA NO
PORTUGUÊS FEIRENSE**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Profa. Dra. Eliana Sandra Pitombo Teixeira

Feira de Santana-BA
2016

Ficha Catalográfica – Biblioteca Central Julieta Carteado

C287p Cameiro, Adna Santos
O preenchimento do sujeito de primeira pessoa no português feirense / Adna Santos Cameiro. – Feira de Santana, 2016.
114 f.: il.

Orientadora: Eliana Sandra Pitombo Teixeira.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 2016.

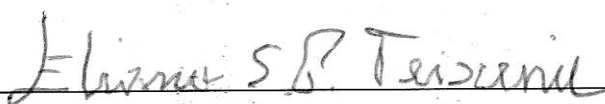
1. Sociolinguística. 2. Variação Linguística. 3. Língua portuguesa - Fala – Feira de Santana, BA. I. Teixeira, Eliana Sandra Pitombo, orient. II. Universidade Estadual de Feira de Santana. III. Título.

CDU: 801(814.22)

O PREENCHIMENTO DO SUJEITO DE PRIMEIRA PESSOA NO PORTUGUÊS FEIRENSE

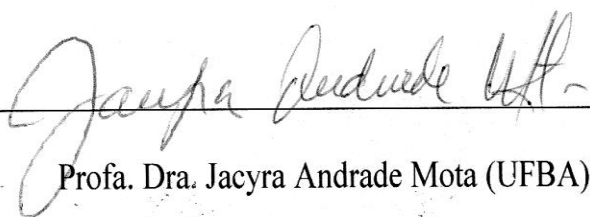
Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Estudos Linguísticos.

Aprovada em 29 de fevereiro de 2016



Profa. Dra. Eliana Sandra Pitombo Teixeira (UEFS)

(Orientadora)



Profa. Dra. Jacyra Andrade Mota (UFBA)



Profa. Dra. Norma Lúcia Fernandes de Almeida (UEFS)

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me concedido a oportunidade de realizar mais uma etapa na minha vida acadêmica;

A minha família pelo apoio e pela compreensão nos momentos em que tive ausente me dedicando à pesquisa;

A minha orientadora, profa. Dra. Eliana Sandra Pitombo Teixeira pelas valiosas contribuições e eficiência na orientação;

À profa. Dra. Jacyra Mota e à profa. Dra. Norma Almeida pelas sugestões significativas transmitidas na qualificação;

À coordenadora do programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, representado pela professora Dra. Josane Oliveira pela ajuda na rodagem dos dados.

Ao corpo docente do programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, o qual com dedicação transmitiu conhecimentos essenciais para a minha formação acadêmica;

Ao projeto A Língua portuguesa no semiárido baiano representado pela Profa. Dra. Zenaide Carneiro e pela Profa. Dra. Norma Almeida pela disponibilidade dos *corpora*;

A turma do Mestrado em Estudos Linguísticos com a qual tive a honra de partilhar momentos felizes, de tensão e conquistas;

Aos meus colegas e amigos (as) pelo incentivo, Emerson Souza pelas importantes contribuições e Aline Silva, minha amiga de pesquisa na Iniciação científica, pelo apoio nos momentos difíceis;

A todos que acreditaram em mim e se envolveram de forma direta ou indireta na concretização desse trabalho.

“A começar do nível mais elementar de relações com o poder, a linguagem constitui o arame farpado mais poderoso para bloquear o acesso ao poder.”

(Maurizio Gnerre)

RESUMO

Neste estudo, analisa-se o preenchimento do sujeito de 1ª *ps.* no português de Feira de Santana. Para a concretização dessa pesquisa, foram utilizados dois *corpora* denominados de falantes universitários e falantes do ensino fundamental I, totalizando 24 inquéritos, sendo doze para cada amostra, os quais foram distribuídos em três faixas etárias. As amostras selecionadas pertencem ao projeto *A língua portuguesa no semiárido baiano*, sediado no Núcleo de Estudos da Língua Portuguesa, da Universidade Estadual de Feira de Santana -Ba. Esta pesquisa tem por objetivo verificar se o português feirense vem apresentando uma tendência para o preenchimento do sujeito, por isso buscou-se comparar as duas amostras, bem como dialogar com outras pesquisas. Os *corpora* analisados tomaram como pressuposto teórico os princípios da Sociolinguística Quantitativa que, por meio do modelo estatístico, correlaciona a variável em estudo a fatores sociais e linguísticos, fornecendo um valor (peso relativo) para cada uma. As análises dos resultados apontaram para uma maior realização do sujeito no português falado por pessoas mais escolarizadas; o estudo em tempo aparente mostrou que o português do ensino fundamental I está em processo de uma possível mudança.

Palavras-chave: Sujeito preenchido de 1ª *ps.* Sociolinguística. Feira de Santana

ABSTRACT

This study analyzes the filling of the first person singular subject in Portuguese in the city of Feira de Santana. In order to achieve this research, we used two *corpora* denominated university level speakers and elementary school 1 speakers, a total of 24 surveys, twelve for each sample, which were divided into three age groups. The samples belong to the project called *A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano*, based on the *Núcleo de Estudos da Língua Portuguesa Universidade Estadual de Feira de Santana- Ba*. This research aims to verify if the Portuguese spoken in Feira de Santana has shown a tendency to fill the subject. In order to achieve this goal we compare the two samples as well as dialogue with other researches. The analysis took as theoretical assumption the principles of Quantitative Sociolinguistics that through the statistical model correlates the variable under study with social and linguistic factors, providing a value (relative importance) for each one. The analysis of the results indicated a greater realization of the subject on the Portuguese spoken by the most educated people; the study in apparent time showed that the elementary school I Portuguese is in the process of a possible change.

Keywords: Subject filled with 1st Person Singular. Sociolinguistics. Feira de Santana

LISTA DE MAPAS

Mapa 1- Localização geográfica da cidade de Feira de Santana	55
Mapa 2 - Principais pontos de acesso à cidade de Feira de Santana	55

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Critérios para a seleção dos informantes	45
Quadro 2 - Distribuição dos informantes nas amostras.....	46
Quadro 3 - Crescimento da cidade de Feira de Santana.....	60
Quadro 4 - Feira de Santana - Evolução da população do município 1950 - 1996.....	61
Quadro 5 - Grupos selecionados do português falado em Feira de Santana	69
Quadro 6 - Ocorrência de sujeito nulo nas três pessoas do singular e do plural nas três faixas etárias	72

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -Total de ocorrências de sujeitos plenos e nulos em Feira de Santana.....	70
Gráfico 2 - Declínio do sujeito nulo de 1ª <i>ps.</i>	71
Gráfico 3 - Comparação do sujeito pleno de 1ª ^a <i>ps.</i> entre o português de Feira de Santana e o português do Maranhão	74
Gráfico 4 -Sujeito preenchido de acordo com a escolaridade	77
Gráfico 5 -Sujeito preenchido no português do ensino fundamental II e nas comunidades nas três comunidades rurais	79
Gráfico 6 - Sujeito pleno de 1ª <i>ps.</i> nas orações matrizes e coordenadas I e II.....	81
Gráfico 7 - Comparação do uso do sujeito pleno de 1ª <i>ps.</i> nas orações encaixadas	84
Gráfico 8 - Comparação das faixas etárias de acordo com a escolaridade	92
Gráfico 9 -Sujeito preenchido de acordo com o gênero/sexo no português de Feira de Santana.....	94
Gráfico 10 - Sujeito preenchido de acordo gênero/sexo no português de Feira de Santana e no português de Itabí	94
Gráfico 11 - Sujeito pleno de acordo com o tipo de discurso.....	96
Gráfico 12 - Ausência e presença do material linguístico entre o sujeito e o verbo...	97

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Sujeitos expressos em tempo real de curta duração	23
Tabela 2 - Total de sujeitos preenchidos no português de Feira de Santana	70
Tabela 3 - Sujeito preenchido de acordo com a escolaridade	76
Tabela 4 - Sujeito de referência definida de acordo com a escolaridade.....	78
Tabela 5 - Sujeito preenchido de acordo com o tipo de oração	80
Tabela 6 - Sujeito preenchido de acordo com o tempo verbal no português feirense	88
Tabela 7 - Sujeitos plenos e nulos de acordo com as faixas etárias no português feirense.....	90
Tabela 8 - Sujeito preenchido de acordo com a faixa etária.....	91
Tabela 9 - Sujeito preenchido de acordo com gênero/sexo	93
Tabela 10 - Sujeito pleno de 1ª ps. de acordo com o tipo de discurso.....	95
Tabela 11 - Sujeito preenchido de acordo com o material linguístico entre o sujeito e o verbo	97

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
1 SOBRE TEORIAS LINGÜÍSTICAS E FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO	18
1.1 VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGÜÍSTICA.....	18
1.1.1 Formas de investigação da variação e da mudança linguística	21
1.1.2 Princípios da mudança linguística	24
1.2 A TEORIA GERATIVA E OS CONCEITOS DE PRINCÍPIOS EPARÂMETROS.....	25
1.2.1 O parâmetro do sujeito nulo.....	27
1.3 AQUISIÇÃO DE L1 E L2.....	27
1.4 A INFLUÊNCIA DO CONTATO LINGÜÍSTICO PARA A FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	29
1.4.1 A transmissão linguística irregular	34
1.6 LÍNGUA, PODER E PRECONCEITO.....	37
2 METODOLOGIA E SÓCIO-HISTÓRIA DE FEIRA DE SANTANA	39
2.1 Metodologia	39
2.2 AMOSTRAS.....	43
2.3 Grupos de fatores.....	46
2.3.1 A variável dependente	46
2.3.2 As variáveis independentes	46
2.3.2.1 Tempo e modo verbais.....	46
2.3.2.2 Tipo de discurso.....	49
2.3.2.3 Material linguístico entre o sujeito e o verbo	49
2.3.2.4 Tipos de oração.....	50
2.3.3 Variáveis sociais	54
2.4 HIPÓTESE	54
2.5 FEIRA DE SANTANA: PONTO DE ENCONTRO DE DIALETOS.....	55
2.5.1 A formação da cidade de Feira de Santana.....	56
2.5.2 O povoamento em Feira de Santana e o contato linguístico	59
2.5.3 O processo de urbanização do Brasil: influências na cidade de Feira de Santana	62
2.5.4 Processo histórico-social da escolarização na cidade de Feira de Santana	65

3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	68
3.1 DADOS DA PESQUISA.....	68
3.1.1 Resultados gerais das amostras do português do nível universitário e do ensinofundamental I	70
3.2.1 Resultados gerais: sujeito preenchido de acordo com a escolaridade	76
3.2.2 Tipo de oração.....	79
3.2.3 Síntese dos resultados	86
3.2.4 Variável tempo e modo verbal.....	87
3.2.5 Variável social faixa etária	89
3.2.4 Síntese e comparação dos resultados encontrados.....	92
3.2.6 Grupos selecionados somente na amostra dos falantes de nível uiversitário	93
3.2.7 Variável gênero/sexo	93
3.2.7 Variável tipo de discurso	95
3.2.8 Material linguístico entre o sujeito e o verbo	96
3.2.9. Síntese dos resultados dos grupos selecionados do português do nível superior	98
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
REFERÊNCIAS.....	103
ANEXO A - Roteiro de entrevista	108
ANEXO B - A Chave de codificação.....	112
ANEXO C - RESULTADOS DOS GRUPOS NÃO SELECIONADOS	114

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa buscou descrever o comportamento linguístico na cidade de Feira de Santana, tendo como objeto de estudo a representação do sujeito de primeira pessoa do singular no português falado por universitários e por indivíduos que tenham cursado o ensino fundamental I.

O português brasileiro (PB) era reconhecido como uma língua *pro-drop*, ou seja, uma língua que se caracterizava pela opção positiva do parâmetro do sujeito nulo. Ao longo do tempo, especificamente a partir da segunda metade do século XX, tem-se observado uma mudança em direção à realização do pronome (cf. Duarte, 1993,1995).

Dessa forma, o preenchimento do sujeito tem sido a opção preferida pelos falantes do português brasileiro (PB). Essa mudança, segundo Duarte (1993), foi motivada pela redução da morfologia verbal. Em consequência disso, os falantes preenchem o sujeito em alguns contextos para evitar ambiguidade.

Para a efetivação deste estudo, utilizaram-se duas amostras com 24 entrevistas, das quais 12 integram o *corpus* do português de falantes universitários e 12 o *corpus* do ensino fundamental I. Os dados levantados foram distribuídos em três faixas etárias, ficando da seguinte forma: faixa I 25 a 35 anos, faixa II 45 a 55 anos, faixa III acima de 65 anos.

As amostras utilizadas são do *Projeto a língua portuguesa no semiárido baiano*, coordenado pelas professoras Dras. Norma Lúcia Fernandes de Almeida e Zenaide de Oliveira Novais Carneiro. A terceira fase do projeto tem por finalidade estudar o comportamento linguístico dos falantes feirenses. Esta base de dados vem sendo utilizada por muitos pesquisadores para estudos diversos sobre o português falado no semiárido baiano.

A região que hoje constitui o município de Feira de Santana começou a ser povoada no início do século XVIII, quando as suas atividades econômicas centravam-se na venda de produtos agrícolas e na pecuária.

A partir da década de 50, há uma rápida expansão na economia em virtude do desenvolvimento industrial, o que propiciou a vinda de várias pessoas da zona rural. Além disso, o entroncamento rodoviário faz essa cidade desfrutar de uma posição

privilegiada, pois, na medida em que favoreceu o seu crescimento econômico, também propiciou a interação entre falantes de diversas regiões que formaram e estão formando a variedade linguística local (FREITAS, 1998; ALMEIDA, 2005).

Apesar de ter-se optado por uma análise quantitativa dos dados, no desenvolvimento desse estudo, buscaram-se subsídios na Teoria Gerativa no sentido de conhecer trabalhos que discutem o parâmetro do sujeito nulo e seus desenvolvimentos mais recentes, especificamente no que se refere ao português brasileiro.

Para a análise de dados, elegeu-se, a Teoria da Variação e da Mudança Linguística ou Sociolinguística laboviana que dá conta das relações entre língua e sociedade e busca sistematizar a língua em uma comunidade de fala heterogênea. A variação linguística é considerada um fenômeno universal e pode ser entendida como “formas alternativas de dizer a mesma coisa com o mesmo valor de verdade” denominadas variantes (LABOV, 2008, p.221 [1972]).

Nesse sentido, uma variável é considerada dependente porque as variantes não são empregadas de forma aleatória, mas influenciada por fatores de ordem social e linguística. As variantes podem permanecer estáveis e alternar entre si, quando uma das formas desaparece, pode-se afirmar que houve uma mudança na língua (LABOV, 2008 [1972]).

No estudo da mudança linguística, há de se considerar os fatores estruturais e sociais. Alguns princípios são essenciais na explicação do modo em que ocorre a mudança, tais como: a mudança linguística não acontece de forma abrupta; não é uniforme; a mudança ocorre na comunidade, não é algo individual. O processo da mudança linguística acontece na comunidade de fala e se espalha a novos contextos linguísticos e sociais; para haver mudança é preciso que haja variação, mas nem toda variação implica mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, (2006[1968])).

Ao utilizar como suporte a Teoria da Variação e da Mudança Linguística, empreendeu-se um estudo em tempo aparente, tendo como objetivos específicos: (a) identificar quais fatores sociais que condicionam o uso do sujeito pleno; (b) conhecer quais estruturas linguísticas favorecem a realização do sujeito; (c) comparar os resultados das duas amostras, a fim de constatar qual delas realiza mais o sujeito e (d) verificar se no português falado em Feira de Santana o fenômeno em estudo está em um processo de variação estável ou mudança em progresso.

Os fatores linguísticos analisados foram: tipo de oração; modos/tempos verbais; tipo de discurso; material linguístico entre o sujeito e o verbo. Os fatores sociais considerados foram: faixa etária; gênero/sexo e escolaridade.

Inicialmente, constituiu-se uma só amostra reunindo os informantes dos dois níveis de escolaridade com o propósito de verificar se há diferenças de uso do sujeito pleno entre níveis de escolaridade diversos. Em um segundo momento, as amostras foram separadas para posterior comparação.

A hipótese geral que norteia esta pesquisa é a de que falantes feirenses mais escolarizados preenchem mais o sujeito de 1^aps. Além disso, espera-se também que nos tempos verbais que tendem ao sincretismo, como o pretérito imperfeito do subjuntivo, futuro do pretérito e pretérito imperfeito do indicativo, o sujeito seja preenchido.

Este trabalho está dividido em três capítulos. No capítulo I, são apresentados os pressupostos teóricos da Teoria da Variação e da Mudança Linguística, bem como conceitos e pressupostos da Teoria Gerativa. Além disso, trata-se da formação sócio-histórica do português brasileiro, estudo que se reveste de importância, uma vez que proporciona uma visão geral de como se deram as interações entre portugueses, índios e africanos e suas consequências no plano linguístico.

No capítulo II, descreve-se a metodologia utilizada – a da Sociolinguística Quantitativa Laboviana. Neste capítulo, apresenta-se também o projeto *A língua portuguesa no Semiárido baiano* do qual foram retirados os dados utilizados na pesquisa. Além disso, traz o panorama sócio-histórico da cidade de Feira de Santana.

No capítulo III, apresentam-se, primeiramente, os resultados gerais buscando verificar se a escolaridade influencia ou não na representação do sujeito. Em um segundo momento, mostram-se os resultados da análise das amostras em separado à proporção que se dialoga com pesquisas realizadas sobre o parâmetro do sujeito nulo com as quais se fazem comparações.

Nas considerações finais, retomam-se as variáveis que se destacaram no preenchimento do sujeito, deixando-se evidente que o estudo não se esgota nesse trabalho: a ampliação dos dados assim como um estudo em tempo real serão essenciais no sentido de tornar a amostra mais representativa e a análise mais refinada.

1 SOBRE TEORIAS LINGUÍSTICAS E FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Abordam-se, neste capítulo, as teorias que fundamentam a análise sobre o fenômeno do sujeito nulo – a variacionista laboviana –, buscando-se, assim, mostrar como os fatores de ordem estrutural e social influenciam na variação ou na mudança linguística e, na medida em que lida com mudança paramétrica, abordam-se também, alguns conceitos gerativistas tais como a própria noção de parâmetro e o processo de fixação de um dos seus valores pela criança no período de aquisição da linguagem bem como na aprendizagem de uma L2 com valor paramétrico diferente da L1.

Além disso, faz-se um percurso na história da formação do português brasileiro (PB), mostrando que as raízes dessa formação se vinculam à interação entre os indígenas, europeus e africanos.

1.1 VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA

No século XX, o linguista Ferdinand Saussure lançou a sua concepção teórica de língua e estabeleceu a oposição entre língua (*langue*) e fala (*parole*). Para o linguista genebrino, a linguagem não serviria como objeto de estudo dado o seu caráter multiforme e heteróclito, ou seja, um estudo mais acurado da linguagem envolveria elementos de natureza mental e abstrata que excederia os limites das investigações linguistas, já a fala, concebida como algo individual e, portanto, muito variável, não daria conta de explicar o funcionamento da língua (SAUSSURE, 1997 [1916]).

Ao delimitar o seu objeto de estudo, Saussure (1997[1916]) faz um recorte teórico-metodológico no qual concebe a língua como um sistema homogêneo que se impõe ao indivíduo de maneira que este não tem nenhum poder para modificá-la, constituindo-se esta um elemento de coesão social.

Do mesmo modo, o gerativismo considera a língua um objeto homogêneo a partir do construto teórico de uma comunidade homogênea. Seu proponente, Noam Chomsky, apresenta uma concepção de língua em que a faculdade da linguagem é uma propriedade inerente ao indivíduo. Nos termos de Chomsky (1981), o objeto teórico do gerativismo é a competência linguística do falante-ouvinte ideal, pertencente a uma comunidade linguisticamente homogênea e, portanto,

desvinculada do social. Contrapondo-se ao pressuposto teórico de Saussure e de Chomsky, Labov (2008 [1972]) afirma que a língua é heterogênea, sendo possível realizar uma análise sistemática de uma comunidade de fala diversificada.

William Labov (2008 [1972]) principiou seus estudos através da observação direta de uma mudança sonora numa comunidade dos Estados Unidos denominada de Martha's Vineyard, no estado de Massachusetts. Na comunidade, o linguista estudou a frequência e distribuição das variantes fonéticas /ay/ e /aw/, levando em consideração os fatores linguísticos, bem como a importância dos fatores extralinguísticos.

Labov (2008 [1972]), também realizou uma série de estudos sobre o comportamento linguístico dos habitantes da cidade de Nova York, além de fazer uma investigação sistemática, fez também um número de observações anônimas em lugares públicos com o propósito de verificar a presença ou a ausência da consoante /r/ em posição pós-vocálica. Com base nessa observação, constatou que a pronúncia do /r/ na fala das pessoas estabelece distinção social, pois a presença dessa consoante é vista como socialmente prestigiosa, enquanto a ausência, como um estigma.

Os primeiros estudos que tiveram como base a teoria da sociolinguística laboviana, como se pode observar, centravam-se nas investigações fonológicas. Dessa forma, o que viabilizou a continuidade da pesquisa nesse campo estrutural foi o grande número de fones/fonemas coletados, os quais deram suporte para o desenvolvimento da teoria variacionista (PAREDES DA SILVA, 2008).

Os sociolinguistas viram a necessidade de estender esses estudos às variantes sintáticas e depararam com problemas de valor referencial, uma vez que as variantes podem ter diferenças de foco. Diante do problema, Lavandera (1984) propôs o enfraquecimento da equivalência semântica através da comparabilidade funcional, ou seja, os significados das variantes devem ser o mesmo, por essa razão nem todas as estruturas podem ser objeto de estudo numa comunidade de fala. Recentemente, muitos são os estudos que se fizeram no Brasil e alhures sobre variáveis sintáticas como este que ora apresentamos. Desse modo, uma breve menção às suas premissas faz-se necessária.

O objeto de estudo da Sociolinguística é a gramática da comunidade de fala que usa a língua em situações concretas num determinado contexto histórico. A teoria da Variação e da Mudança concebe a diversidade linguística como objeto passível de investigações, defendendo a ideia de que a variação não é aleatória e sim

condicionada por uma série de fatores estruturais e sociais. Para ocorrer mudança é necessário que formas alternativas sejam usadas em variação e que no decorrer do tempo a nova variante suplante a antiga, momento em que a mudança ocorre. É possível, porém, que as formas diferentes permaneçam em uso como é o caso do *nós/a gente* do português brasileiro. Isso significa que toda mudança implica variação, mas nem toda variação implica mudança.

A língua pode ser estudada pelo recorte sincrônico ou comparando as sucessivas mudanças acontecidas na diacronia (Labov, 2008 [1972]).

Ao admitir que variação e a mudança são fenômenos primordiais, para entender a língua de uma comunidade, Labov (2008 [1972]) busca correlacionar as estruturas variáveis à estratificação social, já que, em suas pesquisas, algumas variantes mostraram-se sensíveis ao nível sociocultural do falante, o que comprova a inter-relação entre língua e classe social.

No estudo dos fenômenos linguísticos, existem fatores estruturais e sociais que podem atuar favorecendo ou desfavorecendo certas variantes e impulsionando ou retraindo mudanças de formas semanticamente equivalentes. Os fatores estruturais referem-se aos elementos internos da língua, podendo se apresentar na estrutura morfológica, fonológica e sintática, já os fatores sociais são considerados elementos externos ao sistema, tais como: faixa etária, gênero/sexo, escolaridade, profissão, entre outros.

A conjugação dos fatores estruturais e sociais constitui-se no importante recurso para se observar a variação ou a mudança em curso da língua. A inovação linguística pode se iniciar em qualquer grupo e se propagar para outros grupos, sendo que a faixa mais jovem está mais suscetível a introduzir inovações na língua. As mudanças linguísticas podem partir de uma classe de prestígio e se generalizar ou começar na classe baixa e, pouco a pouco, se estender às demais. Labov (1994, p.78) afirma que mudanças “vindas de baixo” são mais recorrentes ao passo que as mudanças promovidas pelas classes sociais, alta e média alta “representam empréstimos de outras comunidades de fala que têm maior prestígio na visão da classe dominante [...] e aparecem inicialmente no estilo cuidado...”

Outro destaque importante é o gênero, pois tanto os homens quanto as mulheres podem promover mudanças linguísticas. Retomando os estudos realizados na cidade de Nova York por William Labov (2008 [1972]), por exemplo, verificaram-se diferenças no comportamento linguístico entre homens e mulheres. Ficou

comprovado que as mulheres, ao utilizarem um estilo mais cuidado, são mais sensíveis à pronúncia do *r* retroflexo, variante de prestígio, dessa forma se cristalizou a seguinte afirmação: quando se trata de encabeçar uma mudança, as mulheres lideram a variante de prestígio, enquanto os homens são mais suscetíveis a implementar as variantes socialmente desprestigiadas. Essa afirmação não é algo determinante, uma vez que nem sempre a polarização entre as variantes passa por uma avaliação negativa, e ainda mais: o falante molda o seu comportamento linguístico de acordo com o contexto social. Além disso, em alguns contextos, os homens tendem a sair da comunidade e assimilar formas de prestígios, abandonando as variantes da norma popular de modo que as generalizações de que as mulheres são mais conservadoras nem sempre procedem.

O comportamento linguístico do falante pode ser influenciado pela classe social em que ele está inserido. Assim, Labov (2008[1972]) constatou que as mudanças da língua podem ser observadas através da classe social ou grupo social, no sentido de a forma inovadora poder começar nas classes baixas e, ao se propagar e ser aceita na classe alta, torna a variante neutra ou prestigiosa.

Outro fator importante é a variável escolaridade, uma vez que a escola impõe uma forma considerada correta, utilizando mecanismos para coibir as variantes estigmatizadas. Por essa razão, quando se compara a fala das pessoas escolarizadas que desfrutam de prestígio social e econômico com a fala das pessoas que não usufruem de tal prestígio verifica-se a distinção na forma de falar.

1.1.1 Formas de investigação da variação e da mudança linguística

As mudanças na língua acontecem de maneira gradual e uma forma de constatar as mudanças é observar os fatores sociais como, por exemplo, a idade, vinculada à hipótese do tempo aparente, que permite verificar se, em uma dada pesquisa, há uma variação estável ou uma mudança em progresso.

No tempo aparente, é possível observar o comportamento linguístico das faixas etárias e se a faixa mais jovem difundiu novas variantes que substituirão as formas linguísticas dos grupos mais velhos (LABOV, 1994). Essa metodologia vincula-se a hipótese clássica de que a L1 em um indivíduo se forma até os 15 anos de idade.

Relacionando idade e estado da língua, há a hipótese de que a língua usada por uma pessoa de 60 anos corresponderia a um estado de língua de 45 anos atrás, ao passo que a língua usada por uma pessoa de 30 anos corresponderia a um estado de 15 anos atrás e a de uma pessoa de 15 anos seria correspondente ao estágio de língua atual (NARO, 2008).

A aplicação do modelo de tempo aparente – para identificar se houve variação ou mudança em progresso de uma variante a partir das comparações entre as faixas etárias – não apresenta resultados conclusivos, uma vez que pode evidenciar alguns problemas operacionais. Acerca disso, Paiva e Duarte (2008, p.179), afirmam:

O estudo em tempo aparente, ainda que teoricamente sustentável, se depara com dificuldades nem sempre contornáveis com os recursos heurísticos disponíveis. A primeira se refere à própria validade da hipótese clássica acerca da aquisição da linguagem. A segunda dificuldade está no fato de que as correlações sistemáticas com a variável idade não são, muitas vezes, índices conclusivos de uma mudança em progresso na língua.

O problema relacionado ao tempo aparente ocorre porque a mudança linguística se vincula a alterações que podem ocorrer na comunidade relacionando-se ao seu processo histórico ou mudanças no comportamento linguístico do próprio falante, além disso, a fala do indivíduo sofre variações ao longo do tempo, é o que Labov (1994) define como gradação etária. Logo, para se obter resultados mais consistente em relação à mudança na língua, é necessário analisar o fenômeno linguístico, relacionando o comportamento do indivíduo às faixas etárias e buscando evidência no tempo real de modo que a conjugação do estudo do tempo aparente ao estudo do tempo real torna-se essencial para obter resultados mais fidedignos.

Estudos realizados por Duarte (1995) mostram a mudança em tempo aparente, em relação ao parâmetro do sujeito nulo. Essa mudança ficou evidente quando a autora comparou as três faixas etárias do *corpus* de fala espontânea extraída de informantes paulistas universitários. Nesse estudo, ficou comprovado que o sujeito exposto encontra resistência na faixa etária mais velha e daqueles que são mais escolarizados, porém os falantes pertencentes às faixas jovens e de baixa escolaridade tendem a expressar mais o sujeito, isto é, utilizar com maior frequência a forma inovadora.

No estudo do tempo real, são observadas as mudanças que aconteceram na fala do indivíduo ou da comunidade, denominados, respectivamente, de estudo de

painel e estudo de tendência, o que demanda um lapso de tempo entre uma pesquisa e outra para se constatar se de fato houve a mudança.

No estudo de painel, o pesquisador tem a oportunidade de fazer o recontato com os mesmos indivíduos. Dessa maneira, a hipótese é a de que o indivíduo muda o seu comportamento linguístico, mas a comunidade permanece estável. Já no estudo do tipo tendência, o pesquisador toma como base estudos realizados na mesma comunidade para assim fazer uma comparação com os dados já existentes.

Paiva e Duarte (2008, p.188), afirmam que “Essa técnica, [...] permite verificar em que medida mudanças na configuração social de um grupo podem se refletir na propagação, estabilização ou recuo de processos de mudanças.” Então a hipótese é a de que há mudança da comunidade enquanto no indivíduo permanece estável. A Tabela 01 abaixo mostra o total de sujeitos expressos no estudo em tempo real de curta duração, realizado por Duarte, (2003).

Tabela 1 - Sujeitos expressos em tempo real de curta duração

Estudo de Painel		Estudo de Tendência	
Amostra 80 (I)	Amostra 00 (I)	Amostra 80 (C)	Amostra 00 (C)
1696/2168	1646/2056	3640/4540	3421/4264
78%	80%	80%	80%
.79	.81	.81	.81

Fonte: DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (2003, p. 116)

Este estudo desenvolvido por Duarte (2003) confirma os resultados encontrados por ela em 1995. De acordo com a autora, o preenchimento do sujeito é a opção escolhida pelos falantes cultos cariocas, porém existem alguns contextos sintáticos em que a categoria vazia predomina. A proximidade dos percentuais no preenchimento do sujeito e o curto período em que foram analisadas as amostras não sugerem uma mudança na estrutura linguística (DUARTE, 2003).

Diante do que foi abordado, fica evidente que a teoria da Variação e da Mudança rompe com a dicotomia sincronia/diacronia, relacionando-as. Na sincronia, as mudanças linguísticas podem existir simultaneamente em diferentes fases. Na perspectiva diacrônica, há possibilidades de observar o encaixamento das variantes e por meio do **Princípio de Uniformitarismo** constatar que alguns mecanismos que

conduziram mudanças no passado podem influenciar mudanças no presente (LABOV, [1972] 2008).

1.1.2 Princípios da mudança linguística

No estudo da mudança, além de serem essenciais os fatores linguísticos e sociais, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) ressaltam que uma teoria da mudança linguística deve responder a cinco questões, quais sejam:

a) O que desencadeia uma mudança? (implementação). A mudança se inicia em determinada estrutura linguística e se difunde para grupos específicos da comunidade de fala. Para responder por que a mudança ocorreu em um determinado espaço/ tempo e não em outro se deve realizar uma investigação.

b) Quais mudanças são possíveis? (o problema do condicionamento). A identificação dos fatores que determina qual é a direção da mudança, permite verificar se a mudança é universal.

c) Como se propaga a mudança na estrutura linguística e na sociedade? (transição). Esse problema responde como a língua muda e como acontece a transmissão de traços linguísticos de um falante para o outro. A mudança ocorre quando há alternância das variantes linguísticas e uma das formas se torna ultrapassada, além disso, a transmissão pode acontecer entre grupos de idades diferentes.

d) De que modo as mudanças se encaixam na estrutura linguística e social? (encaixamento). O problema do encaixamento pode se apresentar na estrutura linguística ou social, a mudança é encaixada em outras mudanças, as quais se relacionam também com o aspecto social.

e) Como os falantes avaliam as mudanças? (avaliação) Esse problema da avaliação se refere ao comportamento da comunidade de fala diante da mudança em progresso, ou seja, como os falantes jugam as mudanças que acontecem na fala.

A mudança da língua pode ser investigada em momentos diferentes. Contudo, o acesso aos estágios intermediários dessa mudança, pode se constituir em algo difícil. A análise da implementação da mudança através dos fatores estruturais/sociais, aliado à teoria da mudança linguística possibilita levantar

hipóteses que expliquem como se instala a nova variante entre os estágios de uma língua (PAIVA; DUARTE, 2006).

1.2 A TEORIA GERATIVA E OS CONCEITOS DE PRINCÍPIOS E PARÂMETROS

As línguas do mundo são heterogêneas e, portanto, apresentam características fonológicas, morfológicas e sintáticas que as diferem entre si. Com o avanço dos estudos engendrados pela teoria gerativa, novas concepções acerca da linguagem surgiram. A partir da comparação entre línguas observou-se presença de elementos comuns presentes nas diversas línguas e estabeleceu-se uma tipologia de línguas relacionada à marcação de parâmetros.

O pressuposto teórico apresentado por Chomsky (1981) parte do princípio de como funciona a língua na mente/cérebro do indivíduo. Ao definir o objeto de estudo, a língua, como a competência linguística do falante/ouvinte ideal, Chomsky levantou a hipótese de que as frases são produzidas na mente do indivíduo a partir de regras que são processadas de maneira inconsciente. Portanto, o que há de comum em todos os seres humanos é o dispositivo inato de aquisição da linguagem, o qual está registrado na genética de cada um.

Para compreender os aspectos da mente humana, é importante distinguir os conceitos de **Língua-I** da **Língua-E**. Esta o indivíduo a desenvolve através da interação, por isso é considerada como fenômeno histórico e sociocultural. Essa língua interessa aos gerativistas na medida em que fornece informações que estão registradas em seu léxico. Já **Língua-I** é a capacidade que o indivíduo tem para produzir e compreender inúmeras sentenças. Esse conhecimento inconsciente do falante é denominado de **competência**, já a forma como a língua é usada chama-se de **desempenho** (KENEDY, 2013).

Chomsky postulou que todo ser humano possui o dispositivo inato de linguagem e a Gramática Universal (GU) o torna apto a adquiri-la. A GU é o estágio inicial de uma criança que está aprendendo sua língua materna e se constitui de princípios e parâmetros, portanto, as diferenças e as semelhanças existentes nas línguas naturais são interpretadas à luz dessa teoria. Os princípios são leis gerais válidas para todas as línguas naturais e os parâmetros são propriedades que uma

língua pode marcar de forma positiva ou negativa, determinando as diferenças entre as línguas (MIOTO et al, 2013).

O parâmetro do sujeito nulo se apresenta em línguas como italiano, espanhol e português europeu de forma positiva (+), já em línguas como o francês e o inglês, ele é marcado negativamente. Portanto, enquanto os princípios são inatos, os parâmetros serão fixados pela experiência de cada indivíduo com sua língua materna. (KENEDY, 2013).

A questão do licenciamento do sujeito nulo esteve sempre ligada à riqueza morfológica das línguas. Nesse sentido, as línguas cujo parâmetro é positivamente marcado apresentam as seguintes características (a) sujeito nulo (b) inversão livre; (c) aparente violação do filtro “that trace”. Vejam-se os exemplos em que se opõem o português europeu, uma língua de sujeito nulo, com o inglês, uma língua de sujeito expreso.

PE: O João telefonou

Telefonou o João

ING: John called

*Called John

PE: Que estudante você disse que comprou um computador?

ING: *Which student did um say that bought a computer?

No português brasileiro, existem contextos como nas orações coordenadas com sujeitos co-referentes, e em orações independentes em que há uma maior incidência de sujeito nulo. Essa situação justifica-se quando o referente é mantido ou esperado. Na pesquisa realizada por Duarte (1995), verificou-se a predominância do sujeito preenchido em todas as pessoas do discurso à exceção da 3ª, singular e plural em que há resíduo de sujeito nulo.

Com isso, inferia-se que o PB estaria passando por uma mudança paramétrica, pois, em um contexto em que a criança recebe um *input* de pronomes sujeitos realizados, ela passa a fixar um parâmetro negativo, promovendo dessa forma a mudança. Embora tendo uma base biológica, a investigação de fatores históricos é importante para averiguar como se processou a mudança.

1.2.1 O parâmetro do sujeito nulo

Como dito anteriormente, o parâmetro é um elemento variável entre as línguas do mundo, uma vez que existem línguas que admitem e até exigem o sujeito nulo e outras em que as sentenças só se realizam com o sujeito expresso. Segundo Duarte (1993) o que diferencia as línguas é o elemento de concordância AGR(flexão), que ao mesmo tempo licencia e permite retomada do sujeito nulo, em línguas consideradas ricas em seu sistema flexional.

Todavia essa riqueza flexional deixou de ser uma explicação exclusiva, pois estudos realizados por Huang, 1984(*apud* DUARTE, 1993, p.108) mostraram que na língua chinesa, há sujeito nulo pronominal, porém o diferencial em relação às línguas românicas é que o chinês apresenta um paradigma verbal sem flexões. Com isso, a riqueza flexional das línguas *pro-drop* foi questionada (DUARTE, 1993).

Foi a partir dessa constatação que surgiram novas propostas de análise em relação ao parâmetro de sujeito nulo. Kato e Duarte (2014) propõem que o português brasileiro está se estabelecendo como uma língua de sujeito nulo parcial, isto é, uma língua em que o sujeito nulo é licenciado sob certas restrições, uma delas sendo a acessibilidade do referente e a outra a hierarquia de referencialidade, ou seja, quanto mais referencial e específico for o sujeito, maiores são as chances de ocorrer o sujeito pleno. Assim, a primeira e a segunda pessoa, referenciais por excelência, favorecem o sujeito pleno.

Embora os sujeitos referenciais sejam os responsáveis pela mudança em curso do português brasileiro, não há possibilidade de realização do sujeito expletivo pleno em sentenças impessoais, por isso o PB é considerado como língua de sujeito nulo parcial, diferente do francês e do inglês em que o sujeito deve vir obrigatoriamente expresso.

1.3 AQUISIÇÃO DE L1 E L2

A aquisição da língua materna acontece na tenra infância. Estudos realizados por Chomsky (1981) comprovam que na fase dos dois anos e seis meses, a criança já possui o sistema completo da linguagem no sentido de conseguir realizar sentenças complexas ao se comunicar. Este processo está atrelado ao dispositivo inato de aquisição de linguagem registrado na gramática universal (GU), a partir dos insumos

que recebe de seus pais este dispositivo é ativado e a criança vai selecionando as regras que ouve ao seu redor o que significa também escolher e fixar os parâmetros.

Nessa concepção teórica, foram desenvolvidos os conceitos de Língua-I e Língua-E. Esta com a finalidade de esclarecer as noções de uso, enquanto aquela se processa na mente do indivíduo e refere-se ao conjunto de habilidades que a capacita a construir inúmeras sentenças ao estabelecer a comunicação. Logo a Língua-E se define de acordo com o contexto sociocultural, histórico e político, ou seja, é a maneira como a língua é compartilhada pelos indivíduos em uma sociedade (KENEDY, 2013).

Já a aquisição de L2 se configura como um processo diferente, ou seja, no contexto da aquisição, a aprendizagem acontece de maneira formal ou numa situação de imersão linguística. Existem concepções diferentes dos diversos autores que estudam a aquisição de L2. Dessa forma, há uma distinção entre os gerativistas que tem uma concepção biológica em relação à língua, por outro lado, há teorias que explicam a aquisição da língua através de processos gerais, porém não negam a existência de uma base cognitivista (MELLO, 2011).

A convergência de algumas teorias ao focalizarem o estudo de L2 encontra-se na semelhança de concepção sobre a aprendizagem em que se utilizam conceito de interlíngua. Para Mello (2011, p. 462), “a interlíngua é definida como um sistema em desenvolvimento em um indivíduo que está no processo de aquisição de L2”. Para que a criança adquira a linguagem (L1) tem de estar em contato com o meio social, na aquisição de L2 a imersão linguística, cultural, social será essencial para uma aprendizagem mais espontânea.

A aquisição da segunda língua também se vincula às mudanças linguísticas promovidas pelo contato. A pidginização no Brasil atuou como um processo intermediário para a aprendizagem da língua do dominador pelos negros. O contato com a segunda língua ocorreu no Brasil desde o tempo em que os europeus estabeleceram as primeiras aproximações com os índios, todavia a aquisição de L2 através do contato ocorreu quase sempre de maneira incompleta. Quando o contato linguístico ocorre entre o indivíduo e uma comunidade, há consequências para as línguas do dominado e do dominador (MELLO, 2011).

No período da colonização, no Brasil, os índios e os negros foram coagidos a aprenderem ao português como L2. Os indígenas, em sua grande maioria, foram dizimados e, com eles, as suas línguas, e aqueles que ficaram foram catequizados e

aculturados em todos os aspectos. Também os negros aprenderam o português L2 para estabelecer comunicação com seus senhores e com outros negros falantes de línguas diferentes. Segundo Mello (2011, p. 445):

[...] O português L2 adquirido por indígenas e africanos deve ter se configurado com enorme grau de variabilidade, com diferentes possibilidades de interlíngua, assim como também com diferentes níveis de uso e especialização comunicativa. É possível que além das óbvias marcas lexicais contribuídas ao português, provenientes desses dois grupos linguísticos tenham ficado traços sintáticos, semântico e fonológicos desenvolvidos ao longo do contínuo interlinguístico.

Embora se tenha negado a influência linguística dos contatos com indígenas e africanos com o português, as suas contribuições para a formação do português brasileiro estão representadas pelas condições sócio-históricas em que a aprendizagem do português aconteceu, isto é, em condições adversas, já que a população escrava tinha acesso limitado à língua do colonizador. Dessa forma, o que foi reproduzido e passado para as gerações posteriores foi uma língua de gramática simplificada, alterada por insumos africanos e com um vocabulário restrito (LUCCHESI; BAXTER, 2009).

Para explicar como acontece o processo de aquisição de L1 e L2, Kroch (2003, p.2) afirma que “a mudança linguística é por definição uma falha na transmissão de traços linguísticos através do tempo.” Segundo o autor, tais falhas ocorrem durante o processo de aquisição de L1 ou ainda na aquisição de L2 pelo adulto exposto a uma outra língua. No primeiro caso, a origem de tais falhas parece estar na evidência disponível à criança que, por alguma razão, mostra-se ambígua. No caso da aquisição de L2, deve-se ao acesso limitado à língua alvo, como propõem. Luchesi; Baxter; Ribeiro (2009), e à interferência da língua materna.

1.4 A INFLUÊNCIA DO CONTATO LINGUÍSTICO PARA A FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

No início da colonização do Brasil, eram poucos os portugueses que vinham se estabelecer na colônia. Com o tráfico negreiro e as línguas indígenas que aqui existiam, formou-se um panorama linguístico diversificado em que predominaram inicialmente o bilinguismo, o multilinguismo e a criouliização.

A ocupação das terras brasileiras aconteceu com o estabelecimento das capitânicas hereditárias. Ao longo dos séculos, portugueses de todas as regiões se deslocaram para essa colônia portuguesa, porém, a grande maioria pertencia às classes humildes, os quais apresentavam comportamento linguístico conservador, tal como os seus hábitos de vida (SILVA NETO, 1979).

Nos estudos realizados por Serafim da Silva Neto (1979) há especulações de que os portugueses deslocados para o Brasil apresentavam variantes linguísticas de ordem regional e social. Os colonizadores vieram de todas as partes de Portugal, resultando com isso na interação linguística entre os povos das diversas regiões do país, talvez isso explique o distanciamento entre o português falado em Portugal e o português falado no Brasil, além disso, ressalta-se que houve interações linguísticas entre europeus, índios e negros.

Na fase inicial da colonização no Brasil, houve um período de bilinguismo para assim viabilizar a comunicação. A Companhia de Jesus, que tinha como ideologia catequizar os índios, utilizou a estratégia de aprendizagem das línguas indígenas, o que reforçou a propagação da língua geral e despertou o interesse do Pe. Anchieta para a produção de uma gramática da língua mais usada nesse período.

O panorama linguístico que se delineou no Brasil no século XVI foi a comunicação entre portugueses, índios e mestiços através da língua geral (de base tupi). Os portugueses utilizavam essa língua a fim de satisfazer os seus próprios interesses, visto que não havia a preocupação de elevá-la à condição de língua de prestígio social ou cultural.

Nesse sentido, o tupi funcionou como o adstrato para os portugueses e como o substrato para os índios. Uma língua funciona como substrato quando incorpora traços linguísticos de outra, já o adstrato ocorre nos casos em que duas línguas coexistem com influências mútuas (SILVA NETO, 1979).

As línguas gerais (tupi e tupinambá) se difundiram pela costa do litoral brasileiro e conviveram com o português até o século XVIII, em São Paulo, ali suplantando a língua europeia. A difusão destas línguas teve seu início no litoral paulista estendendo-se ao interior do país, o que viabilizou a interação entre índios e portugueses, retardou a implantação do português europeu e impediu o surgimento de um pidgin e/ou um crioulo de base lexical tupi (RODRIGUES, 2006).

Para estabelecer o domínio das terras brasileiras, o rei de Portugal instituiu as capitânicas hereditárias, dividiu as terras em lotes e distribuiu aos nobres do seu país,

essa ação culminou em expedições lideradas por donatários e governadores-gerais, os quais dizimaram milhares de índios.

No Recôncavo baiano, por exemplo, o governador Mem de Sá exterminou os tupinambás e os tupiniquin, já na capitania de Pernambuco, Duarte Coelho e seu filho destruíram toda a aldeia e, assim, os índios que habitavam na costa leste foram dizimados com exceção daqueles que habitavam em São Vicente (RODRIGUES, 2006).

Aos poucos, as línguas indígenas foram desaparecendo seja pelo extermínio praticado pelos portugueses ou pelas mazelas que acometiam os índios, contudo os portugueses distantes de suas terras tomavam para si mulheres indígenas. Dessa relação nasceram os mamelucos, que mantinham hábitos de vida e comportamento linguístico diferentes da cultura dos nativos.

Na região da Amazônia, a colonização teve início um século após a ocupação oficial dos portugueses em terras brasileiras. A população dominante era tupinambá, esse povo teve que lidar com as invasões dos franceses, ingleses, irlandeses e holandeses que reagiram contra os portugueses, assim como na capitania de São Vicente onde as mulheres tupis-guaranis se relacionaram com europeus dando origem a uma população mestiça.

Além da proibição do Marquês de Pombal do uso da língua geral, outro fator que contribuiu para a redução do uso das línguas gerais no Brasil foi a revolta da Cabanagem, provocando o genocídio de muitos indígenas no Pará, região que teve de ser repovoada para a exploração da borracha. Com isso, um grande número de nordestinos se deslocou para a região. Por sua vez, esses homens falavam português e contribuíram para implantação da língua portuguesa, ademais o ciclo da borracha influenciou nas mudanças econômicas e sociais ocorridos na região amazônica (RODRIGUES, 2006).

Na metade do século XVIII, as línguas gerais se enfraqueceram. Diversos fatores contribuíram para a sua decadência, entre eles a chegada de imigrantes que vieram explorar o ouro, e a política linguístico-cultural implantada pelo Marquês de Pombal que expulsou os jesuítas, fomentadores da difusão das línguas gerais, e instituiu no território brasileiro a língua portuguesa como oficial.

Para expandir a economia no Brasil, os portugueses desenvolveram o sistema de mão de obra escrava. Ao encontrarem resistência dos índios que se recusaram ao trabalho forçado e dos jesuítas que se opuseram à exploração do autóctone, os

senhores optaram por capturar os africanos e assim fortalecer a expansão da cultura da cana-de-açúcar. Esse ciclo econômico aliado ao do café e a exploração do ouro em Minas Gerais favoreceu o tráfico de milhares de africanos para o Brasil.

O cenário linguístico no Brasil passou a ganhar forma a partir da interação entre europeus, indígenas e africanos. As relações estabelecidas deram origem a uma população mestiça. Dessa forma, o português foi adquirido como segunda língua pelos índios e africanos, cujas línguas maternas em contato com o português brasileiro, promoveram mudanças na língua alvo, o português europeu (MELLO, 2011).

Ao descrever o processo de formação do português brasileiro, Serafim da Silva Neto (1979, p. 601) reconhece a presença de variáveis linguísticas trazidas pelos contatos entre africanos e indígenas, porém tais variantes são por ele vistas de forma negativa, pois, segundo o autor, havia exagero na pronúncia e simplificação da morfologia, por isso, ele faz a seguinte afirmação: “[...] Estão em choque (como nos mostram os fatos) a língua geral, a linguagem tosca e rude do negro e do índio, o Português da terra e o Português dos reinóis.”

O contato dos africanos com os europeus foi mais duradouro. Assim, a língua por eles aprendida, na idade adulta e sem nenhuma instrução formal, a partir de sua inserção em todos os ciclos econômicos do Brasil, foi transmitida aos seus descendentes já modificada em todos os níveis da gramática. Embora Melo (1981) reconheça a influência africana na formação do português brasileiro, há também uma concepção negativa do influxo africano e um discurso de superioridade em relação ao português europeu. A respeito disso, Melo (1981, p. 87) afirma: “Ainda que muito maior tivera sido o contributo africano ao léxico brasileiro, isso em nada desfiguraria a língua portuguesa.”

Ao se referir às raízes africanas no Brasil, Melo (1981) fala sobre a existência de duas línguas gerais trazidas pelos africanos: o nagô ou ioruba, que predominou na Bahia, e o quimbundo em outras regiões. O quimbundo teve destaque, porque foi a língua mais usada pelos negros em diversas regiões do país. Por apresentarem morfologia pobre, infere-se que traços dessas línguas foram passados para o português, resultando na simplificação da morfologia e na redução das flexões.

Sobre a aquisição imperfeita pela população aloglota, Lucchesi; Baxter (2009, p. 71-72) afirmam:

Desse modo, num nível sociolinguístico mais representativo, deve-se pensar, não em termos de crioulização estrita, mas no processo mais amplo de transmissão linguística irregular que se caracteriza fundamentalmente pela simplificação e/ou eliminação de certas estruturas gramaticais; ou ainda, em outras palavras, pelo aumento na frequência de uso das formas não marcadas, bem como a sua generalização paradigmática.

Esse processo se constituiu um importante vetor de formação do português brasileiro, uma vez que as formas linguísticas adquiridas pelos adultos por meio da imposição do grupo dominante foram passadas para as crianças, resultando no surgimento de uma nova variedade histórica.

A língua divergente adquirida em situação adversa se expandiu no Brasil acompanhando os ciclos econômicos: o ciclo da mineração em Minas Gerais, lugar que recebeu pessoas de todo o país e para onde os escravos foram deslocados; a expansão das fazendas de café, nas quais se utilizou a mão de obra escrava, o que resultou da convergência de negros e de brancos (LUCHESSI, 2009).

O contato linguístico entre povos diferentes pode gerar línguas denominadas de pidgin e crioulas. O pidgin é um sistema de comunicação utilizado numa situação de emergência e se configura no uso simplificado do léxico das duas línguas. A princípio, os povos interagem através de gestos, porém, com o passar do tempo, surge a necessidade de constituir um sistema linguístico mais eficaz que favoreça o entendimento entre os falantes, podendo originar o crioulo, ou pode desaparecer quando cessa a interação (TARALLO; ALKMIN, 1987, p. 79).

A história retrata que o contexto de surgimento do pidgin foi mais frequentemente o das relações comerciais, já o crioulo originou-se por meio das invasões dos europeus em terra estrangeiras, sobretudo em ilhas desabitadas.

No século XVI, houve um crescimento econômico vertiginoso das nações europeias, esse desenvolvimento culminou com a dominação de diversos povos que no contato com o europeu mesclaram suas línguas. Para corroborar essa afirmação, Tarallo e Alkmin (1987, p. 95) declaram: “em sua grande maioria, os crioulos surgiram em regiões de colonização europeia na África, nas Antilhas, no Caribe e na Ásia, processo deflagrado pelo deslocamento de populações escravas de suas regiões nativas para além-fronteira.”

As línguas crioulas e as línguas pidgins apresentam algumas semelhanças em suas estruturas. As características que aproximam as duas línguas são: sistema simplificado, redução morfológica, sintaxe simples e léxico “pobre”. Segundo Hall

Jr. (1966 *apud* TARALLO e ALKMIN, 1987, p.97), o pidgin torna-se crioulo quando usado pelas gerações posteriores, isto é, como língua nativa. Contudo, não são todas as situações em que o pidgin formará um novo sistema linguístico na comunidade, denominado crioulo.

A língua portuguesa no Brasil se difundiu pelo interior do país, e os responsáveis pela propagação foram os afrodescendentes, que aprenderam o português à oitava. Algumas das variedades do português popular, sobretudo aquelas de comunidades isoladas apresentam características de língua crioula, esses traços são encontrados com mais frequências em comunidades rurais ou quilombolas em que seus habitantes, em sua grande maioria, não tinham acesso à escola.

Silva Neto (1979, p. 597) já observava o contraste do comportamento linguístico entre os falantes do centro urbano e da zona rural por isso afirmou:

A influência dos aloglotas está na razão direta do seu número na composição demográfica da localidade e na razão inversa dos meios de instrução de que dispõe. Ela é por isso quase nula nos centros urbanos e bastante grande nas zonas rurais.

Com base em investigações da sócio-história, Mattos e Silva (2008, p.102) ratifica a partir de dados históricos que foram os afrodescendentes os responsáveis pela difusão do português popular, enquanto o português culto brasileiro foi propagado pela elite descendente dos portugueses.

1.4.1A transmissão linguística irregular

Nas pesquisas coordenadas por Dante Lucchesi e Alan Baxter (2009), no Projeto Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia, revelaram alterações no português falado por afrodescendentes.

O panorama sociolinguístico mostra que os negros, depois da efetiva abolição da escravatura, se dedicaram à cultura de subsistência e, isolados nas comunidades quilombolas, desenvolveram uma forma de falar com alterações em algumas estruturas linguísticas que foram passadas para as gerações posteriores sem muitas modificações até a primeira metade do século XX. Todavia, com o processo de urbanização, o cenário linguístico dessas comunidades ganhou uma nova roupagem.

Sabe-se que nessas comunidades havia características linguísticas decorrente de situações de contatos, mas não se pode afirmar de maneira categórica a existência de grupos crioulofônos, pois não existem documentos para certificar, nem há provas que contestem que houve um processo de criouliização nas comunidades quilombolas.

As pesquisas realizadas Dante Lucchesi e Alan Baxter (2009) nas comunidades rurais mostram que houve transmissão linguística irregular mais sutil, entretanto nas comunidades afrodescendentes foram encontradas mudanças mais profundas, cujas características se assemelham a um processo de criouliização

Para a concretização da pesquisa desses autores, foram escolhidas quatro comunidades diferentes do Estado da Bahia: Helvécia, Cinzento, Barra e Bananal e Sapé. No estudo, a comunidade que apresentou traços que mais se aproximou da língua crioula foi Helvécia. A sócio-história dessa região mostra o pouco contato que os escravos mantiveram com o português, pois os senhores dessa região eram estrangeiros, e o modelo dominante para as crianças aprenderem o português era o produto da interação com outros escravos que pertenciam às fazendas próximas além do contato com capatazes brasileiros falantes do português.

O que se destaca para a difusão de variedades crioulizadas é o índice considerável de africanos em relação aos europeus. Além disso, havia uma quantidade maior de escravos adultos do que de crianças, com isso a língua passada para os nativos já se apresentava modificada com alguns traços de línguas africanas. Nas gravações realizadas pelo Projeto Vertentes, identificaram-se resquícios de falas crioulas, tais como: ausência de artigo, ausência de concordância nominal de gênero e ausência de concordância verbal (LUCCHESI; BAXTER et al., 2009).

As investigações realizadas nas comunidades rurais e quilombolas corroboram os estudos de Silva Neto (1979) quando afirma que os africanos se concentram mais no interior. Não se pode negar que os africanos deixaram um importante legado para a sociedade brasileira, seja na cultura ou na língua portuguesa, por meio das interações linguísticas sua participação tornou-se significativa para a formação da identidade do povo brasileiro.

Em todo o território brasileiro a presença do negro se intensificou em virtude de fatores econômicos, uma vez que a mão de obra escrava era mais rentável. A abolição da escravatura e o crescimento econômico no Brasil favoreceram o deslocamento de afrodescendentes por todo o território do país, pois muitos se

deslocaram para as regiões centro-oeste e centro-sul em busca de melhores condições de vida (PESSOA DE CASTRO, 2006).

A realidade contemporânea no Brasil mostra um contraste entre as classes sociais, marcada por desigualdades em que uma minoria branca detém o poder aquisitivo e a grande massa formada pela mescla entre brancos, negros e índios está à margem da sociedade sem ter os direitos básicos assistidos. Nesse cenário, impera a exclusão gerada pela violência e a discriminação racial, além disso, se vincula a essa circunstância o preconceito linguístico em relação às variantes usadas pelo povo marginalizado.

No artigo “Parâmetros sociolinguísticos do português brasileiro”, Dante Lucchesi (2006) fala sobre a polarização da língua portuguesa no Brasil, afirmando a existência de duas normas: norma culta, falada pelas pessoas que possuem nível alto de escolaridade, e a norma popular representada pela maioria da população que não teve acesso educação básica. Sob a ótica da teoria sociolinguística, diversos estudos foram desenvolvidos com base nas interações linguísticas em seu contexto real, além disso, nessas pesquisas foram consideradas as condições sócio-históricas, abordagem imprescindível ao entendimento do comportamento linguístico do povo brasileiro.

Com os avanços dos estudos sociolinguísticos no Brasil, uma nova concepção da realidade linguística do português começou a se deslindar. Constatou-se que a língua falada no país não é só heterogênea, mas é também polarizada. É representada também pelo multilinguismo, pela pluralidade, marcada pelas diferenças diatópicas e diastráticas.

A história mostra que alguns escritores começaram a entrever qual era realidade linguística no país, visto que eram nítidas as diferenças entre o português do Brasil e o português europeu. Com a independência do Brasil, alguns escritores do movimento literário Romantismo defendiam a ideia de uma língua genuinamente brasileira, a língua usada para difundir suas obras literárias deveria desvincular-se do modelo europeu, Macedo Soares já conjecturava a existência de uma gramática que refletisse o popular.

José de Alencar se destacou ao defender na prática uma língua numa perspectiva nativista. Para ele, a língua brasileira poderia representar a simplicidade do comportamento e expressões do índio e do sertanejo, por isso algumas das suas obras foram escritas sem a observância do rigor imposto pela norma gramatical, sendo alvo de críticas. O escritor não elaborou uma teoria que explicasse o uso da

nova língua no Brasil e, ao refutar as censuras, utilizava a norma padrão. Além disso, ao produzir os neologismos tinha como objetivo atingir o modelo estético em suas obras (PINTO, 1978).

O pensamento predominante no século XVIII era de unidade da língua portuguesa, difundida pela política implementada pelo Marquês de Pombal, tal visão perdurou por muitos séculos se estendendo aos estudiosos do português brasileiro. Serafim da Silva Neto (1979, p. 632) afirmou “[...] o que é certo, porém, é que o conjunto dos falares brasileiros se coaduna com o princípio da unidade na diversidade e da diversidade na unidade.” A unidade da língua a que se refere Silva Neto se aplica aos falares rurais, visto que o português culto foi inspirado no modelo de língua européia, sendo propagado nos grandes centros urbanos, de onde a elite da época se deslocava para estudar em Coimbra e, depois, reproduzia no Brasil o modelo considerado padrão.

Acerca da unidade, Celso Cunha (1986, p. 200) declara: “O mito da unidade da língua popular está sendo progressivamente desmentido pelos atlas linguísticos que se vão publicando.” De fato, a dialetologia tem mostrado ao longo dos anos as diversidades diatópicas presentes nas falas dos brasileiros, diferenças que só podem ser compreendidas à luz do contexto histórico-social.

1.6 LÍNGUA, PODER E PRECONCEITO

Inspirados no modelo da literatura portuguesa, os gramáticos brasileiros estabeleceram o padrão de língua que representava a classe dominante, considerada como língua de prestígio, a qual se diferenciava da língua falada pela maioria da população. De acordo com Mattos e Silva (2004), até meados da década de 60, a educação formal alcançava a minoria e o ensino do português padrão era privilégio de uma minoria que tinham acesso à educação.

Com o ingresso das camadas populares à escola, houve a “falência” desse ensino. A adequação do ensino às reais necessidades do alunado, levando em consideração que a língua padrão não faz parte do seu cotidiano, bem como a valorização da diversidade dialetal oral, são algumas das soluções apontadas por Mattos e Silva.

A norma surgiu para estabelecer a diferença entre o dominado e o dominador e no decurso dos séculos constituiu como o modelo a ser seguido, como a forma

“correta” para falar e escrever. Todavia, diante de um contexto sócio-histórico diverso, no Brasil, esse sistema não reflete o real uso da língua. O modelo pedagógico adotado pelo país nas escolas públicas insiste na construção de uma identidade nacional através do ensino de gramática (CUNHA, 1985).

Contudo as variantes prestigiadas no Brasil são as dos falantes que possuem poder aquisitivo, pois, conforme Bortoni-Ricardo (2009), eles transferem esse prestígio para a variedade linguística que usam. Dessa forma, as variedades faladas pelos grupos de maior poder político e econômico passam a ser vistas como variedades mais bonitas e até mais corretas, contudo essas variedades não são superiores as demais.

Gnerre (1994, p. 6) coloca muito bem essa questão quando afirma que “uma variedade linguística ‘vale o que vale’ na sociedade os seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais.”

A supremacia do dialeto de prestígio sobre os demais acontece em todos os países. Na França, por exemplo, o dialeto de prestígio é o que tem o mesmo *status* de língua nacional, é o falado na região de Paris, onde a corte francesa se estabeleceu. Já no Brasil, os falares das cidades litorâneas têm mais prestígio do que os falares das regiões do interior. Isso ocorreu devido ao grande contingente de portugueses que no Brasil chegou e se estabeleceu predominantemente em sítios litorâneos e cujos descendentes desenvolveram falares mais próximos ao lusitano.

Atualmente, no Brasil, as variantes de prestígio são aquelas usadas nas regiões mais ricas, o que resulta na rejeição e no preconceito em relação às outras variedades, algo que deve ser trabalhado no ensino básico, para que se desmitifique qualquer tipo de preconceito linguístico (BORTONI-RICARDO, 2009).

2 METODOLOGIA E SÓCIO-HISTÓRIA DE FEIRA DE SANTANA

Apresenta-se, neste capítulo, a metodologia cujo fundamento assenta-se na teoria laboviana, que utiliza o modelo quantitativo de análise, tendo como suporte o programa estatístico *Goldvarb*(2005) em sua versão atualizada. Além disso, descreve o projeto *A língua portuguesa no semiárido baiano*, do qual foram retiradas as amostras do português falado por homens e mulheres universitários e do ensino fundamental I da cidade de Feira de Santana. Por isso, foi necessário abordar a sócio-história desse lugar, região que, devido à confluência de falares, constitui em um importante terreno para o desenvolvimento de pesquisas sociolinguísticas. Neste capítulo, também se descrevem os fatores linguísticos e extralinguísticos que influenciam na realização/não realização do sujeito pronominal.

2.1 Metodologia

De acordo com Labov (2008 [1972]), a variação não acontece de maneira aleatória, é, sim, motivada por fatores linguísticos e sociais. Duas ou mais formas de falar com o mesmo valor de verdade constituem uma variável linguística. Numa pesquisa, as variantes podem se mostrar estáveis, alternando entre si, ou podem exibir uma tendência à mudança (LABOV, 2008 [1972]). Entretanto é bom salientar que nem toda variação na estrutura linguística envolve mudança, mas toda mudança envolve, obrigatoriamente, variação (WEINREICH; LABOV; HERZOG, (2006 [1968]). A partir da análise do comportamento linguístico de falantes de faixas etárias distintas, foi realizado um estudo em tempo aparente.

Portanto a metodologia utilizada para desenvolver esse trabalho será, naturalmente, a da Sociolinguística Laboviana, que utiliza uma abordagem quantitativa. William Labov, em 1969, desenvolveu um modelo quantitativo em que se utilizava a matemática para realizar as análises estatísticas. A princípio o programa foi desenvolvido por David Sankoff¹, com o tempo, o software ganhou novas características atribuídas por David Sankoff, Pascale Rousseau, Don Hindle e Susan Pintzuk, e o seu modelo atual foi reestruturado por David Rand.

¹Disponível em: <http://albuquerque.bioinformatics.uottawa.ca/GoldVarb/GoldManual.dir/index.html>. Acesso em: 25 dez. 2015

O modelo “convenção analítica” não possuía suporte teórico e foi concebido para aplicação na área da Biologia. Esse modelo se constituiu em uma importante ferramenta para o desenvolvimento do programa estatístico *Varbrul* e mais tarde o *Goldvarb* uma versão mais atualizada (NARO, 2008, p.22).

O modelo quantitativo tem se mostrado eficaz nas descrições das línguas, já que permite sistematizar o “caos linguístico” quando correlaciona a variação encontrada nos *corpora* a fatores sociais e linguísticos. Contudo os resultados quantitativos apresentados em relação às variáveis estipuladas têm que passar pelo crivo analítico do pesquisador, que, com base no conhecimento teórico, bem como sua experiência e capacidade para enxergar além dos números, deve ser capaz de fazer uma análise criteriosa dos resultados. Nesse sentido, Scherre e Naro (2008, p.162) afirmam que:

[...] Os resultados numéricos obtidos pelos programas só têm valor estatístico. O seu valor linguístico é atribuído e interpretado pelo linguista. Se o linguista for bom, certamente os resultados lhe permitirão refutar ou não as hipóteses estabelecidas quando da análise dos dados linguísticos.

Os programas aos quais se referem Scherre e Naro, acima citados, são as várias versões do programa de “Análise de Regras Variáveis” (VARBRUL) que separa, quantifica e testa a significância dos efeitos dos fatores (sociais ou linguísticos) em uma variável linguística (GUY; ZILLES, 2007, p. 33). Tal programa tem sido amplamente usado no estudo de fenômenos variáveis e tem facilitado sobremaneira a vida do pesquisador. Na pesquisa, *O preenchimento do sujeito de primeira pessoa no português feirense* foi utilizada a versão *Goldvarb* 2005.

O Goldvarb X é uma versão atualizada do pacote do sistema *Vabrul*, definido como “um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística” (GUY; ZILLES, 2007, p.105).

A análise quantitativa é um instrumento que possibilita o pesquisador uma visão ampla sobre o fenômeno estudado, permitindo que este correlacione a estrutura variável a elementos sociais a fim de detectar quais serão as possíveis mudanças linguísticas. Acerca disso GUY e ZILLES (2007, p.73) afirmam de maneira enfática que “o uso de métodos estatísticos, contudo, tem permitido demonstrar o quão

central a variação pode ser para o entendimento de questões como identidade, solidariedade ao grupo local, prestígio e estigma, entre tantas outras.”

Para realizar a análise dos dados no programa, primeiramente se faz um levantamento dos dados, ou seja, separam-se as sentenças que contêm o fenômeno em estudo, posteriormente, é necessário atribuir um símbolo para cada fator. Nessa pesquisa, foram escolhidos oito fatores, sendo cinco linguísticos e três extralinguísticos.

A codificação deve ser realizada no software editor de texto que seja adequado ao programa, em seguida os dados devem ser inseridos no programa *Goldvarb* e todos os grupos de fatores devem ser adicionados, após essa etapa é necessário verificar se houve algum erro no arquivo de entrada (*Token files – th*), através do Check tokens, o programa informará se houve algum erro de codificação.

Com os dados corrigidos, deve-se acionar com um clique o, *Generate factorsspec's*, os grupos de fatores serão analisados durante a rodada, em seguida deve ser ativado a função *No recode*, em que será especificado a variável dependente e onde se fará a exclusão ou amalgamação das variáveis; ao retornar a tela principal, deve-se ativar a função em *View, Results*.

A porcentagem e o peso relativo será verificada quando for gerado na opção *Load cells to memory*, com isso há possibilidade de verificar em um novo arquivo os resultados das variáveis dependentes relacionados aos grupos de fatores. No resultado, podem aparecer os *knockout*. De acordo com Guy e Zilles (2007, p. 158) o *knockout*, “é um fator que, num dado momento de análise, corresponde a uma frequência de 0% ou 100% para um dos valores da variável dependente.” O *knockout* acontece quando as variáveis apresentam muito poucas informações os quais devem ser excluídos ou amalgamados a outras variáveis com que tenham alguma correlação, porém esses dados devem ser expostos na pesquisa, existe ainda o *knockout* verdadeiro, que pode se apresentar acima de 30 dados.

Na seleção dos resultados, o peso relativo deve ser levado em consideração, a análise se baseia no valor estatístico denominado *nível de significância*, o resultado pode ser *significativo*, maior que 0,05 ou menor que 0,05 que será tido como *não-significativo*, nesse caso, devem-se amalgamar as variáveis a fim de eliminar as diferenças. Ao analisar os resultados é preciso estar atento para ao *log likelihood*, que mostra a confiabilidade do peso relativo, nesse contexto observar o *input* é

fundamental para ter o conhecimento das variáveis que possui valor estatístico relevante (GUY; ZILLES, 2007, SCHERRE; NARO, 2008).

Outro instrumento usado na metodologia laboviana são as entrevistas sociolinguísticas concebidas no intuito de coletar dados de fala, os mais naturais possíveis. O pesquisador, ao recolher os dados, pode enfrentar alguns problemas de ordem metodológica. O mais preocupante deles é o que Labov chama de “paradoxo do observador”, assim formulado pelo linguista norte-americano:

O objetivo da pesquisa linguística na comunidade deve ser, descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas – no entanto só podemos obter tais dados por meio da observação sistemática (LABOV, 2008[1972, p. 244]).

Para captar o vernáculo (LABOV, 2008 [1972]) sugere algumas estratégias no sentido de propiciar, na ocasião da entrevista, uma atmosfera descontraída o que poderá resultar em um estilo de fala mais natural. Com ajuda de um questionário, através de uma conversa informal o entrevistador pode induzir seus informantes a relatar fatos do cotidiano e histórias vivenciadas, porém para se obter registros de alguns fenômenos é preciso utilizar algumas estratégias no momento de direcionar as perguntas. Labov utilizou de diferentes abordagens para realizar sua pesquisa e descreveu alguns estilos contextuais tais como: amostragem aleatória, entrevista e estilo de leitura, estratégias necessárias para investigar a variação numa comunidade de fala.

Na constituição das amostras do *corpus* da variedade dita culta e da variedade popular do projeto “A língua portuguesa no semiárido Baiano”, foram utilizados questionários que abordaram diversos temas tais como:

- I- Experiências vivenciadas pelos informantes;
- II- A relação com a família e o período da infância;
- III- Vida pessoal (namoro, casamento);
- IV- A escolha do curso de graduação;
- V- Profissão (relação trabalho e estudo);
- VI- Lazer (o que faz para se divertir?);
- VII Relações familiares;
- VIII- O que é ser uma pessoa de sucesso;

IX- Pronome de tratamento usado ao se dirigir a outra pessoa. (amigo, um filho, marido/mulher – namorado, pessoa mais velha, um desconhecido, ao patrão);

X- Meio de transporte usado;

XI- Perigo de vida?

XII- Leituras preferidas?

XIII- Hobbies?

XIV- Prática de esportes ou de atividades físicas?

XVI- Importância da linguagem verbal – comunicação.

As perguntas foram adaptadas ao contexto histórico-social em que as comunidades linguísticas estavam envolvidas. O pesquisador, ao realizar as entrevistas, ficava atento às perguntas que não deixavam o informante tão à vontade. Por outro lado, utilizando das narrativas sugeridas por Labov, os informantes discorreram sobre acontecimentos, desligando-se da forma como estava falando o tema ‘perigo de vida’ foi produtivo na coleta de dados naturais.

As entrevistas foram realizadas e transcritas por bolsistas do projeto. Embora se tenham coletado todos os dados necessários para fechamento dos *corpora*, os bolsistas tiveram dificuldades em encontrar feirenses acima de 65 anos com nível superior, o que demonstra que a cidade de Feira de Santana, desde a sua formação recebeu e continua recebendo pessoas de diversas regiões, sendo constituída basicamente por migrantes.

Como já foi dito acima, para a realização dessa pesquisa, foram selecionadas duas amostras perfazendo um total de 4.837 dados de sujeitos pronominais de primeira pessoa do singular expressos e nulos.

2.2 AMOSTRAS

Para o desenvolvimento deste trabalho, foram coletadas amostras a partir de entrevistas do tipo DID (diálogo entre o documentador e o informante). Essas amostras pertencem ao projeto “A língua portuguesa no semiárido Baiano.” Inicialmente o projeto foi idealizado pelo professor Dante Lucchesi e era denominado de *Estudo da língua falada no Semiárido Baiano*, porém o projeto não chegou a ser elaborado, pois o professor passou a compor o quadro de funcionário da Universidade Federal da Bahia–UFBA. No ano de 1996, o projeto foi implementado

pelas professoras Norma Lucia Fernandes de Almeida e Zenaide Oliveira de Novais intitulado como *A língua portuguesa no semiárido baiano*, com o objetivo de estudar o comportamento linguístico dos falantes baianos dos municípios de Morro do Chapéu, Itapicuru, Jacobina, Itaberaba, Barra, Jeremoabo, Rio de Contas, Caetité, Feira de Santana, Caem e Miguel Calmon (ALMEIDA, ARAÚJO 2016).

A coleta de dados foi realizada nesses municípios em virtude do contexto histórico-social do interior do estado, tais como: o processo da urbanização, da agropecuária (séc. XVII a XIX) e da mineração (séc. XVIII). O conhecimento do processo de formação das comunidades serve como base para entender o comportamento linguístico entre pessoas de diversas etnias. Na coleta das amostras foi utilizado o modelo quantitativo da sociolinguística laboviana, através das entrevistas recolheu-se a fala descontraída dos informantes (ALMEIDA, 2013).

O Projeto “A língua portuguesa no semiárido Baiano” está dividido em três fases. Na primeira fase, foram colhidas amostras da língua falada das comunidades de Piemonte da Diamantina (zona rural do município de Anselino da Fonseca) e Chapada Diamantina (zona rural do município Rio de Contas). O objetivo era construir um acervo que fosse representativo da realidade linguística brasileira no Semiárido baiano, para tanto, a hipótese foi de que, nessas comunidades, houve interações linguísticas entre negros e europeus, resultando na transmissão linguística irregular do português falado pelos afrodescendentes. Os pré-requisitos para escolha dos informantes foram: Faixa etária I- 18 a 38 anos, II- 39 a 58 anos III- a partir de 59 anos; ter nascido na localidade e se porventura teriam morado fora e cujo período não deveria passar de seis meses; ter de quatro a cinco anos de escolarização (ALMEIDA, 2013).

Já na segunda fase do projeto, o trabalho foi desenvolvido na região do nordeste do Estado da Bahia nas comunidades rurais do município de Jeremoabo, tais como: Lagoa do Inácio, Tapera e Casinhas. As amostras foram utilizadas por pesquisadores para estudos diversos. O que chama atenção nessa fase são as faixas etárias em que se observou o critério do intervalo de dez anos entre as mesmas, ficando da seguinte forma: faixa I- 15 a 25 anos; faixa II- 35 a 45 anos; faixa III 55 a 65 anos.

Na terceira fase, o projeto volta-se para a cidade de Feira de Santana, cuja meta é coletar amostras tanto na zona urbana como na zona rural do município. A cidade, vista pelos pesquisadores como um local favorável para o desenvolvimento

da pesquisa sociolinguística, destaca-se pela história de sua formação e, principalmente pela sua localização geográfica: A cidade de Feira de Santana fica em um entroncamento rodoviário, o que propicia a passagem de pessoas que viajam para o norte e o sul do Brasil, bem como a migração, que favorece o contato entre pessoas de diferentes regiões, fazendo desse local um ambiente de grande diversidade linguística (ALMEIDA, 2005).

O povoado Santana dos Olhos D'Água se constitui como cidade no século XIX e na metade deste mesmo século, a cidade, que antes era essencialmente agrícola, passa a desenvolver atividades industriais, no entanto, esse setor só ganha expansão a partir de 1950, colaborando para o crescimento urbano, ou seja, a cidade atrai sua população rural, além de migrantes de diferentes regiões do Brasil. (FREITAS, 1998).

Para a seleção dos informantes, levou-se em consideração a escolaridade. Outra variável relevante foi escolha das faixas etárias que se adaptaram ao modelo do “Projeto Vertentes”, porquanto a finalidade é comparar os resultados de estudos dos dois projetos. Na terceira fase do projeto, foram coletados dados de 72 informantes, sendo 60 da zona urbana e 12 da zona rural (ALMEIDA, 2015).

As amostras utilizadas nessa pesquisa estão de acordo com os critérios do Projeto *A língua portuguesa no Semiárido baiano*, segue o quadro representativo dos *corpora* do português do nível superior e do ensino fundamental II.

Quadro 1 - Critérios para a seleção dos informantes

Sexo	Masculino
	Feminino
Faixa etária	Faixa I (25 a 35 anos)
	Faixa II (35 a 45 anos)
	Faixa III (acima de 65 anos)
Amostras	Norma popular
	Feirenses filhos de migrantes
	Norma culta
	Feirenses filhos de feirenses

(Adaptação de Almeida, 2013).

Na realização dessa pesquisa, como visto acima, foram selecionadas duas amostras de 12 informantes cada uma, que representam a variedade dita culta e a variedade popular a fim de estudar o comportamento linguístico feirense, segue o quadro com a distribuição dos informantes.

Quadro 2 - Distribuição dos informantes nas amostras

FAIXA ETÁRIA	GÊNERO MASCULINO	GENERO FEMININO	TOTAL
I 25 A 35 ANOS	4 INFORMANTES	4 INFORMANTES	4 INFORMANTES
II 45 A 55 ANOS	4 INFORMANTES	4 INFORMANTES	4 INFORMANTES
III ACIMA DE 60 ANOS	4 INFORMANTES	4 INFORMANTES	4 INFORMANTES
TOTAL	12 INFORMANTES	12 INFORMANTES	24 INFORMANTES

2.3 Grupos de fatores

2.3.1 A variável dependente

A variável dependente é representada pela marcação positiva ou negativa do sujeito. Neste trabalho, foi analisado o sujeito pronominal de primeira pessoa e a opção escolhida na rodagem dos dados no programa estatístico foi pela análise em função do sujeito preenchido, já que o português brasileiro vem apresentando uma tendência de preenchimento do sujeito, mudanças confirmadas por Duarte (1993). O objetivo é constatar se há, nos *corporas* dos falantes universitários e dos falantes do ensino fundamental I feirenses, uma polarização na escolha do uso do sujeito pronominal. Além disso, pretendeu-se verificar se a opção marcada (+) ou (-) é influenciada pelos fatores estruturais e sociais.

2.3.2 As variáveis independentes

2.3.2.1 Tempo e modo verbais

Na análise de dados desta pesquisa, foram considerados os modos do indicativo, e do subjuntivo, bem como os tempos verbais simples e compostos.

Os tempos/modos verbais que se destacaram no preenchimento do sujeito de 1.^a ps. foram: o pretérito imperfeito do subjuntivo e do modo indicativo, o presente, o pretérito perfeito, o pretérito imperfeito, o futuro do pretérito e o futuro composto. Nos tempos verbais do modo indicativo, o presente, o pretérito perfeito e o pretérito imperfeito, a redução do paradigma verbal é visível, exceto na 1.^a ps. Por essa razão, o falante opta por preencher o sujeito no sentido de fazer a distinção.

A redução da morfologia verbal é explicada pela substituição da segunda pessoa do singular e plural *tu* e *vós* pelo pronome você(s). Além disso, as formas *nós* e *a gente* concorrem entre si. Abaixo segue o exemplo, extraído de Duarte (1993).

Paradigma 1	Paradigma 2	Paradigma 3
Eu canto	Eu canto	Eu canto
Tu cantas	Tu/você cantas/canta	Você canta
Ele canta	Ele canta	Ele/ canta
Nós cantamos	Nós cantamos	A gente canta
Vós cantais	Você cantam	Vocês cantam
Eles cantam	Eles cantam	Eles cantam

(Adaptação: Duarte, 1993)

Os tempos verbais presente e pretérito perfeito do indicativo diferenciam-se dos outros tempos pelas desinências *-o* e *-i*. A desinência *-m*, no português mais relaxado e no português dos menos escolarizados não é realizada. Almeida (2005) explica a redução morfológica no português popular não apenas pela mudança no quadro pronominal, mas também pelo aprendizado imperfeito das formas verbais, o que corrobora a teoria da transmissão linguística irregular.

Exemplos de sentenças retirados dos *corporados* falantes universitários e dos falantes do ensino fundamental I

Modo indicativo

(I) Presente

(1) É conheço um bucado. É isso que to dizendo, só não faço subir e descer amizade é amizade, todo mundo é meu amigo, agora não gosto de ter meus problema e andar convessando com não sei quem não sei quanto tempo, intão eu procuro sempre assumir minhas parte e os outro?(J.A, M. 2.7)

(II) Pretérito perfeito

(2) Não. Oh, quando eu saí do aviário com onze anos eu vim trabalhar de babá. Aí fiquei trabalhando de babá um bom tempo aí quando eu saí não fui nem pra casa já fui pra outra casa, quando eu saí já tava com o outro certo. (L.J, F.1.7)²

(III) Pretérito imperfeito

(3) Eu já tinha uma ligação com a arte, já desenhava e meu pai se metia a construtor também. (J. D, M. 3.8)

(IV) Futuro do pretérito

(4) É...os meus pais, os meus pais são casados, nunca se separaram, é, mas é aquela fatia da família assim que vive muito na aparência do...tipo assim, parece ser uma família extremamente unida, e não é, só se encontra em período de festa.

Então, se quando eu tiver algum filho eu teria minha família como um, um exemplo contrário. (C.A, M.1.8)

(V) Futuro composto

(5) Estão no elenco: Marcos Palmeira, Flávia Alessandra, é... mas eu não gostei tanto como eu gostei d'O Auto da Compadecida, como Central do Brasil, é... Lisbela e o Prisioneiro, que são filmes que se eu chegar em casa e estiver passando, eu vou sentar ali, vou dizer: "Ah, vou ficar aqui dez minutinhos." E eu vou até o final. (E.S,F.2.8).

Modo Subjuntivo

(VI) Pretérito Imperfeito

²Em todos os exemplos no final tem as siglas para a identificação, como por exemplo, (J.A)- significa as letras iniciais do nome do informante. (F) designa o gênero/sexo feminino. (1) numeração que corresponde a I faixa etária. (7) número que corresponde aos falantes do português do ensino fundamental II.

O (M) significa gênero/sexo masculino. (8) número que corresponde aos falantes do português do ensino superior.

(6) Aí vem a inveja: “Ói se eu pudesse...” Sempre ela vai falar isso, quando ela... porque ela, quando eu olho pra você com olhar diferente... com olhar Intencionado você conhece... (E.P,M.3.7)

2.3.2.2 Tipo de discurso

Ao analisar os dados, foram considerados os tipos de discurso direto e indireto. O discurso direto é definido segundo a gramática tradicional, como aquele em que o indivíduo introduz um enunciado que reflete a exatidão de sua fala, já no discurso indireto a fala de uma segunda pessoa é retomada pelo narrador. Nos dados analisados, verificou-se que o discurso indireto favorece o preenchimento do sujeito pronominal, ressalta-se, porém o pequeno número de ocorrências desse tipo de discurso. Já o discurso direto houve uma quantidade maior de dados. Exemplos abaixo.

(7) Rapaz... na verdade eu nunca fui muito fã de estudar não né? (A.S,M. 1.8)

(8) Aí S. fala “eu não como na casa de pobre”. Porque tu não quer? (M.S, F. 2.8)

(9) ... porque ele me susten... me sustentou, me carinhos. Nas horas mais difícil eu não conhecia a palavra, mas nas hora mais difícil, eu não olhava pra outra coisa, só olhava pro Deus: “Deus tem de piedade de mim Deus.” Né? E... ele falava comigo, mas eu não intindia: “Eu tô contigo filho”. E tá comigo até hoje... (E.P. M,3.7)

(10) Pois é a minha infância foi da seguinte forma, né? Fui criado na... na zona rural trabalhando, desde pequeno trabalhando, cuidando de animais, estudava, mas não era o estudo que tem hoje, né? Era um pouco diferente de hoje porque naquele tempo só tinha que estudar e tinha que trabalhar também na horta, entendeu?(G.L.M, 2.7)

2.3.2.3 Material linguístico entre o sujeito e o verbo

Duarte (1995) observou que a presença de advérbios entre o sujeito e o verbo favorece o apagamento do sujeito pronominal.

Seguem exemplos:

(11) Se transformo ou não, eu não sei, lá pro final da vida eu possa fazer essa reflexão (C.A,M.1.8)

(12) Aproximação, ele nunca morou comigo né? Mas sempre eu encontrava ele, dava a bençae tudo. Mas converssar sobre família assim, e tudo. Nunca vi, a mãe dele, isso daí nunca. (J.A, M.2.7)

2.3.2.4 Tipos de oração

Na análise dos dados, foram consideradas as orações matrizes, coordenadas com sujeito co-referente e as orações coordenadas com sujeito não co-referente. Duarte (1995) afirma que as orações com sequências de sujeito com referência na oração anterior têm uma maior tendência de não realizar o sujeito, porém, optou-se por fazer a análise, já o grupo das sentenças subordinadas compreende as completivas, relativas e adjuntas.

As sentenças raízes e as encaixadas apresentaram-se com o predomínio de sujeito preenchido. As coordenadas são classificadas em coordenadas com sujeito co-referente e coordenada com sujeito não co-referente. Exemplos abaixo.

(VII) Sentenças raízes

(13) Antes eu Morava na Chácara São Cosme. (J.S, F.1.7)

(14) Eventualmente, eventualmente. Eu não... na verdade eu era sócio desses Clubes, mas eu não era, assim, um frequentador assíduo não. Era uma festa... não era sempre. Mesmo porque nesses período em que esses Clubes eram assim... (J.D, M.3.8)

(VIII) Coordenada com sujeito co-referente

(15) Eu quero uma companhia, eu quero casar” porque já fazia parte da...da regra, das regras sociais. Havia um interesse muito grande que as pessoas...havia uma procura pr´uma...relacionamento istável. (J.A, M. 2.8)

(16) Esses passeio desse preto e branco. Eu trabaiava com isso, trabalhei vinte e cinco anos nesse ramo aí. (I. L, F.3.7)

(IX) Coordenada com sujeito não co-referente

(17) Tô fazendo dieta. Entrei no vigilante e todo dia tem uma coisa. Aí... eu fui a todos os lugares agora, me abstando das coisas porque se não... Duzentos... menina, eu queria que você visse o drama que foi pra esse rapaz sair daí. (F.P,F.3.8)

(18) arte, mas depois eu peguei fazer arte quando ela ia dormir, eu saía me chamava ia me bater, me chamava: “ Ôh B.!” “Eim ?”. “Vem cá!” Criada só, trancada não brincava com ninguém, não tinha o direito de ficar ... não tinha liberdade né? (I.L F.3.7)

As orações coordenadas com sujeito co-referente foram levadas em conta nessa pesquisa, embora Duarte (1995) tenha excluído da sua análise, visto que há uma tendência ao não preenchimento do sujeito, todavia o objetivo foi constatar se de fato nas amostras de falantes universitários e do Ensino fundamental I de Feira de Santana essa tendência se repete.

As completivas são aquelas que funcionam completando o sentido da oração principal. Exemplos:

(19) Até os dez anos eu tinha, acho que eu creio, que eu tinha uma infância boa, é fins de semana tava sempre fora de Feira de Santana [...] (C.A, M.1.8)

(20) ...né? Vivo para minha família, tenho um filho que é o mais velho que a família toda briga comigo por causa desse filho e briga com esse filho por causa de mim, por que? Porque a nossa convivência é fora do comum, ‘tendeu? É fora do comum, aí tem um vizinho meu lá disse que eu tô construindo lá(E.P,M.3.7)

As orações relativas são conhecidas tradicionalmente por desempenhar a função de adjunto adnominal. Listam-se abaixo alguns exemplos.

(21) Não. O curso de História falando do período que eu entrei, o curso de História não faz o trote, o trote ao que a gente convencionou chamar o pessoal de Engenharia, o pessoal da área é...Civil, Engenharia de Alimento, da área de Odonto e tal. (C.A,M.1.8)

(22) Demais. Óia, tu vê esse W.o mais velho, que eu tô te falando é baixinho, só tem um metro e noventa. (I.L, F.2.7)

As orações adjuntas são aquelas que desempenham a função de um adjunto adverbial como as exemplificadas em (23 e 24).

(X) Adjuntas antepostas

(23) é...falando de quando eu entrei e hoje, eu digo teve uma...eu tive uma mudança é...substancial, é, na formação profissional, claro, é, na questão de construção de conhecimento (C.A, M.1.8).

(24) Minha Mãe? Quando eu era menor, trabalhava em casa de família e lavava roupa aí depois que agente foi pro Aviário que ela passou a trabalhar na Cesta do Povo.Aí ela ficou bem uns vinte anos ou mais, parou agora que se aposentou. (L.S,F.1.7)

(XI) Adjuntas pospostas

(25) Eu lembro desse detalhe, dessa cobra gigantesca la do pé do alto no topo mesmo do pé do cajueiro, que eu sempre fui peralta como eu já disse anteriormente, e ao subir né em busca do caju quando olhei a cobra vinha na minha direção, aí eu fui lá descendo de forma lenta como eu não podia pular que tava muito alto quando chegou em determinada altura eu pulei. (R.S, F.2.8)

(26) O único período que eu estudei sem trabalhar foi quando eu tava na União Soviética.(S, M.3.8)

Nas orações adverbiais, considerou-se a sua posição na sentença porque na segunda posição, pode haver maior probabilidade de ocorrer o sujeito nulo por já ter sido preenchido na oração principal.

(XII) Dados excluídos

Na análise dos dados, foram excluídas expressões que acontecem com frequência, como afirma Duarte (1995) expressões do tipo categórica ou definida como “eu acho,” “não sei”, “sei lá”. É válido ressaltar que tais expressões foram retiradas das orações matrizes e das orações coordenadas com sujeito co-referente e coordenada com sujeito não co-referente.

(XIII) Expressões retiradas de sentenças raízes

(27) Sei lá... alguma coisa ligada à biologia, à... ciências naturais, algum... área específica de ciências naturais. (J.A,M.2.8)

(28) Mas tudo... não sei. Se eu todos home não vem ao caso falar de ninguém, falar de mim. Eu sempre não acostumava viver só com a... com a... uma varoa só, com uma mulher só, sempre procurava mais uma... (E. P, M.3.7)

(XIV) Expressões retiradas das sentenças coordenada com sujeito não co-referente

(29) Ah! Aí eu, eu perguntei a ele se eu podia dar ele, dar nele um beijo de feliz ano novo e ele disse que podia, eu não sei o que deu em minha cabeça, eu agarrei, dei um beijo na boca. (P. L, F.1.8)

(30) Era que eu trabalhava e ele morava lá. Aí confiei. Aí já tava Quase noivo. Ele falou que ia casar e ía olhar a casa pra comprar não sei o que, mas era papo. Não tinha onde cair morto. Coitado!! Aí eu terminei com ele. Depois eu conheci D. (L.S, F.1.7)

(XV) Expressões retiradas das sentenças coordenada com sujeito co-referente

(31) eu vejo muita gente aí quando vai ficando mais velho não casa com coisa... eu fico até pensando assim: “Aquela pessoa tem não sei quantos ano, tem vinte cinco ano não casou ainda? (E.S, M.1.7).

(32) Me assaltaram duas vezes, me tomaram o celular e um boné, uma vez foi um celular, da outra o boné. Então, eu acho que foi assim, depois, c’um alívio, você: “Pô, velho, eu podia ter ferido... tomado um tiro...” “Sei lá, tomado uma coronhada, não sei”.Então, essa situação mais complicada. (C.A,M.1.8)

2.3.3 Variáveis sociais

A comparação entre as faixas etárias é um recurso para verificar se há uma variação estável ou uma mudança em progresso. Outras variáveis que serão levadas em consideração são nível de escolaridade e o gênero do informante. Os dados foram submetidos ao programa estatístico *Goldvarb*, que forneceu elementos para a interpretação dos resultados.

2.4 HIPÓTESE

O português brasileiro vem passando por uma mudança progressiva em direção ao preenchimento do sujeito. Essa mudança foi motivada por fatores sociais e estruturais. Duarte (1995) afirma que a redução do paradigma verbal se constituiu em um dos elementos que favoreceu a realização do sujeito pronominal. Com base nessa afirmação levanta-se a hipótese de que os tempos verbais no português falado em Feira de Santana, que tendem ao sincretismo como o pretérito imperfeito do subjuntivo, futuro do pretérito e pretérito imperfeito do indicativo, preenchem mais o sujeito. Além disso, espera-se que os mais escolarizados realizem mais o sujeito.

2.5 FEIRA DE SANTANA: PONTO DE ENCONTRO DE DIALETOS



Mapa 1- Localização geográfica da cidade de Feira de Santana³



Mapa 2- Principais pontos de acesso à cidade de Feira de Santana⁴

³ Disponível em: <http://www.google.com.br/search/território-de-identidade-portal-do-sertao>. Acesso em: 26 dez. 2015.

⁴ Disponível em: <http://www.skyscrapercity.com/showthread>. Acesso em 26 dez. 2015

2.5.1 A formação da cidade de Feira de Santana

O surgimento da cidade de Feira de Santana remonta aos idos do século XVII, e tem como principais fatores que contribuíram para a sua formação a ocupação do sertão pelo sistema de sesmaria⁵.

As terras do sertão da Bahia pertenciam a duas famílias, Garcia d'Ávila e Guedes Brito⁶. As terras de Guedes Brito, ao longo dos anos, foram repartidas entre seus herdeiros. As inúmeras fazendas já desenvolviam a agricultura, porém se destacavam pela criação de gados.

A criação de gado foi introduzida no território nordestino pelo Governador Geral Tomé de Souza. Trazidos das Ilhas de Cabo Verde, o rebanho bovino se deslocou do nordeste baiano para os estados de Minas Gerais, Goiás e Piauí em busca de pastagens. Embora o gado tenha se dispersado para outras regiões, no interior da Bahia houve a expansão da pecuária, culminando com o povoamento do sertão. Nas longas viagens em que se transportavam os gados, os boiadeiros iam abrindo estradas. O donatário da Capitania de Peroaçu, Dom Álvaro Costa, era proprietário das estradas de São José das Itapororocas, porém em 1609, passaram a pertencer à sesmaria de Tocós, doada a Antônio Guedes de Brito (GUIMARÃES, 1983).

Nesse processo de ocupação, é sabido que João Peixoto Viegas entre 1619 a 1665 adquiriu os campos de Itapororoca, porém para se estabelecer exterminou várias aldeias indígenas que se fixavam as margens dos rios Jacuípe, Pojuca. Itapororoca era constituída de sesmaria estendendo-se aos limites do Norte do Município de Feira de Santana, Tanquinho, Candéal e Santa Bárbara.

Jacuípe e Água Fria correspondiam a duas sesmarias, Jacuípe abrangia as terras situadas entre o Rio Jacuípe e Paraguaçu e se estendia próximo aos limites da Vila Cachoeira, lugar em que havia uma estrada denominada de boiadas, em que os

⁵Instituído no reinado de D. Fernando I (1367-1383), o sistema de “sesmaria” foi um recurso para se distribuir terras e estimular o povoamento de áreas incultas ou conquistadas dos árabes que ocupavam a Península Ibérica, para desenvolver a agricultura e dinamizar a produção de alimentos em Portugal, que sofria escassez de cereais. A lei original é de 26 de julho de 1375 (NEVES, 2008).

⁶Os latifúndios de Antônio Guedes de Brito se estendiam, à margem direita do São Francisco, por 156 léguas, medida próxima da avaliação de Antonil que, em léguas de sesmaria, corresponderia a 1.030 quilômetros. Entretanto partes dessas terras, nos territórios que se incorporaram a Minas Gerais e a Bahia [...] foram conquistadas dos índios e ocupadas com suas fazendas pecuaristas (NEVES, 2008).

gados eram transportados para ser comercializado em Cachoeira, Santo Amaro e Salvador. Já a sesmaria de Água Fria contemplava as terras dos municípios de Santanópolis, Iará, Coração de Maria, Lamarão e partes de Santa Bárbara (MORAIS, 2004; FREIRE, 2011).

Após o falecimento do senhor João Peixoto Viegas, as terras foram repartidas entre os seus descendentes e vendidas e a parte do Sudeste de Itapororoca, denominada fazenda Olhos d'Água, foi comprada pelo casal de portugueses Domingos Barbosa Araújo e Ana Brandoa. Próximo à fazenda, no lugar chamado de Alto da Boa Vista, o casal doou a terra para a construção da capela. A fazenda foi se desenvolvendo, visto que por ela passavam muitos tropeiros que vinham do Alto Sertão da Bahia para a Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto de Cachoeira, considerada uma Vila de destaque.

Com o progresso, a fazenda passou a povoado, sendo chamada de Santana dos Olhos d'Água em homenagem a santa de devoção do casal Sant'Anna, bem como, passou a pertencer ao município de Cachoeira. Em volta da igreja as pessoas começaram a construir suas casas e, com a ampliação da feira em 1819, desmembrou-se de Cachoeira, passando a ser denominada de Vila de Santana da Feira. Com o decreto imperial em 13 de novembro de 1832 o povoado torna-se Vila. Em 16 de junho de 1873, a Vila passou a ser chamada de cidade comercial de Feira de Santana (POPPINO, 1968;MORAIS, 2004; FREIRE, 2011).

O nome do município *Feira de Santana*, que se formou em torno da Fazenda Olhos d'Água, vincula-se também ao comércio desenvolvido no local. Destaca-se que no processo de desenvolvimento econômico da cidade a agricultura não teve tanta importância quanto à pecuária, no entanto para a economia interna foi algo relevante, visto que a cultura praticada no local era a agricultura de subsistência.

A feira foi instituída, a princípio, às terças-feiras, mudando para os domingos e em seguida para as segundas-feiras. A feira do gado se destacou, representando grande importância para a economia da cidade. Na feira, se comercializavam diversas mercadorias que atraía comerciantes, tropeiros e pessoas que vinham para realizar compras, de diversas regiões.

O Campo do Gado se constituiu um dos importantes centros de comercialização e, a partir do século XVIII, ganhou notoriedade dando origem ao comércio da cidade de Feira de Santana. De acordo com Poppino (1968, p. 55), Capuame, situada no norte do Recôncavo, possuía no final do século XVIII uma feira

de gado de grande relevância, todavia os canaviais se expandiram de maneira que não havia mais local para a pastagem, logo as cidades de Nazaré e Feira de Santana ocuparam o lugar de destaque nas feiras de gado. Ainda segundo Poppino (1968, p. 25):

O povoado de Feira de Santana fora escolhido para sede do novo Governo porque era a comunidade maior e mais importante de uma região consideravelmente vital para a economia baiana. Em 1832, quase toda a produção agrícola e pastoril dessa região da Bahia passava pela feira de Feira de Santana, no seu caminho para o mercado maior, o da cidade do Salvador. Feira de Santana pouco a pouco se tornava a portal do sertão, o seu entreposto comercial e seu canal de comunicação.

Evidencia-se, na afirmação de Poppino (1968), a localização privilegiada de que goza a cidade de Feira de Santana, o que a fez crescer e ter o reconhecimento de umas das principais cidades da Bahia. Sua localização geográfica se articula da seguinte forma: a cidade está situada no limite do Recôncavo Baiano e possui um clima tropical sub-úmido, faz fronteira com diversos municípios⁷, sendo constituída por sete distritos⁸. O sistema hidrográfico é formado pelos rios Pojuca, Subaé e Jacuípe.

O município se destaca como um dos mais populosos do Estado, além disso, a cidade se liga a importantes rodovias federais e estaduais. A BR-324 conecta Feira de Santana a Salvador, uma viagem de automóvel, por exemplo, tem a duração de 01h30min para chegar à Capital, a BR-324 faz ligação com BR-101, dessa maneira a Princesa do Sertão conecta-se na direção sudeste, como também ao sentido norte-noroeste através da BR-116 (FREITAS, 1998).

A cidade possui um centro comercial de destaque em que se comercializam diversos produtos. As avenidas Senhor dos Passos, Gétulio Vargas, as ruas Marechal Deodoro da Fonseca e Conselheiro Franco desempenham um papel importante para o desenvolvimento do comércio de Feira de Santana, visto que nesses locais se encontram bancos e lojas que oferecem serviços e produtos variados. Outro destaque é o Centro de Abastecimento, local em que se comercializam, carnes, artesanato, roupas e calçados, esse local reflete as antigas características da região. O Mercado

⁷O município de Feira de Santana limita-se a Coração de Maria, Ipecaetá, Santanópolis, Conceição do Jacuípe, São Gonçalo dos Campos, Santo Amaro, Serra Preta, Anguera, Antônio Cardoso, Candeal, Santa Bárbara e Amélia Rodrigues (GUIMARÃES, 1983).

⁸Os distritos que pertencem a cidade de Feira de Santana são: Maria Quitéria, Jaquara Tiquaruçu, Jafba, Ipuçu, Humildes e Bomfim de Feira.

de Arte Popular constitui-se em lugar significativo para os feirenses, pois nesse lugar são comercializados os produtos que se desenvolvem na cidade (FREITAS, 1998).

2.5.2 O povoamento em Feira de Santana e o contato linguístico

A cidade de Feira de Santana se desenvolveu em torno da fazenda Olhos' d'Água, e aos poucos, vai ganhando expressividade através das atividades comerciais e agropecuárias desenvolvidas. Sua posição privilegiada favorece a parada de vaqueiros que advinham de várias regiões para a capital baiana.

Entre o século XIX e as três primeiras décadas do século XX, torna-se notável a transformação que aconteceu na Princesa do Sertão⁹, motivados por fatores econômicos, os espaços geográfico e social transformam-se e dão lugar a uma nova urbe. Com as mudanças ocorridas a classe dominante que ocupava posição de destaque nos órgãos públicos da cidade lutou para apagar o passado histórico rural e a cultura negra constitutivos do *locus* (OLIVEIRA, 2000).

Estudos realizados por Freire (1997) confirmam que a presença do negro em Feira de Santana remonta ao século XVII. Nesse período, a região foi povoada com escravos. Os africanos eram os responsáveis por desempenhar diversas atividades no campo ou na cidade. Essas atividades estavam ligadas a agricultura e pecuária, como também aos serviços domésticos, oficiais mecânicos e de serviços. Para Freire (2011, p. 390) a presença maciça dos negros com suas contribuições nas atividades ligadas à agricultura, foi um elemento importante que propiciou o povoamento da Princesa do Sertão. Segundo Poppino (1968, p.79), a formação étnica da cidade de Feira de Santana foi delineada no período colonial. Nessas terras, já havia a presença indígena, que foi diminuindo na proporção que os europeus ocupavam as terras de Itapororocas. Há registros também da existência de uma quantidade significativa de negros na região, estes se reúnem em comunidades quilombolas, porém os portugueses destruíram os resistentes e escravizaram aqueles que sobreviveram em suas fazendas. Os embates entre europeus, índios e negros deram origem a uma população mestiça. A história registra que já não havia no século XIX índios

⁹Título atribuído à Feira de Santana por Ruy Barbosa, no ano de 1919, em ocasião de excursão política. Na folha do Norte- Coluna da Vida Feirense, 24/12/1948, nº 2059. p.1.

nativos, mas uma mescla que aos poucos com a presença do negro, os traços indígenas foram desaparecendo. Logo Poppino (1968, p.82) afirma que:

É razoável admitir-se que, em 1757, os negros e mulatos tantos livres como escravos formassem uma parte importante da população de São José das Itaporocas, porque, com o desenvolvimento da agricultura, ia-se buscar no Recôncavo um número cada vez maior de escravos. Na paróquia, também havia uma classe cada vez mais importante de homens livres, especialmente constituída de mulatos.

Diante dessa afirmação, observa-se que a presença marcante para a constituição da população feirense foi a dos negros. Os dados do censo de 1872 confirmam que a relação entre negros e brancos acontecia de forma mais intensa do que entre índios e negros.

A cidade de Feira de Santana atraía pessoas de diversos lugares desde a sua formação sendo que no período colonial o motivo era a Feira do Gado. O destaque na comercialização bovina contribuiu para que, em 1859, o Imperador Pedro II fizesse uma visita a então Vila de Feira de Santana. No período republicano, a cidade continua a receber pessoas de diversos lugares. O crescimento populacional torna-se visível. Abaixo, pode-se constatar essa evolução:

Quadro 3 - Crescimento da cidade de Feira de Santana

Ano do censo	População
1890	43.862
1900	61758
1920	64514
1930	98552

Fonte: Coluna da vida feirense. In: Oliveira, (2000, p.30)

A hipótese de crescimento populacional da cidade de Feira de Santana é o fortalecimento das atividades comerciais, desse crescimento surgiram conflitos comportamentais entre os feirenses nativos e aqueles que chegavam à cidade. Além disso, havia alguns conflitos com a presença do negro na cidade (OLIVEIRA, 2000).

No século XIX, a população escrava em São José das Itaporocas cresceu em virtude da produção do algodão, o objetivo era abastecer a indústria têxtil da região de Cachoeira. Poppino (1968, p309) afirma que em 1950 apenas 10% da população feirense, eram de ascendência europeia. Para o escritor, a origem étnica da região de Feira, está mais vinculada à população da costa, se bem que a população do interior tenha contribuído também para essa formação. Embora houvesse

miscigenação, existiam fazendeiros que se consideravam “brancos,” distinguindo-os dos demais e valorizando a ascendência europeia, pois negros e índios não eram considerados importantes.

No final do século XIX, a população de Feira de Santana era predominantemente rural. Já na década de 1950, a economia se destacou e houve um aumento do contingente populacional e, ainda de acordo com Poppino (1968, p. 308), esse crescimento acompanhou o desenvolvimento econômico da cidade.

Por sua vez, o município de Feira de Santana alcançou a quarta posição destacando-se como o mais populoso do Estado. É nesse período que há uma migração do campo para a cidade e, em consequência disso, uma redução dos habitantes na zona rural. Freitas (1998, p.125), ao realizar uma pesquisa, mostra o aumento da população urbana e o declínio da população rural, O quadro abaixo é representativo dessa mudança.

Quadro 4 - Feira de Santana - Evolução da população do município 1950 - 1996

Anos	População total	População Urbana	%	População rural	%
1950	107.205	34.277	31.97	72.928	68.03
1960	141.757	69.884	49.30	71.873	50.70
1970	190.076	134.263	70.63	55.813	29.37
1980	291.504	233.905	80.24	57.599	19.76
1991	405.848	348.973	85.98	56.875	14,02
1996	450.487	393.943	87.45	56.544	12.55

Fonte: IBGE. Censo Demográfico- Bahia, 1950 e 1996. Contagem de população-1996.
In: Freitas (1998, p. 125).

O aumento da população foi significativo, entre 1950 e 1960, observa-se um decréscimo da população rural, porém havia ainda mais de 50% na década de 60 na área rural. Todavia é entre os anos 1960 e 1970 que há um decréscimo maior da população rural, o que pode ser explicado pelas condições climáticas da zona rural, já entre 1980 e 1991 há uma redução da saída do campo para cidade, uma vez que há uma melhora nas condições de vida das pessoas que habitavam na zona rural (FREITAS, 1998).

A sócio-história da cidade de Feira de Santana possibilita a compreensão de como se estabeleceu o contato linguístico e quais foram os fatores étnicos e sociais que contribuíram para a formação do português culto e popular dessa região. Observa-se, através dessa retrospectiva, que há um *continuum* linguístico entre o

rural/urbano. Bortoni-Ricardo (2006) declara que o *continuum* rural-urbano acontece quando há no pólo urbano características da variedade rural essa fusão é gerada a partir da interação linguística entre variedades rurais e urbanas, sendo que algumas variantes linguísticas entre os pólos são estigmatizadas.

Ao retomar a história da cidade Feira de Santana, verifica-se um passado rural em que a cidade, aos poucos, foi se urbanizando. Ao que parece, houve um período intenso de formação linguística na fusão das extremidades rural-urbano, surgindo, com isso, características ru-urbanas na fala dos feirenses. O processo de urbanização, que atraiu pessoas de diversos lugares, contribuiu para a interação linguística, sendo determinante para a formação da variedade do português falada atualmente no município de Feira de Santana.

2.5.3 O processo de urbanização do Brasil: influências na cidade de Feira de Santana

No contexto geral, o processo de urbanização no Brasil iniciou-se no século XVIII quando a cidade se tornou um local muito importante para os senhores de engenhos, os locais de produções da cana-de açúcar passam a ser visitados durante a safra da matéria-prima. Os elementos que influenciaram no povoamento foram: a expansão da agricultura comercial e a exploração mineral que resultaram em bens materiais, influenciando no aparecimento de cidades no litoral e no interior do Brasil.

De acordo com Santos (2008, p.19), “O Recôncavo da Bahia e a Zona da Mata do Nordeste ensaiaram antes do restante do território um processo então notável de urbanização.” No fim do período colonial, houve um crescimento vertiginoso das capitais brasileiras, porém é no final do século XIX que esse processo se acelerou, a estatística mostra que população do país cresceu mais de 40% em apenas 15 anos (SANTOS, 2008).

Outro elemento que contribuiu para o aumento da população na zona urbana foi à industrialização. Segundo Santos (2008, p. 30), a industrialização, em seu sentido mais amplo, se refere à instituição de um mercado nacional e a integração do território, bem como, o aumento de um consumo variado, que influenciaram na urbanização. Esse avanço econômico se estende por todo país, resultando, com isso, no crescimento demográfico e no processo ativo de urbanização. Além disso, após a Segunda Guerra Mundial, com a melhoria das condições de vida, a população

também aumentou no espaço urbano. Para Corrêa (1993, p. 7), o espaço urbano se define da seguinte forma:

O espaço urbano de uma grande cidade capitalista constitui-se, em primeiro momento de sua apreensão, no conjunto de diferentes usos da terra justapostos entre si. Tais usos definem áreas, como centro da cidade, local de concentração de atividades comerciais, de serviços e de gestão, áreas industriais, áreas residenciais distintas em termo de forma e conteúdo social, de lazer e, entre outras, aquelas de reserva para futura expansão. Este complexo conjunto de usos da terra é, em realidade, a organização espacial da cidade ou, simplesmente, o espaço urbano, que aparece assim como espaço fragmentado.

Esse espaço urbano ganhou notoriedade com o surgimento do meio técnico-científico-informacional, visto que a ciência adotou técnicas que transformaram o território, adequando-o às necessidades dos grandes proprietários dos meios de produção, essa postura tomada pelos órgãos governamentais, viabilizou a circulação de bens e serviços trazendo consigo o progresso nas áreas urbanas.

Após a Segunda Guerra Mundial, as estradas de ferro foram interligadas de uma região para outra, este investimento propiciou a ligação entre várias regiões do país, novos sistemas de engenharia surgem agregando-se aos já existentes. Com o Golpe Militar, em 1960, há um rápido crescimento da economia nacional, o Brasil se destaca como um grande exportador de produtos agrícolas (soja, cítricos), e industrializados exportando para o estrangeiro. Essas ações se impõem e refletem mudanças na Zona rural e Zona urbana do país (SANTOS, 2008).

O processo de integração nacional contempla o Estado da Bahia, através do apoio governamental várias indústrias são instaladas no Centro Industrial de Aratu na região metropolitana de Salvador, já em Camaçari houve a implantação do Pólo Petroquímico. O progresso no Estado da Bahia foi notável, pois a estrutura econômica da região mudou. O projeto de integração nacional foi implantado no Nordeste e, para tanto, criou-se a Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), o objetivo deste órgão era atuar junto ao governo Federal, promovendo a industrialização com o protecionismo além de, amenizar as desigualdades entre as regiões Nordeste e Centro-Sul.

Para se compreender como o contexto da política nacional atingiu a cidade de Feira de Santana, é preciso retomar alguns momentos da histórica dessa cidade. O município de Feira passou por um processo de mudança começando em 1950 com

declínio do comércio de gado. Entre 1920 a 1950, com o apoio do governo Federal, houve a implantação de um novo sistema de rodovias, construção que permitiu a ligação da cidade com os eixos Norte-Nordeste e Sul-Sudeste. Além disso, houve também a construção de ferrovias e rodovias que conectou Feira às cidades circunvizinhas, o que influenciou na expansão da economia local. No município, o que prevaleceu até a metade do século XIX foi à produção de manufaturados, contudo, na década de 1970, com a implantação do Centro Industrial do Subaé- CIS, situado no bairro Tomba, a cidade apresentou profundas transformações, não apenas, na economia, mas na estrutura social e no espaço físico (OLIVEIRA, 2014; FREITAS, 1998).

De acordo com Freitas (1998, p.101), em decorrência da expansão do setor industrial na década de 70, houve um processo de êxodo rural, resultando num desequilíbrio entre o espaço urbano e rural, pois enquanto o crescimento demográfico na zona urbana se destacou, na zona rural, a população diminuiu. A cidade se estabeleceu como um centro urbano em franco crescimento no século XIX, favorecendo o processo de urbanização. Entre os fatores que modificaram o cenário da cidade, destacam-se: a posição geográfica privilegiada e o entroncamento rodoviário que liga as regiões Norte e Sul do país. Nessa perspectiva, houve a expansão do comércio e das indústrias, propiciando movimentos migratórios de pessoas das cidades circunvizinhas e de diversas regiões do país (OLIVEIRA, 2014; FREITAS, 1998).

A fundação da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), em 1970, trouxe desenvolvimento para a cidade, oferecendo mão de obra barata e qualificada para o mercado, influenciando também o fluxo de pessoas das regiões circunvizinhas na cidade. Entretanto, na década de 80, a estagnação da economia decorrente da seca na região, provocou um intenso êxodo rural, mas a economia voltou a crescer nos anos 90, crescimento atrelado à construção de novos empreendimentos na área comercial, dentre eles destacam-se: o Shopping Iguatemi, atual Boulevard, serviços de hospedagens, *self service*, restaurantes e atacadão. No final do século XX, o setor que se destaca é a educação: além da UEFS, diversas faculdades passam a atender as demandas do mercado. Já no século XXI, o crescimento da cidade é retomado, pois há a revitalização do CIS, surgem novas oportunidades, o município volta a receber um grande número de pessoas que se deslocam das diversas regiões circunvizinhas e de outros Estados em busca de melhores condições de vida (OLIVEIRA, 2014).

Nesse sentido, o estudo da sócio-história da cidade de Feira de Santana é importante para se entender como a variedade linguística culta e popular se formaram e quais os elementos que contribuíram em sua constituição. Observar-se que o Município de Feira, desde a sua formação, acolhe um contingente de pessoas de diversos lugares. Segundo Almeida (2005), essa interação atrelada aos fatores históricos, geográficos e sociais contribuíram para a concretização das mudanças no comportamento linguístico da população feirense, os quais formaram e estão formando a variedade linguística local.

2.5.4 Processo histórico-social da escolarização na cidade de Feira de Santana

No Brasil, no período da República, a maioria da população era analfabeta e na Bahia a massa constituída de afrodescendentes não usufruía de condições de vida adequada, tampouco eram incluídos no sistema educacional, esse cenário se coaduna com a realidade linguística do país, confirmando a hipótese de Alan Baxter e Dante Lucchesi (2009) de que os afrodescendentes aprenderam o português com base em um *input* já modificado, o que corresponde à chamada transmissão linguística irregular, constituindo, assim, a variante popular do português do Brasil.

No período da República, a elite feirense envidava esforços para apresentar a cidade os ideais da civilização, por isso, as características da vida rural foram se esvaecendo de forma gradativa. Para levantar a bandeira de uma cidade avançada e civilizada várias vezes a elite promovia discursos negando que a cidade era atrasada em relação a Salvador. Como a elite detinha o poder econômico e o prestígio social contratava mestres, preceptoras para proporcionar uma educação diferenciada aos seus filhos. Com o avanço, havia a possibilidade de uma educação na capital e quando se queria uma formação de nível superior para os filhos enviavam-nos para a Europa (POPPINO, 1968; SOUSA, 2001).

No município de Feira de Santana, o sistema educacional foi algo tardio, a cidade se desenvolveu, porém continuava com a população analfabeta. Esta situação refletia-se nas eleições, pois, em 1950, apenas 10% dos habitantes delas participaram sendo que o restante, considerados analfabetos, não puderam exercer o direito de escolher os seus candidatos, já que as leis da época excluía aqueles que não tinha habilidades na leitura e escrita. Com o crescimento da cidade por meio da expansão do comércio e das indústrias, houve a necessidade de desenvolver uma política

educacional que contemplasse os habitantes da região, visto que os setores não absorvia a mão de obra local, pois precisava de pessoas qualificadas (POPPINO, 1968).

Uma década se passou e o sistema de ensino em Feira de Santana continuou lento, a educação garantida para todos os brasileiros, exarado na constituição de 1824 não correspondia à realidade educacional feirense. No que se refere a escolas, só existiam duas uma no município supracitado e outra na capela de Humildes, com o passar do tempo construiu-se uma escola para as meninas. Entre 1950 e 1960, construíram-se algumas escolas primárias em Feira e nas regiões circunvizinhas, porém o sistema de educação não se estendia a todos os habitantes.

No final do século XIX já existiam algumas escolas na cidade, porém o índice de pessoas analfabetas era grande. Para contornar essa situação, as escolas ganhavam destaques na imprensa e só multiplicavam os discursos em favor da educação concebida como um instrumento de progresso (OLIVEIRA, 2000).

No início do século XX, começou um processo de escolarização para contemplar a classe baixa. Políticos e intelectuais considerando o Brasil atrasado frente aos avanços dos países desenvolvidos implantaram as chamadas Escolas Normais. O cenário do município de Feira foi modificado com a chegada das Escolas Normais, as quais contribuíram para a difusão da educação na cidade. Sousa (2001) descreve de forma minuciosa como se deu o processo de escolarização em Feira de Santana através da Escola Normal, o período em que foi feita a pesquisa data entre 1925 a 1945.

A instituição tinha como objetivo formar professoras para espriar na zona rural o processo de alfabetização. A missão das professoras normalistas era levar a “luz do saber” aos sertões e contribuir com uma nova imagem para o país, visto que foi atribuído ao sertanejo o atraso da nação. Além disso, a intenção dos intelectuais da época era que o projeto alcançasse todo o Brasil e modificasse comportamentos de forma que refletisse uma nação “moderna” e “civilizada”.

O ensino na zona rural, ao que parece, não logrou bons resultados, pois nos estudos realizados por Sousa (2001) ficou constatado que as professoras que atuavam na zona rural não estavam qualificadas para ministrar as aulas, além disso, havia preferência das normalistas em trabalhar na *urbs*. Em virtude da distância algumas normalistas tinham que mudar sua forma de vida e como a sociedade da época julgava mal as mulheres que viviam sozinhas, muitas vezes, elas se

deslocavam com suas famílias para o local de trabalho. Além disso, a ausência de materiais de ensino constituía-se um dos problemas para o avanço da educação no campo.

No século XX, os anseios por letrar o país, produziram um olhar de discriminação em relação ao sertanejo. Os integrantes da Escola Normal queriam desenvolver uma *urbs* sem características campestres, o que gerou conflitos entre a zona rural e a zona urbana. Os conflitos ideológicos eram promovidos pela elite que desprezava a forma de vida rural (SOUSA, 2011).

3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Serão apresentadas, neste capítulo, as análises dos resultados obtidos nas rodadas do *Goldvarb*. A princípio, buscou-se mostrar, através de diversas pesquisas realizadas sobre o tema, que vem ocorrendo uma progressiva mudança em direção ao preenchimento do sujeito no português brasileiro (PB). Considerou-se nesta pesquisa o preenchimento do sujeito de 1ªps. nas duas vertentes do português brasileiro. Para tanto, foram utilizadas duas amostras: uma de informantes de nível universitários e a outra de ensino fundamental I. A análise levou em conta fatores estruturais e sociais. Os resultados extraídos das análises foram comparados com outras pesquisas que tratam sobre o parâmetro do sujeito nulo a fim comprovar se o português falado em Feira de Santana tem tido a mesma tendência de preenchimento do sujeito que se tem observado no PB contemporâneo.

3.1 DADOS DA PESQUISA

Na análise dos dados, foram utilizadas duas amostras compostas no total de 24 entrevistas, sendo 12 com falantes universitários e 12 com falantes do ensino fundamental I. Os informantes foram distribuídos em três faixas etárias de 25 a 35 anos, de 45 a 55 anos e a partir de 65 anos. Os fatores linguísticos levados em consideração são: os tipos de oração (matriz, coordenada com sujeito co-referente e coordenada com sujeito não co-referente, completiva, relativa e adjunta); tipo de discurso (direto, indireto); material linguístico entre o sujeito e o verbo e, finalmente, tempo/ modo verbal.

Inicialmente, foi constituída uma só amostra com o propósito de verificar se há diferenças em termos quantitativos entre os informantes do nível universitário e os do ensino fundamental I. Posteriormente, os dados foram separados, constituindo-se duas amostras, com o propósito de comparar o desempenho dos informantes e verificar se os fatores que influenciam o uso do sujeito expresso são os mesmos nas duas amostras. Da amostra conjunta, foram extraídos 4.846 dados, dos quais 3.279 correspondem a sujeitos plenos e 1567 são de sujeitos nulos.

Nesta amostra, com um número maior de dados, foram selecionados os seguintes grupos: tipo sintático de oração; tempo/modo verbal; tipo de discurso; faixa etária; sexo/gênero e escolaridade.

Nas rodadas em separado, houve diferenças em relação ao número de grupos selecionados como favorecedores do sujeito expresso.

Quadro 5 - Grupos selecionados do português falado em Feira de Santana

Grupos selecionados	
Nível universitário	Ensino fundamental I
Tipo de sentença	Tipo de sentença
Faixa etária	Faixa etária
Tempo/modo verbal	Tempo/modo verbal
Sexo/ Gênero	_____
Tipo de discurso	_____
Material linguístico entre o sujeito e o verbo	_____

Fonte: dados da autora

Observa-se que, no grupo do nível universitário, foram selecionados 4 fatores linguísticos e 2 sociais, já no ensino fundamental I foram selecionados apenas três grupos de fatores, sendo 2 linguísticos e 1 social.

A partir desse quadro comparativo, surge o questionamento: o preenchimento do sujeito de 1ª pessoa nas duas amostras apresenta-se com maior incidência nos mesmos grupos selecionados? A análise dos resultados mostrará se de fato isso ocorre.

Nas rodadas em separado, o total de dados dos sujeitos com os informantes de nível universitário foi de 2.775, dos quais 1932 foram de sujeitos plenos e 843 de sujeitos nulos, já do ensino fundamental I corresponderam ao total de 2062, em que se identificou 1339 de sujeitos plenos e 723 de sujeitos nulos.

Embora a maioria dos trabalhos pesquisados centrarem suas análises em todas as pessoas gramaticais ou na 3ª ps., nesta pesquisa, o foco será o sujeito pleno de 1ª pessoa do singular.

A mudança vem acontecendo em todas as pessoas de forma progressiva, porém foi a 2ª pessoa que liderou a mudança, mostrando um processo mais evoluído (DUARTE, 1995). Na análise dos dados, buscou-se constatar se a mudança em favor do sujeito pleno na 1ª pessoa do singular está ocorrendo e quais são os elementos

estruturais e sociais que influenciam a implementação dessa mudança. Para tanto, os dados analisados serão comparados aos resultados de pesquisas já realizadas. Assim, será apresentado o contexto mais geral da mudança do parâmetro do sujeito nulo, destacando-se o sujeito de 1ª pessoa.

3.1.1 Resultados gerais das amostras do português do nível universitário e do ensino fundamental I

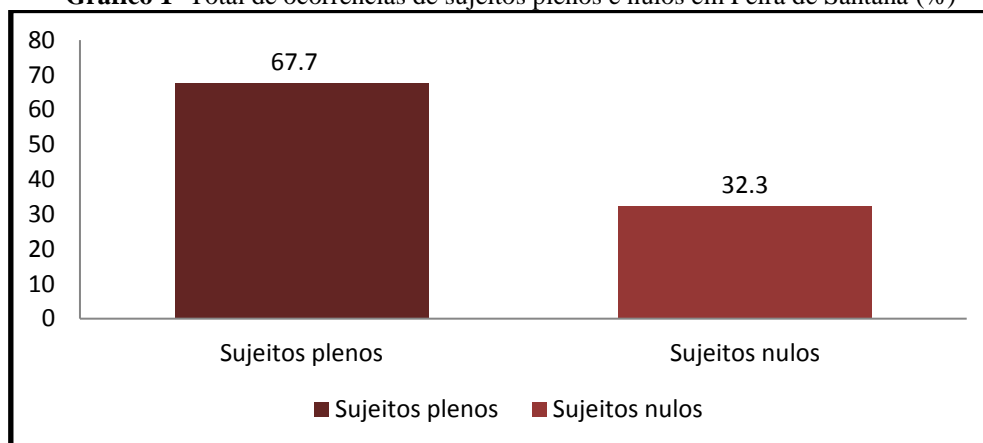
A tabela 2 e o gráfico 01 apresentam o número de sujeitos nulos e preenchidos no *corpus* total. Observa-se que o índice de sujeitos plenos é substancialmente maior do que os nulos.

Tabela 2 - Total de sujeitos preenchidos no português de Feira de Santana

Sujeitos plenos	3.279	67,7%
Sujeitos nulos	1.567	32,3%
Total	4846	

Fonte: dados da autora

Gráfico 1- Total de ocorrências de sujeitos plenos e nulos em Feira de Santana (%)



Fonte: dados da autora

O gráfico 1 aponta um percentual de 67,7% de sujeitos preenchidos em contrapartida o sujeito nulo apresenta um percentual de 32,3%, o que indica que o português de Feira de Santana segue a mesma tendência observada em outras localidades do Brasil.

Ao realizar um estudo diacrônico em peças de teatro, Duarte (1993) revelou que o aumento de sujeito preenchido acompanha as mudanças no paradigma

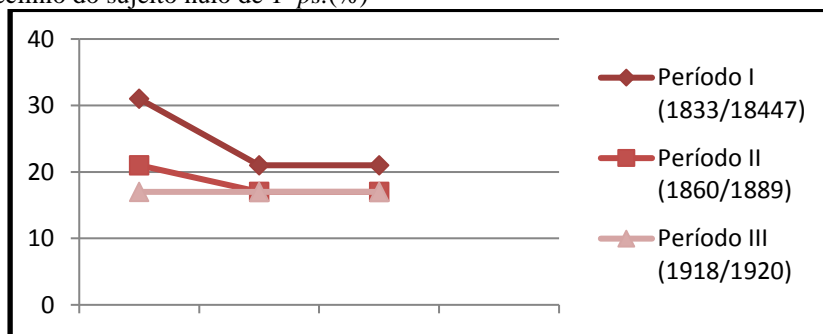
pronominal do PB, quais sejam (a) a inserção das formas pronominais: *você/vocês*, no lugar de *tu/vós* e (b) a implementação de *a gente* concorrendo com *nós*.

A terceira pessoa, inicialmente, apresentou-se com índices reduzidos no que se refere ao preenchimento do sujeito, dessa forma o aumento do sujeito se dará nos últimos períodos com 41%, 48% e 45%, sendo visível a diferença em relação às outras pessoas. Quanto ao pronome de 1ª pessoa, se comparado com a 2ª pessoa, não houve um declínio tão intenso do sujeito nulo. No período I, o sujeito expresso em sua grande maioria aparece em estruturas do tipo V2, que já não se veem no português brasileiro:

- a) Ambrósio: Há oito anos, eu era pobre e miserável, e hoje sou rico e mais ainda serei.
- b) Ambrósio: Outros tenho eu domado.
- c) Florência: Que sacrifícios não farei eu para ventura de meus filhos!
O Noviço, Martins Pena, 1845. In Duarte (2012, p.24)

O gráfico abaixo representa o declínio do sujeito nulo de 1ª pessoa do singular em três períodos, nas peças de teatro pesquisadas por Duarte (1993):

Gráfico 2 - Declínio do sujeito nulo de 1ª ps.(%)



Fonte: Adaptada de Duarte (1993, pág. 24)

Segundo Duarte (1993), os percentuais 31%, 21% e 17% já indicavam o declínio do sujeito nulo de primeira pessoa do singular, uma vez que o falante utilizava para ser reintroduzido no discurso. O gráfico mostra curvas sutis em direção ao preenchimento do sujeito.

Já nos períodos IV e V na 1ª pessoa, os sujeitos expressos se apresentaram ainda em número reduzido quando comparados ao número de nulos, mas nos

períodos VI e VIIhouve um aumento significativo de sujeitos preenchidos, isso se deve ao uso da forma *a gente*, que já era usado nas peças de teatro. Enquanto, a 2ª pessoa introduz a mudança, a 1ª pessoa dá continuidade.

As pesquisas avançaram e Duarte (1995), em sua tese *A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro*, fez um estudo da variedade da região sudeste e retoma o estudo diacrônico com peças de teatro realizado em 1993. Neste novo trabalho, foi utilizada uma amostra da fala de 13 informantes com nível universitário nas três faixas etárias.

Com base num estudo em tempo aparente, constatou-se, através da análise das faixas etárias, que os falantes jovens tendem a preencher mais o sujeito, enquanto o grupo mais velho mostra resistência à mudança. Ao observar o declínio do sujeito nulo em todas as pessoas gramaticais com o recuar da idade, Duarte (1995) chegou à conclusão de que os falantes têm preferido usar a forma pronominal plena, confirmando, assim, a hipótese levantada no estudo diacrônico realizado com peças teatrais do Rio de Janeiro de que o português brasileiro estava passando por uma mudança. Abaixo, segue um quadro representativo dessa mudança.

Quadro 6 - Ocorrência de sujeito nulo nas três pessoas do singular e do plural nas três faixas etárias

Pessoa	Desinência	Faixa etária I	Faixa etária II	Faixa etária III
1ª.p. sing.	- o	36%	23%	27%
1ª. p. sing.	Zero	36%	17%	16%
1ª.p.plur.	-mos	29%	29%	0
1ª.p.plur.	Zero	0	0	5
2ª.p.sing.	Zero	21%	7%	9%
2ª.p.plur.	-m	0	0	0
3ª.p.sing.	Zero	50%	35%	33%
3ª.p.sing.	-m	50%	37%	20%

Fonte: Adaptada de Duarte (1995, págs. 51,52,54)

Ao cruzar as pessoas pronominais com os grupos etários, Duarte (1995) verificou que, independentemente da flexão distintiva ou da desinência zero, houve a redução do sujeito nulo em todas as pessoas. O grupo I, dos informantes mais velhos, destaca-se por apresentar índices mais altos de sujeitos nulos: 36%, 29%, 21% e 50%, respectivamente, P1, P4, P2 e P3. Nos outros grupos, também é baixo o índice de nulos.

Embora todas as pessoas do discurso se apresentem de forma desfavorável à marcação negativa do parâmetro do sujeito nulo, na 3ª pessoa do singular a mudança ainda estava acontecendo de forma gradual. A comparação entre os grupos revelou que os mais velhos têm preferência pela forma pronominal *nós* enquanto os mais jovens utilizam *a gente*, logo a escolha pronominal atua modificando o paradigma verbal e, conseqüentemente, influenciando na implementação da mudança.

No trabalho *O sujeito no português escrito por africanos e afro-brasileiros do século XIX: indícios de um português já brasileiro?* desenvolvido por Teixeira e Almeida (a ser publicado) foi analisada a representação do sujeito nas atas escritas por negros brasileiros da cidade de Salvador, cujos resultados foram comparados aos do trabalho realizado por Almeida e Carneiro (2009) que estudaram as atas escritas por africanos. As autoras partem da hipótese de que encontrariam padrões de variação semelhantes aos encontrados no PB dos dias atuais, levando em conta o fato de terem sido escritas por falantes do português popular.

No desenvolvimento do trabalho, Teixeira e Almeida citam Rodrigues (2004)¹⁰, que afirma serem os sujeitos nulos de 1ª pessoa tópicos apagados, pois, quando ocorre o deslocamento à esquerda de alguma palavra QU, o sujeito é sempre realizado, o que comprova a hipótese da autora. Infelizmente, não foi encontrado nos nossos dados nenhum caso de interrogativas QU.

Na análise dos resultados da pesquisa de Teixeira e Almeida (a ser publicado), o que chama a atenção para dialogar com esta pesquisa são os altos índices de sujeito nulo em todas as pessoas pronominais.

Observa-se que a 3ª pessoa do plural apresenta o maior peso relativo para o sujeito nulo .68, em seguida se destaca a primeira pessoa do plural com peso .54 e 3ª pessoa do singular com .53. Enquanto a 1ª pessoa do singular apresenta um peso relativo desfavorável .39, ou seja, nas atas, a primeira pessoa do singular favorece o sujeito pleno.

Cavalcante (2014) busca verificar se de fato está ocorrendo a mudança do parâmetro do sujeito nulo no português maranhense. A autora utilizou 10 entrevistas de pessoas nascidas na região, com nível superior, pertencente a duas faixas etárias polarizadas, a primeira entre 20 e 25 anos e a segunda entre 60 e 65 anos. Foram

¹⁰RODRIGUES, C. N. *Improvised Morphology and A-movement out of Case domain*. Ph. D. Dissertation. College Park, University of Maryland, 2004.

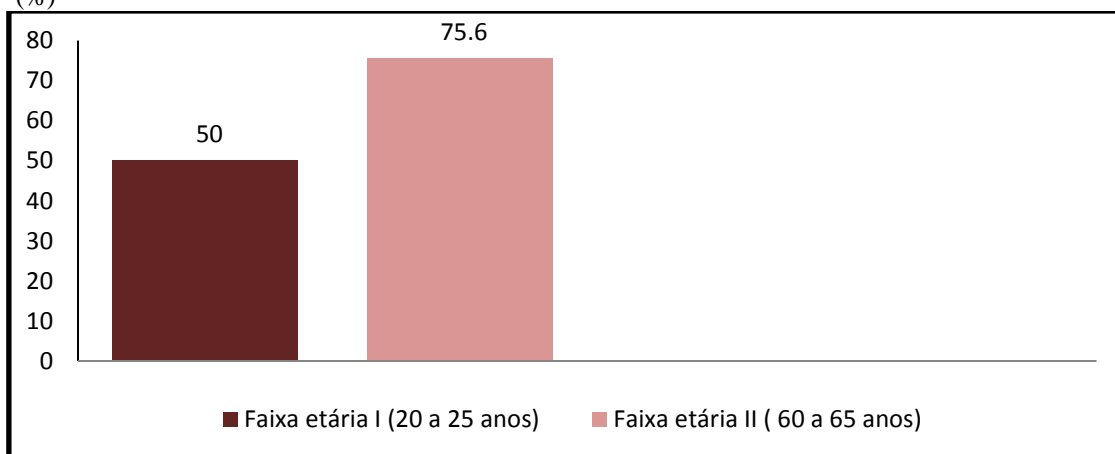
consideradas as seguintes variáveis linguísticas: pessoa gramatical; tempo verbal; tipo de recuperação e identificação do sujeito nulo; e a variável social (faixa etária).

A hipótese levantada é baseada na concepção de Duarte (1995) sobre a riqueza do paradigma verbal. Cavalcante (2014) coloca a seguinte questão: havendo a possibilidade de encontrar no português maranhense a ocorrência do pronome *tu* com desinência de 2ª *ps.*, então se confirmaria que de fato a existência de um sistema flexional ricolevaria ao uso do sujeito nulo e caso não se identifique a flexão verbal de 2ª pessoa –s, então existiria a possibilidade de haver a preferência dos falantes pelo sujeito pleno.

Os resultados apontaram para um maior número de sujeitos realizados do que de nulos. Os dados revelam o desaparecimento do ‘tu’ com o verbo flexionado com ‘s’, houve foi um processo de substituição do ‘s’ pelo ‘tu’ ou ‘você’ sendo flexionado com a 3ª *ps.* A ocorrência de sujeito nulo na faixa etária I (20 a 25 anos) mostra que na 1ª *ps.* e 3ª *ps.* os falantes optam por sujeito nulo. Apesar de haver na faixa II (60 a 65 anos) diferenças percentuais significantivas de sujeitos nulos entre a 1ª *ps.* e 3ª *ps.* essas pessoas do discurso são a opção preferida pelos falantes.

O gráfico 3 mostra uma comparação entre as faixas etárias do sujeito de 1ª *ps.* do português falado pelos universitários no Maranhão¹¹.

Gráfico 3 - Comparação do sujeito pleno de 1ª *ps.* entre as faixas etárias do português falado no Maranhão (%)



Fonte: adaptada de Cavalcante (2014. pás. 112,113)

¹¹ Na Dissertação O sujeito nulo no português do Maranhão, Cavalcante (2014) utiliza a variável sujeito pleno x sujeito nulo, quando compara as pessoas gramaticais a autora opta pelo sujeito nulo. Todavia no português falado em Feira de Santana o sujeito pleno foi a opção escolhida. Para viabilizar a comparação do sujeito pleno de 1ª *ps.* entre o português falado nas duas cidades, foi realizado uma conversão do sujeito nulo na 1ª *ps.* do português do Maranhão para o sujeito pleno de 1ª *ps.*

Observa-se que a faixa mais velha preenche mais o sujeito, enquanto os jovens preenchem menos. Ao comparar esses resultados com os encontrados no português falado pelos universitários da cidade de Feira de Santana que revelou um percentual de 69,6%, verifica-se que esse resultado se aproxima da faixa II, do português falado no Maranhão, o qual apresentou 75,6%.

Abaixo, seguem exemplos de sujeitos plenos retirados dos *corpora* de falantes com curso universitário e falantes com ensino fundamental I do português falado em Feira de Santana.

(33) Eu tinha mandado uma procuração pra ela me inscrever no vestibular, na época eu morava em Salvador. Ela pegou e me ligou, te escreve lhe escreve pra que? Eufalei: qualquer coisa, ela foi, aí eu pedi pra ser de noite, porque como eu queira trabalhar né? (T.L, F.1.8)

(34) Não... não tinha você chegava na indústria quem fazia sua ficha quem era? a recepcionista, né? A recepcionista o quê? A secretaria é quem fazia a ficha. Eu entrei aqui em vários, trabalhei em vários lugar aqui em Feira que quem fazia a ficha era elas perguntava onde morava e tal família se é casado, solteiro e tal. A ficha tava pronta. (G.L, M. 2.7)

Levantam-se, abaixo, algumas questões que se pretende responder a partir dos resultados.

- a) Os tipos de orações podem influenciar o preenchimento do sujeito no português feirense?
- b) A variável tempo/modo verbal pode atuar influenciando o preenchimento do sujeito no português dos falantes com curso universitário e dos falantes com ensino fundamental I?
- c) A tendência ao preenchimento pode estar atrelada apenas à questão da riqueza flexional do paradigma verbal?
- d) O sujeito pleno pode ser influenciado pela co-referência?
- e) Que fatores sociais podem atuar favorecendo o sujeito pleno?
- f) A desinência verbal influencia na realização do sujeito de 1ªps.?

3.2.1 Resultados gerais: sujeito preenchido de acordo com a escolaridade

Na tabela 03, mostram-se os resultados gerais. O nível de escolaridade foi selecionado pelo programa estatístico *Goldvarb* (2005) e aponta um peso relativo de .52,1 para os falantes com curso universitário e .47 para os do ensino fundamental I, apesar de não apresentar diferenças tão significativas, confirma-se a hipótese de que os falantes com curso universitários preenchem mais o sujeito.

Tabela 3 - Sujeito preenchido de acordo coma escolaridade

	Amostras dos falantes com cursos universitários feirenses			Amostras dos falantes com o ensino fundamental I feirenses		
Total de sujeitos preenchidos	Apl./num	%	PR	Apl./num	%	PR
Apl./num % 3279/ 4846 67.7	1.940/ 2.784	69.7	0.52,1	1339/2062	64.9	0.472
Significância 0.006	<i>Input</i> 0.706					

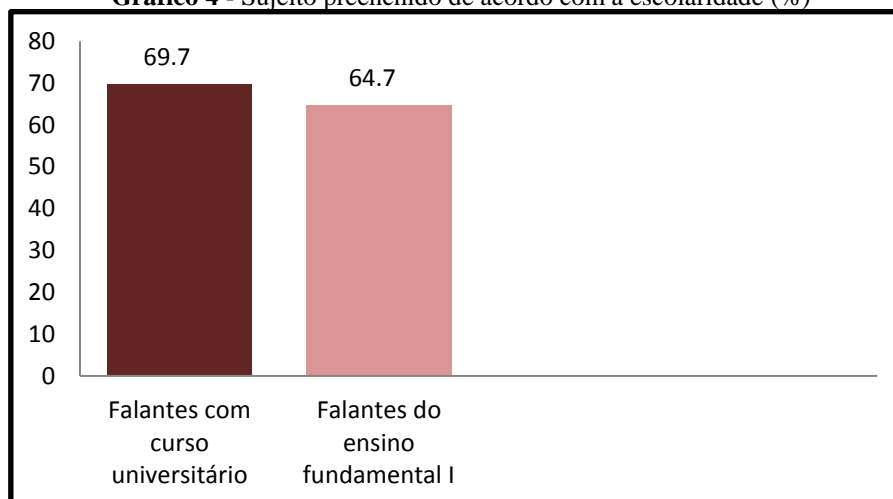
Fonte: dados da autora

Como se pode constatar na tabela 3, os falantes com ensino Fundamental I apresentam um percentual menor de sujeito preenchido quando comparado com os falantes com curso universitário.

Confirma-se a hipótese de Lucchesi; Baxter (2009) de que a redução do sujeito nulo na variedade vernácula aconteceu em virtude do contato linguístico e a transmissão irregular gerou mudanças nos morfemas flexionais de pessoa e número do verbo. Apesar de ser analisado nessa pesquisa apenas o sujeito de 1ª pessoa, sabe-se que esse processo de mudança atingiu todo o paradigma verbal.

Na comparação dos resultados do português falado pelos informantes com curso universitário e pelos informantes do ensino fundamental I, os respectivos percentuais 69,7% e 64,7% indicam uma diferença de 5 pontos percentuais e revelam que os falantes feirenses com curso universitário mostram uma tendência maior a preencher o sujeito de 1ª pessoa do que os falantes do ensino fundamental I.

O gráfico 04 representa os percentuais que já estão exarados na tabela, para melhor visualização.

Gráfico 4 - Sujeito preenchido de acordo com a escolaridade (%)

Fonte: dados da autora

Ao desenvolver sua Tese “*Sujeito nulo e morfologia verbal no português falado por três comunidades do interior da Bahia*”, Almeida (2005) analisou três comunidades rurais. O que motivou a produção dessa pesquisa nessas comunidades foram os reduzidos números de trabalhos sobre o parâmetro do sujeito nulo que focalizassem as variedades rurais.

Para a concretização da pesquisa, utilizaram-se 34 entrevistas do tipo diálogo entre informante e documentador, de três comunidades rurais que fazem parte do projeto *A língua portuguesa falada no semiárido baiano*. Almeida (2005) estudou as comunidades de Bananal/Barra dos Negros e Mato Grosso, em Rio de Contas Chapada Diamantina, o distrito de Matinha em Feira de Santana e Paraguaçu.

Nesse estudo, a autora levanta a hipótese de que o esvaziamento do sujeito nas variedades rurais não está estritamente ligado à inserção das formas *você* e *a gente*, mas à formação do Português no Brasil, pois foi identificada no português popular a redução da morfologia verbal, motivada por fatores sócio-históricos. Almeida (2005) constatou a redução do paradigma verbal em duas dessas comunidades, que surgiram através do contato entre europeus, indígenas e africanas, os quais formaram a variedade popular do português do Brasil.

Na análise dos dados, constatou-se um número significativo de sujeito nulo, bem como a redução do paradigma verbal em decorrência de reduções fonológicas típicas do processo de aquisição imperfeita resultado do processo de transmissão linguística irregular. Um elemento que se destacou foi pronome de 3ª pessoa que na

fala dos informantes das três comunidades analisadas as categorias nula e plena ocorrem de maneira equilibrada.

No que se refere à escolaridade, Almeida (2005) realizou uma comparação entre os mais escolarizados e os analfabetos e não identificou diferenças significativas na categoria vazia. Assim, a autora alerta para o fato de que não se deve generalizar a escolaridade como um fator determinante para favorecimento do sujeito nulo.

Observando a tabela 04 constata-se que os analfabetos da comunidade 03 apresentam um percentual maior de sujeito nulo em relação aos mais escolarizados.

Tabela 4 - Sujeito de referência definida de acordo com a escolaridade

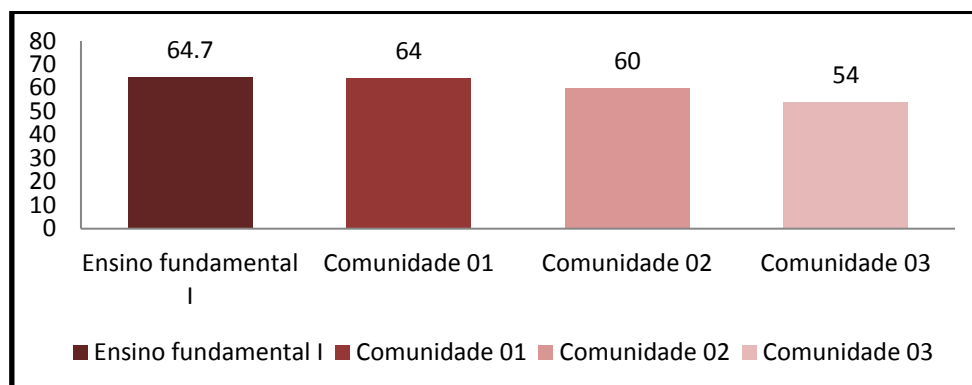
	Sujeito nulo em três comunidades rurais da Bahia		
	Comunidade (01)	Comunidade (02)	Comunidade (03)
Escolarizados	40%	41%	42%
Analfabetos	36%	40%	46%

Fonte: Almeida (2005, pág. 156)

Embora essa pesquisa trate do sujeito de 1^aps.e a Tese *Sujeito nulo e morfologia verbal no português falado por três comunidades do interior da Bahia*¹² focalize a categoria vazia em todas as pessoas gramaticais, será levada em consideração, ao se comparar os dados, a justificativa de que os menos escolarizados tendem a apresentar índices menores de sujeitos preenchidos, porque se apoiam muito no contexto discursivo, ou seja recorrem ao tópico.

No gráfico 5, apresentam-se os percentuais do sujeito pleno do ensino fundamental I falado em Feira de Santana e mostram os índices de sujeito pleno nas três comunidades rurais da Bahia, cujos percentuais são indicativos de informantes analfabetos.

¹²Os resultados da regra de aplicação do sujeito nulo nas três comunidades rurais realizou-se uma conversão para o sujeito pleno, a fim de facilitar a comparação com os resultados do português pleno do ensino fundamental II da cidade de Feira de Santana.

Gráfico 5 - Sujeito preenchido no português do ensino fundamental I nas três comunidades rurais (%)

Fonte da autora e de Almeida (2005, pág. 156)

O resultado encontrado no português do ensino fundamental I em Feira de Santana se aproxima das porcentagens encontradas por Almeida (2005) nas comunidades 01 e 02, porém ao comparar a porcentagem do ensino fundamental I 64,7% com a comunidade 03 com 54% encontra-se uma diferença de 10 pontos percentuais, indicando que a comunidade 03 preenche menos em relação aos falantes feirenses do ensino fundamental I.

Ao comparar o percentual encontrado nos corporas do ensino fundamental I e das comunidades rurais com os resultados do corpus dos falantes universitários feirenses, constata-se que o português falado pelos menos escolarizados tende apresentar um percentual inferior de sujeitos preenchidos em relação aos que são mais escolarizados.

Obtidos esses resultados, busca-se verificar quais fatores linguísticos favorecem o uso de sujeito expresso nas duas vertentes do PBe, portanto, dividem-se os dados do *corpus* das duas amostras: com informantes do ensino fundamental I e falantes com curso universitário.

3.2.2 Tipo de oração

Na tabela 5, apresentam-se os tipos de orações. Nesta pesquisa, foram consideradas as orações raízes que podem anteceder as orações subordinadas, e as orações coordenadas com sujeito co-referente e com sujeito não co-referente. As orações encaixadas dividiram-se em três grupos: completivas, relativas, e adverbiais. Nessas últimas, observou-se sua posição em relação à oração matriz. As orações

coordenadas cujo sujeito tem a mesma referência foram mantidas na análise, embora esse tipo de oração não tenha sido considerada nas pesquisas *A perda do princípio evite pronome no português brasileiro*, Duarte (1995), e *Sujeito nulo e morfologia verbal no português falado por três comunidades do interior da Bahia* Almeida (2005).

Ao observar a tabela 5, tipo de oração, é possível constatar que tanto os falantes do ensino fundamental I como os falantes com curso universitário apresentam índices elevados de sujeito pleno na 1ª ps., com exceção da oração matriz, das coordenadas I (com sujeito não co-referente) e coordenadas II (com sujeito co-referente).

Note-se que, nas duas amostras, destacam-se: as relativas, as completivas e as adverbiais em 1ª e 2ª posição, ou seja, as orações subordinadas. Na amostra com os falantes com curso universitário o PR. das orações relativas foi .89 e os do ensino fundamental I .80 portanto, houve um equilíbrio, com as duas amostras exibindo altos índices de preenchimento do sujeito nesse tipo de oração.

Tabela 5 - Sujeito preenchido de acordo com o tipo de oração

Tipo de Sentença	Amostras dos falantes com curso universitário			Amostras dos falantes do ensino fundamental I		
	Apl./Num	%	PR	Apl./Num	%	PR
Matriz	346/471	73,5	.51	258/385	67	.49
Coordenada I	565/958	59	.35	283/426	66,4	.49
Coordenada II	525/805	65,2	.41	392/796	49,9	.32
Completiva	106/121	87,6	.72	48/56	85,7	.74
Relativa	249/260	95,8	.89	138/154	89,6	.80
Adjuntas I	135/153	88,2	.74	215/245	87,8	.77
Adjuntas II	14/16	87,5	.70	-	-	-
Total	1.940/2.784	69		1339/2062	64,9	
Significância.	0.000	<i>Input</i> .72		Sig. .0.000	<i>Input</i>	.67

Fonte: dados da autora

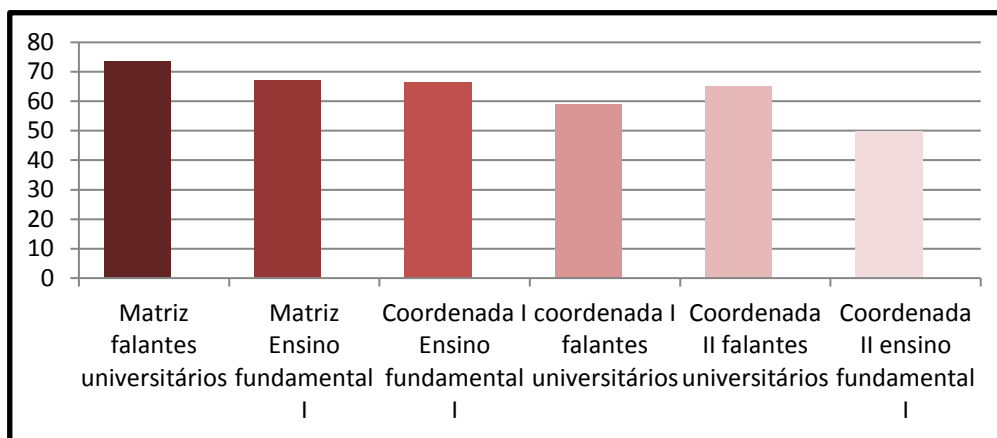
As sentenças adjuntas anteposta tem-se PR. .74 para os falantes com curso universitário e .77 para o ensino fundamental I, já as adjuntas posposta apresentou o peso de .70, contudo as adverbiais pospostas ocorreram apenas no *corpus* com falantes universitários. Em relação ao maior preenchimento de sentenças encaixadas

de 1ªps., já era de se esperar, uma vez que estas tendem a realizar mais o sujeito de 1ªps.

Ao se observar o gráfico 6, vê-se que as orações matrizes e as sentenças coordenadas I (com sujeito não co-referente) e coordenada II (com sujeito co-referente) das amostras dos falantes com curso universitário e dos falantes do ensino fundamental I apresentaram os menores pesos relativos para o preenchimento do sujeito. Duarte (1995) optou por retirar as coordenadas com sujeito co-referente das análises porque estas favorecem a o sujeito nulo. Isso também ocorre no português falado em Feira de Santana: esse tipo de oração não favorece a realização do sujeito, quando comparada com as orações encaixadas.

O gráfico 6, representa os percentuais encontrados nas orações matrizes e coordenadas I e II dos *corporac* falantes universitários e falantes do ensino fundamental I

Gráfico 6 - Sujeito pleno de 1ª ps. nas orações matrizes e coordenadas I e II



Fonte: dados da autora

Observe-se que, no gráfico 6, nas orações matrizes os percentuais 73,5% do *corpus* de falantes universitários e 67% e do *corpus* de falantes do ensino fundamental I.

Chega-se à conclusão de que esse tipo de sentença não favorece o sujeito pleno, resultados que se aproxima aos de Duarte (1995)¹³ em que nas orações matrizes encontrou na 1ªps. no grupo 1, grupo 2 e grupo 3 os percentuais de 75%, 61% e 71% respectivamente.

¹³ Para efeito de comparação com português falado em Feira de Santana, houve mudança na regra de aplicação em que se converteu, os percentuais de sujeito nulo nas orações matrizes com sujeito de 1ªps., em percentuais de sujeito pleno.

As orações matrizes foram também objeto de estudo de Gravina (2009) na pesquisa *Contextos de restrição de sujeito nulo no PB: análise em um corpus histórico*. Foram utilizados *corpora* de três jornais mineiros de épocas diferentes e se constatou um índice significativo de sujeito nulo de 1ª *ps.* enquanto a 3ª pessoa nas orações matrizes apresentou o índice maior de sujeito preenchido. Com base em estudos realizados sobre esse contexto, a autora segue a hipótese de que o sujeito nulo em raízes de 1ª *ps.* é gramatical, enquanto que nas sentenças raízes de terceira pessoa o sujeito nulo é agramatical.

Seguem alguns exemplos de sujeito pleno de 1ª *ps.* em sentenças raízes encontrados nos *corpora* dos falantes com curso universitário e dos falantes do ensino fundamental I no português feirense.

(35) É, essa bolsa eu não posso negar, é... dentro dessas bolsas que nós temos, bolsa acadêmica, bolsa pesquisa, ela é uma bolsa um tanto diferenciada, ele não nos cobra tanto, é, a questão da presença. (C.A, M.1.8)

(36) eu vejo as crianças hoje, assim, fascinadas fazendo tudo pra ficar na tela, meu Deus, e não sai do lugar. (T.L, F.1.8)

(37) Pernambuco eu só conheço até ali Petrolina, até que agente foi numa assembléia lá em Petrolina. (M.S, M.3.7)

(38) Eu sei que foi assim mais ou menos assim em oitenta, oitenta e quatro. já nasceu depois que agente tava morando aqui, nasceu em oitenta e quatro. (V.N, F.3.7)

As orações coordenadas, como era de se esperar, apresentaram um percentual mais baixo de sujeitos plenos, nas duas amostras. Na fala dos informantes com curso universitário a oração coordenada com sujeito co-referente teve 65,2% de ocorrências de sujeitos realizados, um índice alto para esse contexto, enquanto com os falantes do ensino fundamental I foi de 49,9% ; já as orações coordenadas com sujeito não co-referente, os percentuais para o curso universitário e ensino fundamental I foram respectivamente de 59% e 66,4%. Destaque maior centra-se nas sentenças com sujeito co-referente, uma vez que estas não apresentaram um peso relativo em direção ao preenchimento do sujeito tão significativo.

Abaixo seguem alguns exemplos de sujeito pleno e sujeito nulo de 1ª ps. nas orações coordenada I e II encontrados nos corporas dos falantes com curso universitário e dos falantes do ensino fundamental I do português feirense.

(39) Eu gosto de alguns programas humorísticos de alguns canais de TV aberta,é... gosto muito de novela, de uma boa novela, de uma boa historia; tenho saudade das novelas de Janete Clair, década de 70, eu era adolescente e Janete Clair e o marido dela é... Dias Gomes que fez uma novela é... Roque Santeiro.(E. S, F.2. 8)

(40) Rapaiz, o meu trabalho...devido à minha condição, a minha orientação sexual é meio contraditório, né. Eu sou militar, tem cinco anos que eu tô na polícia militar é...e eu trabalho, eu trabalho... fazendo...guarda, guarda de presídio. (W. C, M. 1.8)

(41) Nas horas mais difíce, não conhecia a palavra mas nas hora mais difíce, eu não olhava pra outra coisa, só olhava pro Deus. (E.P, M.3. 7)

(42) É uma tesoura velha, que é do tempo da filha que mora em Simões Filho. Aí eu disse assim: “Ói! Aqui é uma e assim é duas óh! Não vem não!” “ Você tem corage?(I.L, F.3.7)

O gráfico 7 apresenta as orações encaixadas nas amostras do português falado por informantes universitários e por informantes com ensino fundamental I. Ao comparar as duas amostras, notou-se que, nas sentenças encaixadas, há uma tendência para o preenchimento do sujeito pronominal de 1ª ps. Quando se observa os percentuais das orações encaixadas, verifica-se que as relativas se destacam com 95,8% de ocorrências de sujeito pleno de 1ª ps. no *corpus* dos falantes com curso universitário. O índice encontrado no *corpus* do ensino fundamental I é bem próximo ao do *corpus*, com falantes universitários 89,6% de preenchimento.

As sentenças completivas e adjuntas nas duas amostras também se destacaram na realização do sujeito, salienta-se que, no português do ensino Fundamental I, não se encontraram sentenças adjuntas em segunda posição.

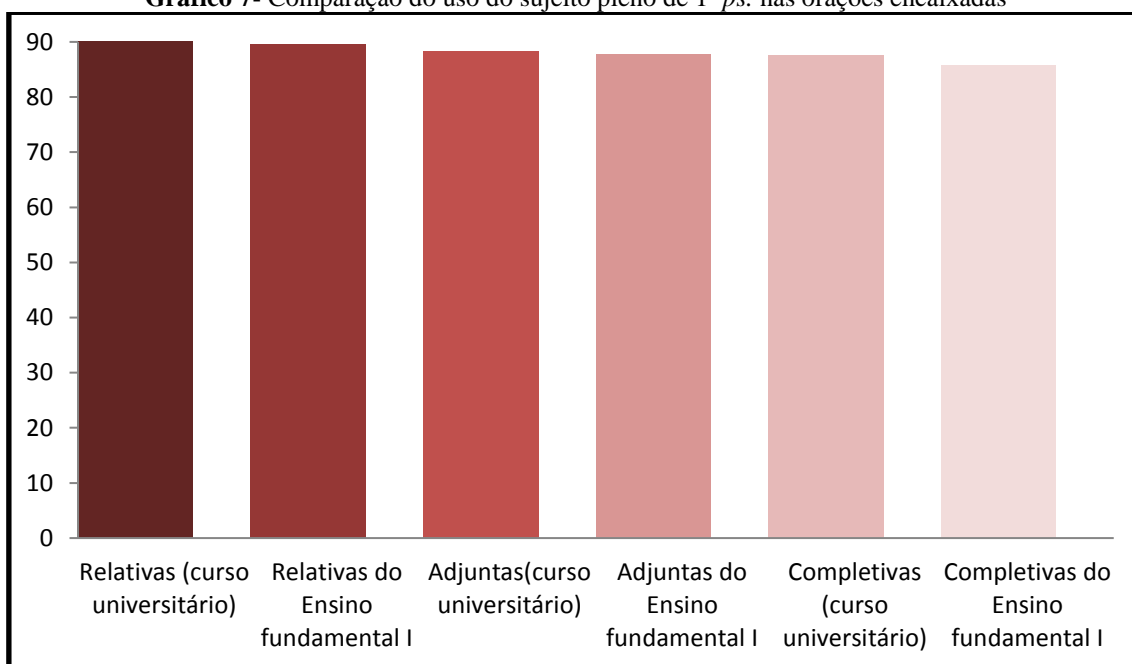
Ao analisar as sentenças encaixadas completivas, Gravina (2009), baseando-se em estudos desenvolvidos por Figueiredo Silva (2000), afirma que neste tipo de sentença existe uma restrição em relação ao uso do sujeito nulo em análises que

consideram o sujeito nulo como uma anáfora ou uma variável. O sujeito nulo anafórico é aquele cujo antecedente se encontra numa posição argumental na oração mais alta já o sujeito variável tem como referência um tópico.

Ex *João disse que _{cv} comprei a joia no camêlo.

A sentença acima é considerada agramatical, visto que o sujeito nulo no português brasileiro deve ter o seu antecedente em uma posição de c-comando e não simplesmente situado numa posição mais alta como no exemplo (GRAVINA, 2009).

Gráfico 7- Comparação do uso do sujeito pleno de 1ª ps. nas orações encaixadas



Fonte: dados da autora

Exemplos de sentenças relativas, completivas e adverbiais dos corporas de falantes universitários e falantes do ensino fundamental I.

Relativas

(43) É tanto que o médico que me atendeu pediu que eu classificasse a dor, que eu tava sentindo, de zero a dez, eu disse quato. (J.A, M.2. 8)

(44) Os programas que eu assisto é desenho animado c'um ele fazendo companhia,mas sempre que eu posso eu assisto normalmente, quando eu consigo assistir é o Jornal da Globo que é meia noite e depois o Programa do Jô. (P.L, F.1.8)

(45) Escrever só sei fazer meu nome, a única coisa que faço pra fazer os documento e qualquer coisa botar o dedão que é a coisa pior de tudo. (J.A. M, 2.7)

(46) O lugar que eu fiquei é Barreirinhos. Lá é chique demais. É. Eu saí daqui sete horas cheguei lá de manhã. Onze horas. (J.S, F.1.7)

Completivas

(46) É, eu brinco até com umas colegas minhas que... eu acho que eu num...eu, eu nunca, eu não tive infância.É aquela idéia de o novo já nasce velho. (C.A. M. 1.8)

(47) Gosto muito. Realmente nasci pra isso, eu acho que se eu não fosse enfermeira,eu num, num seria ota coisa. (P.L, F.1.8)

(48) Quem disse que eu tô dando risada? (E.P, M. 3. 1.7)

(49) Me tomou e disse que eu tava assim com... com um ano,fui criada com a mulher dele, vivi até os sete ano bem (I.L,F.3. 1.7)

Adjuntas antepostas

(50) Quando eu digo novos que já tão na praça, aí há mais de deiz anos, não são tão novos (J.A, M.2. 8).

(51) é... Lisbela e o Prisioneiro, que são filmes que se eu chegar em casa e estiver passando,eu vou sentar ali, vou dizer: “Ah, vou ficar aqui dez minutinhos.” E eu vou até o final. (E. S, F.2. 8)

Adjuntas pospostas

(52) Eu sou muito versátil. Eu visto tudo. Eu sempre gosto de andar arrumada. Se eu pudesse eu andava muitíssimo arrumada, o tempo todo arrumada, mas as coisas não são exatamente como a gente gostaria que fosse. (R.F,2.8)

(53) De Feira? Bom... desde que eu mudei pra Feira, só passei fora de verdade no tempo que eu estudei, quando eu fiz faculdade em Salvador. Eu vivi quatro anos em Salvador, fora isso eu só saio pouco tempo, quinze dias no máximo e volto pra cidade porque tem trabalho. (J.S.M.8)

Destacaram-se o preenchimento do sujeito nas sentenças adverbiais em que foram encontrados índices altos de sujeitos realizados com 88,2%, nas sentenças antepostas da amostra dos falantes universitários e 85,7%, na amostra do ensino fundamental I. As adjuntas pospostas na amostra dos falantes com curso universitário mostram um índice de 87,8%, esses percentuais indicam um equilíbrio, nessa tipologia. Salienta-se que não foram encontrados casos de sujeito nulo de 1ª pessoa nas adjuntas pospostas usadas pelos informantes do ensino fundamental I.

As sentenças adjuntas antepostas e pospostas nessa pesquisa favorecem o sujeito pleno. Os resultados encontrados nas sentenças antepostas estão de acordo com a afirmação de Duarte (1995) de que as adjuntas antepostas tendem a realizar o sujeito por causa da sua posição que não admite a co-referência, já as adjuntas pospostas apresentam a tendência à categoria vazia, uma vez que é possível a co-referência com a sentença anterior. As adjuntas pospostas ocorreram somente na amostra dos falantes com curso universitário e apresentaram um percentual alto de preenchimento do sujeito pronominal de 1ª^{ps.}, o que contraria a afirmação da referida autora.

3.2.3 Síntese dos resultados

- a) Os resultados quanto à escolaridade confirmam a hipótese de que as pessoas com nível de escolaridade superior realizam mais sujeitos plenos;
- b) No que se refere aos tipos de orações, as encaixadas lideram o preenchimento do sujeito em 1ª^{ps.}, com destaque para as relativas;

- c) As sentenças raízes e as orações coordenadas I e II não favorecem a realização plena do sujeito de 1^aps. nas duas amostras;
- d) A co-referência não favorece a realização do sujeito.

3.2.4 Variável tempo e modo verbal

O tempo e o modo verbal estão entre as variáveis que foram selecionadas. Na primeira rodada, considerou os tempos em diferentes modos. Os modos verbais que se destacaram foram o indicativo e o subjuntivo, como se pode observar na tabela 6; os tempos, no modo indicativo, escolhidos pelo programa estatístico *Goldvarb* (2005) foram: presente, pretérito imperfeito, futuro do pretérito e futuro composto.

Ao comparar as duas amostras, notou-se um equilíbrio em termos de pesos relativos entre os tempos do modo indicativo. O presente é o tempo que mais preenche, nos dois *corpora* com PR .51 e .58 seguindo o pretérito imperfeito com .49 e .54 e o pretérito perfeito .46 e .39. Com exceção do futuro do pretérito do indicativo que mostra PR de .57na amostra dos falantes do ensino fundamental I e com PR de .47na amostra de falantes com cursos universitários uma diferença de 10 pontos, resultado que indica que nesse tempo verbal os falantes do ensino fundamental I preenchem mais o sujeito. Enfatiza-se que o futuro composto do indicativo que só ocorreu na amostra dos falantes universitários com PR de .59 e o número de ocorrências foi baixo: 8/11.

Nesta pesquisa, o pretérito perfeito está entre os tempos que menos preenchem o sujeito de 1^aps., resultado que está de acordo com os de Duarte (1995) que mostrou que no modo indicativo os tempos que mais favorecem o sujeito nulo são: o pretérito perfeito com 38% seguido do pretérito imperfeito 27% e do presente 26%. A autora atribui os baixos percentuais de ocorrência de sujeito nulo ao desgaste das desinências nos referidos tempos verbais, sendo que o pretérito perfeito resiste mais na 1^aps. e na 3^aps.

Em relação ao modo subjuntivo, o tempo que se destacou foi o pretérito imperfeito do subjuntivo, liderando a realização do sujeito de 1^a ps. na amostra dos falantes universitários PR. de .75 e no ensino fundamental I com o PR de .83, percebe-se que esse tempo se destaca nas duas amostras como também em relação aos outros tempos verbais.

Ao observar os resultados, vê-se que o presente com PR .51 e .58 e o pretérito com PR .46 e .39, nas amostras dos falantes com cursos universitários e dos falantes do ensino fundamental I, respectivamente, constata-se que no tempo presente do indicativo os informantes do ensino fundamental I apresentam também um percentual de uso do sujeito pronominal maior do que os informantes mais escolarizados.

Esperava-se que, assim como o pretérito imperfeito do subjuntivo, os tempos verbais futuro do pretérito e pretérito imperfeito, os quais tendem ao sincretismo preenchessem mais o sujeito pronominal de 1ª ps. Logo a hipótese se confirma apenas com o tempo do modo subjuntivo. Em relação aos tempos: presente do indicativo e pretérito perfeito que tem morfologia distintiva, o esperado era que estes tempos verbais resistissem à regra.

Segue a tabela com os modos/tempos verbais das amostras dos falantes com nível universitário e falantes do ensino fundamental I.

Tabela 6 - Sujeito preenchido de acordo o tempo verbal no português feirense

	Amostras dos falantes com curso universitário			Amostras dos falantes com ensino fundamental I		
	Apl/num.	%	PR	Apl/num	%	PR
Presente do indicativo	931/1321	70	.51	482/671	71,8	.58
Pretérito perfeito do indicativo	635/931	68,2	.46	491/875	56	.39
Pretérito imperfeito do indicativo	234/341	68,6	.49	322/462	69	.54
Futuro do pretérito do indicativo	81/125	65	.47	20/28	71,4	.57
Futuro composto do indicativo	8/11	72,7	.59	—	—	—
Pretérito imperfeito do subjuntivo	30/32	94	.75	23/24	95,8	.83
Total	1932/2775	69.6	—	1338/2060	65	—
Significância	0.14	<i>Input</i> .73		Sig. 0.000	<i>Input.67</i>	

Fonte: dados da autora

Seguem os exemplos de sujeito pleno de 1ªps. dos modos/tempos verbais retirados dos *corporados* falantes de nível universitário e dos falantes do ensino fundamental I

Modo indicativo

Presente

(54) Se tratando de outro estado, Minas. Aquela parte histórica de Belo Horizonte é muito importante, é muito bonito. Às vezes, eu não tenho muito tempo que trabalho sempre de manhã, de tarde e de noite, mas é uma parte muito interessante de se conhecer porque fala de história do Brasil. (J.S. M, 2.8)

Pretérito perfeito

(55) Eu estudei no Odorico e no Oliveira Brito. É. Eu fiz da quinta até oitava no Oliveira Brito. Aí voltei pro Odorico de noite. (H.B. F. 2.7)

Pretérito imperfeito

(56) Era curral, onde tinha, e na rua Santos Dumond tinha o matadouro que, da prefeitura, eu morava em frente ao matadouro (S. M, 3.8)

Futuro do pretérito

(57) Ah, era muito simples. Eu colocaria, ligaria o fogão, colocaria a panela no fogo, colocaria o óleo e mostraria a ele como se estala o ovo. (J. S. M, 2.8)

Futuro composto

(58) Aí meu irmão me falou: “Você sabe que você não vai ficar em casa, não, você vai pra ilha comigo. Eu vou passaro revellon lá com alguns amigos meus e você vai pá casa, vai ficar lá comigo”. (P.L.F,1.8)

Modo Subjuntivo:

Pretérito imperfeito

(59) Olha tu não me pergunta essas coisas não. Eu não queria ter tido era nenhum. Eu quiria mesmo era uma menina, mas veio L. que ta me dando trabalho aí né? Não posso fazer nada né? Se eu pudesse ter um agora eu teria uma fêma. (M.S.F, 3.7)

3.2.5 Variável social faixa etária

Da amostra dos falantes com curso universitário, foram extraídos 2784 dados, correspondendo 69,7% de sujeitos preenchidos, e 30,3% de sujeitos nulos e a do ensino fundamental I registrou um total de 2062 dados correspondendo a 64,9% de sujeitos preenchidos e 35,1% de sujeitos nulos.

Tabela 7 - Sujeitos plenos e nulos de acordo com as faixas etárias no português feirense

Faixa etária	Amostra dos falantes com curso universitário			Amostra dos falantes com ensino fundamental I		
	Sujeitos plenos	Sujeitos nulos	Total	Sujeitos plenos	Sujeitos nulos	Total
	Num. %	Num. %	Num.%	Num. %	Num. %	Num.%
1	712/72.2	274/28.8	986/100	434/73.8	154/26.2	588/100
2	752/66.3	383/33.7	1135/100	441/62.4	266/37.6	707/100
3	476/71.8	187/28.2	663/100	464/60.5	303/39.5	767/100

Fonte: dados da autora

Na tabela 7, os dados estão distribuídos por faixas etárias. Ao analisar as ocorrências de dados da amostra dos falantes com curso universitário e do ensino fundamental I, é notável que a porcentagem de realização do sujeito é maior do que o percentual do sujeito nulo. Os resultados do português falado em Feira de Santana estão de acordo com a afirmação de que o PB vem apresentando de forma progressiva uma tendência para o preenchimento do sujeito.

Essa mudança foi comprovada por Duarte (1995). O grupo dos falantes mais velhos se manteve conservador em relação ao uso do sujeito nulo, independente do verbo apresentar flexão diferente em relação a 1ª pessoa do singular ou do plural, todavia, nos grupos dos mais jovens houve a redução do uso do sujeito nulo.

Nesta pesquisa, foram comparadas as faixas etárias com base no tempo aparente em que se compara o comportamento linguístico dos falantes, a partir das diferenças apresentadas na idade. Os resultados mostram que os falantes escolarizados mantêm o equilíbrio quanto ao uso do sujeito pleno, sem grandes diferenças entre a I e a III faixa etária.

A tabela mostra como os falantes com curso universitário e com ensino fundamental I estão se comportando em relação à realização do sujeito pronominal de 1ªps. no português falado em Feira de Santana.

Tabela 8 - Sujeito preenchido de acordo com a faixa etária

Faixa etária	Amostras dos falantes com curso universitário			Amostras dos falantes com ensino fundamental I		
	Apl./Num.	%	PR	Apl./Num.	%	PR
1	712/986	72,2	.52	434/588	73,8	.58
2	752/1135	66,3	.45	441/707	62,4	.48
3	476/633	71,8	.54	464/767	65,5	.45
Total	1940/2784	69,7		1339/2062	64,9	
Significância	0.047	<i>Input</i>	<i>073</i>	Sig. 0.000	<i>Input</i>	<i>.67</i>

Fonte: dados da autora

Com a finalidade de averiguar como a variável social contribui para a que ocorra a variação estável ou mudança em progresso, os dados foram distribuídos nas três faixas etárias considerando os percentuais e o peso relativo. De acordo com Labov (2008[1972]), os falantes mais jovens tendem a aceitar rapidamente a inovação linguística, enquanto os falantes mais velhos são conservadores.

É possível observar, na tabela 8, que os falantes com curso universitário apresentam um equilíbrio em relação ao preenchimento do sujeito de 1ªps. nas faixas I e III, o PR. de .52 e .54, respectivamente, se aproximam e não se pode afirmar que existe uma variação estável, se são os jovens que se adaptam as inovações linguísticas e lideram as mudanças, nessa amostra (os pesos relativos) não direcionam a essa interpretação. A faixa II com PR de .45 não favorece a realização do sujeito

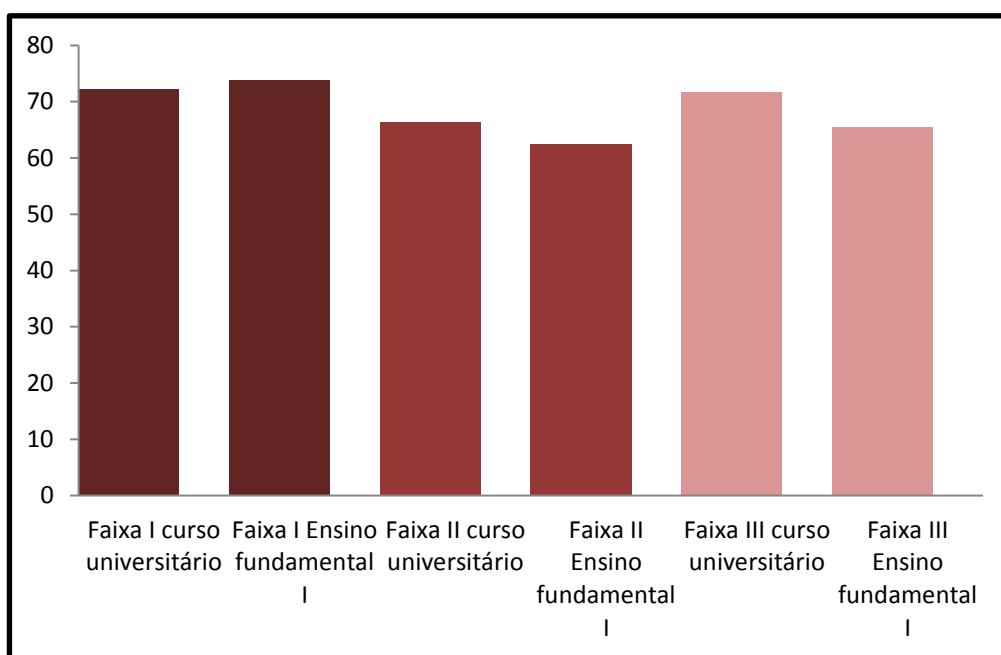
Os resultados mostram que na amostra do ensino fundamental I, a faixa I com PR .58 lidera o preenchimento do sujeito, a faixa II e III exibem PR de .48 e .45. Ao analisar as faixas, é notável o declínio da realização do sujeito de 1ªps que se reduz com a idade, nessa amostra parece haver mudança em progresso, o que difere do português falado por pessoas mais escolarizadas.

No gráfico 8, são comparados os percentuais do preenchimento do sujeito da amostra dos falantes de nível universitário e da amostra dos falantes do ensino fundamental I.

A comparação entre as faixas etárias da amostra dos falantes com curso universitário e da amostra dos falantes com ensino fundamental I indica que a faixa I

com 72,2% e 73,8% nas duas amostras lidera a realização pronominal do sujeito de 1ª ps. a faixa II mantém-se no ponto da neutralidade, porém na faixa III os falantes do ensino fundamental I se mostram mais conservadores exibindo um índice de 60,5% menor do que os falantes com curso universitário que preenchem mais o sujeito com 71,8% nas ocorrências.

Gráfico 8- Comparação entre as faixas etárias de acordo com a escolaridade (%)



Fonte:

dados da autora

3.2.4 Síntese e comparação dos resultados encontrados

- Ao comparar as duas amostras no modo indicativo o presente é o tempo que mais preenche o sujeito de 1ª ps.
- O pretérito perfeito é o tempo que menos preenche o sujeito de 1ª ps.;
- O modo subjuntivo do tempo pretérito imperfeito se destacou liderando a realização do sujeito de 1ª ps.;
- Confirma-se a hipótese de que o tempo verbal pretérito imperfeito do subjuntivo lidera o preenchimento do sujeito de 1ª ps. em virtude do seu sincretismo;
- Em relação à faixa etária, na amostra dos falantes com curso universitário, houve nas extremidades (I e III faixa) um equilíbrio na realização do sujeito de 1ª ps.;
- A implementação progressiva da mudança está ocorrendo na amostra do ensino fundamental I em que da I a III faixa etária houve um declínio na realização do sujeito de 1ª ps.

3.2.6 Grupos selecionados somente na amostra dos falantes de nível universitário

Nesta seção, apresentam-se as variáveis que foram selecionadas apenas na amostra dos falantes com curso universitário. São elas: gênero/sexo, tipo de discurso e material linguístico entre o sujeito e o verbo.

3.2.7 Variável gênero/sexo

A tabela 09 e o gráfico 09 apresentam o índice e o peso relativo para o sujeito pronominal preenchido de 1ª *ps.* na variável gênero/sexo.

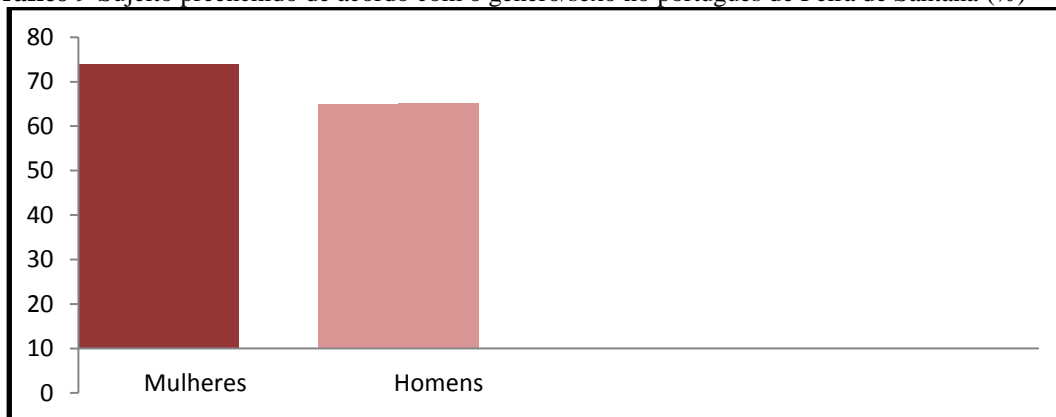
Os números mostram que as mulheres lideram a realização do sujeito com o PR de .56, e de .43 para os homens, portanto, uma diferença significativa de 13 pontos. Esses resultados mostram que as mulheres estão à frente do processo da progressiva mudança em direção ao preenchimento do sujeito do português falado em Feira de Santana

Tabela 9 - Sujeito preenchido de acordo com gênero/sexo

Amostra dos falantes com curso universitário			
Gênero/ sexo	Apl./ Num.	%	PR
Masculino	880 / 1352	65,1	.43
Feminino	1060 /1432	74,0	.56
Total	1940/2784	69,7	
Significância	0.000	Input	0.72

Fonte: dados da autora

É notável, no gráfico 9, a preferência do gênero feminino pelo sujeito de 1ª *ps.* preenchido. A fim de constatar como se comportam os falantes da cidade de Itabi no Estado de Sergipe em relação a essa variante, fez-se uma comparação dos resultados encontrados por Matos (2009) no grupo jovens de mulheres e homens universitários entre 20 e 40 anos com os resultados dessa pesquisa.

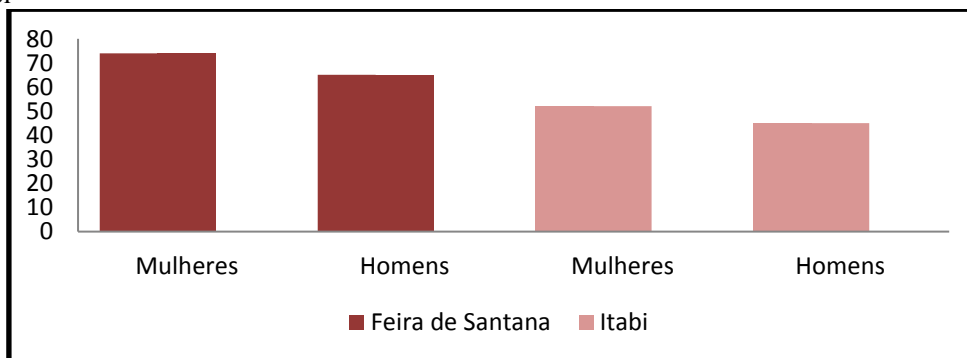
Gráfico 9- Sujeito preenchido de acordo com o gênero/sexo no português de Feira de Santana (%)

Fonte: dados da autora

Em Matos (2009), o estudo é feito com os falantes da cidade de Itabi situada no Estado de Sergipe. A amostra é constituída de 24 informantes universitários e analfabetos, sendo 12 homens e 12 mulheres com idade entre 20 a 40 anos.

O estudo em torno da realização variável do sujeito pronominal levou em consideração a hipótese de que o português brasileiro é uma língua *pro-drop* e, como tal, permite a realização do sujeito nulo. Em relação ao gênero/sexo, Matos (2009) constatou que os homens analfabetos utilizam mais o sujeito nulo, enquanto as mulheres universitárias lideram o preenchimento do sujeito. Ao comparar homens e mulheres escolarizados, verificou-se que os homens usam mais o sujeito nulo do que as mulheres.

Segue o gráfico 10 que compara os resultados quanto ao gênero em Feira de Santana e Itabi.

Gráfico 10- Sujeito preenchido de acordo gênero/sexo no português de Feira de Santana e no português (%) de Itabi

Fontes: dados da autora e de Matos (2009, pág 84).

Para realizar a comparação com português falado por pessoas com curso universitário de Feira de Santana, foram escolhidos somente os percentuais de sujeitos realizados dos falantes universitários da cidade de Itabi.

No gráfico 10, o preenchimento do sujeito é predominante entre as mulheres, com 74%, em Feira de Santana e 52%, em Itabi, com sujeitos preenchidos. Ao comparar os percentuais entre os homens, nota-se que o gênero/sexo masculino feirense preenche mais o sujeito com 65,1% de ocorrências, já os homens de cidade de Itabi exibem um índice de 45% de sujeitos plenos, uma diferença significativa de 20 pontos. Conclui-se então que o português falado pelas pessoas escolarizadas do município feirense vem apresentando uma tendência em direção à realização do sujeito e se destaca em relação aos falantes itabienses.

3.2.7 Variável tipo de discurso

Na análise dos dados, foram considerados os tipos de discurso direto e indireto. O discurso direto é definido, segundo a gramática tradicional, como aquele em que o indivíduo introduz um enunciado que reflete a exatidão de sua fala, já no discurso indireto, a fala de uma segunda pessoa é retomada pelo narrador.

Tabela 10 - Sujeito pleno de 1ª ps. de acordo com o tipo de discurso

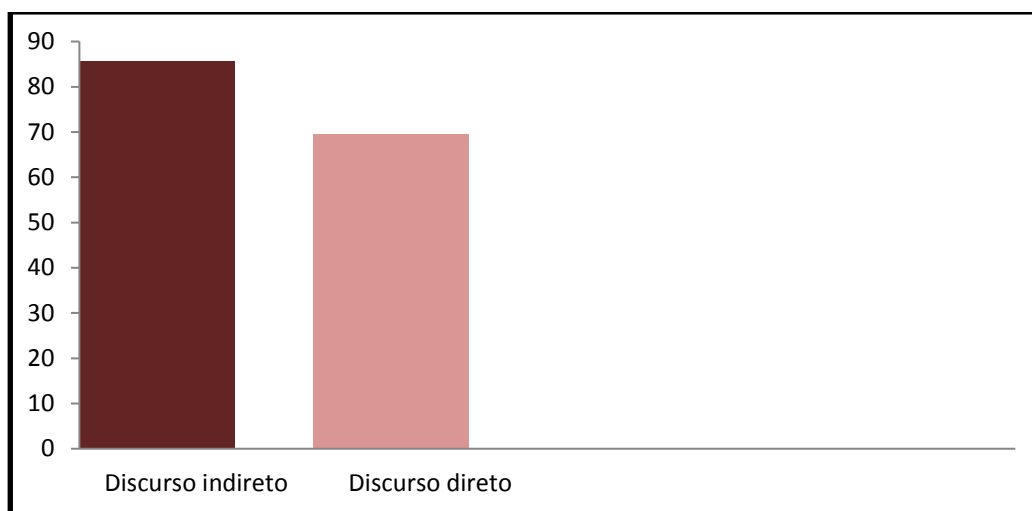
Amostra dos falantes com curso universitário			
Tipo de discurso	Apl/Num.	%	PR
Discurso direto	1922/2763	69.6	.49
Discurso indireto	18/21	85.7	.72
Total	1940/ 2784	69.7	
Significância	0.089	<i>Input . 69</i>	

Fonte: dados da autora

Na tabela 10, o total de ocorrência de dados com o sujeito pleno de 1ªps. no discurso direto e indireto foi de 1940, que corresponde a 69.7%, o discurso direto apresenta um PR de .49, porém o sujeito pleno predominou no discurso indireto com PR .72 .

O gráfico 11 exibe os percentuais da variável tipo de discurso e mostra o fator que mais sobressaiu no preenchimento do sujeito de 1ª ps. na amostra dos falantes com cursos universitários é o discurso indireto. Note-se a pequena quantidade de dados com discurso indireto.

Gráfico 11 -Sujeito pleno de acordo com o tipo de discurso (%)



Fonte: dados da autora

Exemplos de sentenças com tipos de discursos em 1ª ps. retirados do amostra dos falantes com nível universitário.

(59) É, essa bolsa eu não posso negar que, é... dentro dessas bolsas que nós temos, bolsa acadêmica, bolsa pesquisa, ela é uma bolsa um tanto diferenciada, ele não nos cobra tanto, é, a questão da presença. (C.A, M.1.8)

(60) Foi uma data, assim, eu acho assim, a formatura é única, eu costumo dizer assim, meu pai que diz assim, meu pai o que o senhor quer ainda ver, né , a gente costuma falar meu pai fala assim que ah! Eu falo meu pai o senhor vai levar uma filha no altar, né porque, esta se encaminhando pra pra casórios agora, como se diz. Aí ele fala: “Não, não eu queria ver os três formados, já vi. Pra mim ta bom!”.(T.L, F. 1.8)

3.2.8 Material linguístico entre o sujeito e o verbo

A tabela e o gráfico 11 apresentam as ocorrências de sujeito pleno de 1ª ps. de acordo com a presença ou ausência de elementos em IP. Nessa pesquisa foram considerados como presença entre spec de IP os advérbios tais como: não, nunca já, agora, sempre.

Tabela 11 - Sujeito preenchido de acordo com o material linguístico entre o sujeito e o verbo

Material linguístico entre o sujeito e o verbo	Amostra dos falantes com curso universitário		
	Apl./num	%	PR
Ausência	1657/2341	70,8	.51
Presença	283/443	63,9	.44
Total	1940/2784	69,7	
Significância .018		<i>Input</i> 0.73	

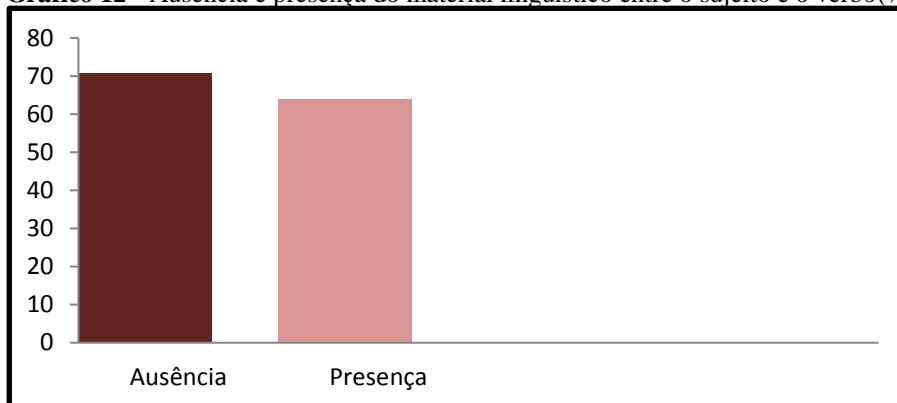
Fonte: dados da autora

Observa-se 70,8% de sujeitos preenchidos na ausência de advérbios e um PR de .51, já a presença de advérbios entre o sujeito e o verbo mostra que nesse contexto há uma tendência ao uso do sujeito nulo.

Ao observar o PR. de .51 para a ausência e .44 para presença de material linguístico entre o sujeito e o verbo, vê-se que não há uma distância significativa, porém não se pode deixar de reconhecer que os falantes com curso universitário preenchem menos quando há presença do advérbio na estrutura IP.

Abaixo segue o gráfico 11 que mostra o percentual de sujeito pleno de 1ªps. de acordo com o material linguístico entre o sujeito e o verbo.

Gráfico 12 - Ausência e presença do material linguístico entre o sujeito e o verbo(%)



Fonte: dados da autora

Ao analisar a presença ou ausência de advérbios entre Spec de IP e I^o, Duarte¹⁴ (1995) identificou que a presença de elementos nesse tipo de estrutura resiste ao sujeito nulo. Ao converter a aplicação da regra para o sujeito preenchido, há 64% para presença de advérbio entre o sujeito e o verbo e 72% nas sentenças que não apresentam o material linguístico junto a IP.

Ao comparar os resultados de Duarte (1995), nota-se os falantes universitários feirenses apresentou um percentual próximo 70,8% para a ausência e 63,9% para a presença de elementos junto a IP. Logo as pesquisas mostram que o sujeito preenche menos quando há ausência do material linguístico entre o sujeito e o verbo.

Seguem exemplos de sentenças com o material linguístico entre o sujeito e o verbo retirados da amostra dos falantes de nível universitário de Feira de Santana.

(61) Meus avós é que eu não tenho certeza. Acho que um veio de Aracaju e outro do interior da Bahia. Eu não tenho muita certeza dos avós, mas os meus pais nasceram aqui. (J.D, M.3. 8)

(62) É... eu hoje já não conheço mais muita gente. Eu vou nos lugares, eu fico assim, horrorizada! Têm lugares mesmo que a gente vai que sabe que têm outras pessoas, que conhece, não encontra mais não! Não, eu não fui não porque eu tô... tô fazendo dieta. (F.P, F. 3. 8)

3.2.9 Síntese dos resultados dos grupos selecionados do português do nível superior

- a) Em relação ao tipo do discurso, o discurso indireto se destacou preenchendo mais o sujeito de 1^a ps.;
- b) Na variável gênero/sexo, as mulheres lideraram a realização do sujeito de 1^a ps.;
- c) Ao comparar a variável gênero/sexo nessa pesquisa com os falantes da mesma escolaridade da cidade de Itabi, verifica-se que os feirenses preenchem mais o sujeito;

¹⁴ A regra de aplicação na pesquisa de Duarte (1995) é o sujeito nulo, mas foi convertida em sujeito pleno para realizar a comparação com o português pleno falado em Feira de Santana.

d) Nessa pesquisa, a presença dos elementos junto ao IP não favorece a realização do sujeito. Ao converter a regra de aplicação dos resultados encontrados por Duarte (1995) têm-se percentuais próximos para a ausência/presença do sujeito entre o sujeito e o verbo nas duas pesquisas os sujeitos preenchem menos quando há ausência do material linguístico junto a IP.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo investigar o preenchimento do sujeito de 1ª *ps.* no português de Feira de Santana. Para isso, utilizaram-se duas amostras: uma dos falantes de nível universitário e outra dos falantes do ensino fundamental I, totalizando 24 entrevistas das quais foram levantados 4846 dados, correspondendo a 67,7% de sujeitos preenchidos contra 32,2% de sujeitos nulos.

A análise dos resultados teve como suporte a Sociolinguística Quantitativa, que estuda a relação entre língua e sociedade. Com base na teoria da Variação e da Mudança Linguística, buscou-se, nessa pesquisa, correlacionar aspectos linguísticos e extralinguísticos, tendo como objetivo constatar através do método quantitativo quais são os fatores que contribuem para a realização do sujeito pronominal de 1ª *ps.* no português falado em Feira de Santana.

Foram constituídas duas amostras. Primeiramente, fez-se uma rodada conjunta e, em seguida, as amostras foram separadas. Na rodada geral, a escolaridade foi selecionada, apesar de este fator não se mostrar tão significativo para o fenômeno em estudo. Ao comparar a amostra dos falantes de nível universitário, que apresentou 69,7% de sujeitos preenchidos, com a amostra dos falantes do ensino fundamental I, que obteve um percentual de 64,7% de plenos, constata-se que mesmo com os percentuais tão próximos, os mais escolarizados tendem a preencher mais o sujeito, logo a hipótese levantada se confirmou.

O estudo mostrou que os falantes feirenses tem apresentado a opção pelo sujeito pleno. Nas duas amostras, as variáveis que se destacaram na realização do sujeito de 1ª *ps.* são: tipos de sentença, tempo/modo verbal e faixa etária.

Na amostra dos falantes de nível universitário destacaram-se alguns variáveis que não foram selecionadas na amostra dos falantes com ensino fundamental I. São elas: gênero/sexo, tipo de discurso e material linguístico entre o sujeito e verbo. A fim de situar o português falado em Feira de Santana no panorama brasileiro, foram feitas comparações com os resultados encontrados por Duarte (1993), (1995), Almeida (2005), Teixeira e Almeida (a ser publicado), Matos (2009) e Cavalcante (2014). Essas pesquisas atestam que o PB vem apresentando uma tendência progressiva para a realização do sujeito.

Na interpretação dos resultados, considerou-se como relevante na realização do sujeito os tipos de orações, entre as quais se destacaram as relativas, adjuntas

(antepostas) e as completivas nas duas amostras com PR. de .89 e .80; .74 e .77; .72 e .74 respectivamente. Ressalta-se que as adjuntas pospostas também favoreceram o sujeito pleno, porém só foi encontrada na amostra dos mais escolarizados. Entre as orações encaixadas destacaram-se, na realização do sujeito, as sentenças relativas nas duas amostras.

Os resultados fazem eco aos encontrados por Duarte (1995), uma vez que a presença do elemento no Spec CP favorece a realização do sujeito.

As sentenças adjuntas, antepostas e pospostas favorecem o sujeito pleno, porém de acordo com Duarte (1995) nas adjuntas antepostas realiza-se mais o sujeito em virtude de sua posição que não permite a co-referência com o sujeito da matriz. As adjuntas pospostas e as completivas também apresentaram um percentual alto de preenchimento do sujeito, todavia não condiz com a afirmação da autora, de que a co-referência com a oração anterior favorece mais a opção nula nesse contexto.

Nas amostras específicas, os modos verbais que se destacaram foram o indicativo e o subjuntivo; os tempos verbais apresentaram peso relativo equilibrado no que se refere ao preenchimento do sujeito de 1ª ps. nas duas amostras. O presente com PR. de .51 e .58, seguido do pretérito perfeito, .46 e .39, e do pretérito imperfeito .49 e .54, observa-se que o presente é o tempo que mais preenche quando se compara as duas amostras. Já o pretérito perfeito é o tempo que menos preenche o sujeito, quando comparado aos resultados de Duarte (1995), esse tempo é o que mais realiza o sujeito nulo. A autora atribui a categoria vazia nesse tempo ao desgaste das desinências, sendo que o pretérito perfeito resiste mais na 1ªps. e na 3ªps.

Ressalta-se que o futuro pretérito do indicativo da amostra do ensino fundamental I com PR. de .57 se sobressaiu em relação ao percentual dos mais escolarizados com PR. de .47, no tempo presente, os resultados das duas amostras são iguais; já o futuro composto ocorreu apenas na amostra dos falantes universitários com PR. de .59, os poucos dados encontrados registraram 8 ocorrências em 11 dados..

No modo subjuntivo, o tempo que liderou o preenchimento do sujeito foi o pretérito imperfeito com PR de .75 na amostra dos falantes mais escolarizados e .83 na amostra do ensino fundamental I. É notável que esse tempo, quando se compara aos outros, preenche mais o sujeito de 1ªps. do português falado pelos feirenses. Logo se confirma a hipótese de que o pretérito imperfeito do subjuntivo, tempo que tende ao sincretismo realizaria mais o sujeito.

Em relação à variável faixa etária, na amostra dos falantes com cursos universitários, a faixa I e III apresentam pesos relativos que se assemelham em relação à realização do sujeito, a diferença encontrada está na amostra dos falantes do ensino fundamental I, em que há um declínio de acordo com a faixa etária na realização do sujeito, o que indica uma mudança em progresso.

As variáveis gênero/sexo, tipo de discurso e material linguístico entre o sujeito e o verbo foram selecionadas somente a amostra dos falantes com cursos universitários. O sexo feminino mostrou-se mais sensível a aplicação da regra, com PR. de .56 contra um PR. de .43 no gênero/sexo masculino. Os resultados indicam que as mulheres com nível mais altos de escolarização lideram o processo de mudança em direção ao preenchimento do sujeito

No que se refere ao tipo de discurso, na amostra dos falantes de nível universitário predominou a realização do sujeito no discurso indireto com PR. de .72, já o discurso direto obteve um PR. de .49.

A última variável analisada, o material linguístico entre o sujeito e o verbo, apresentou PR. de .54 para a ausência de advérbios na estrutura IP e PR. de .44 para a presença de elementos entre o sujeito e o verbo. Os resultados estão de acordo com os de Duarte (1995).

Os resultados dessa pesquisa não dão conta das variações ou mudanças que ocorrem no parâmetro do sujeito nulo no português falado em Feira de Santana, mas confirmam que, assim como no PB de um modo geral, o português feirense vai em direção à realização do sujeito pronominal de 1ªps., resultados que não são definitivos, já que não abarcam todos os níveis de escolaridade. A ampliação da amostra e um estudo sobre a aquisição de L1 poderão lançar um pouco mais de luz sobre a representação do sujeito pronominal em Feira de Santana.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Norma Lúcia F. **Sujeito nulo em morfologia verbal em três comunidades rurais baianas**. Tese (Doutorado em Linguística). Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 2005.

_____. Variação linguística na Bahia: contribuições do projeto 'A língua portuguesa no semiárido baiano'. In: LOPES, Norma; BULHÕES, Lígia; CARVALHO, Cristina. **Sociolinguística: Estudos da variação, da mudança e da sócio-história do português brasileiro Sociolinguística paramétrica Sociofuncionalismo** Feira de Santana: UEFS Editora, 2013.

_____. ARAUJO, Silvana Silva de Farias. Vertentes do português popular do Estado da Bahia: **A língua portuguesa no semiárido baiano**. Disponível em: <http://www.vertentes.ufba.br/associados/feira-de-santana>. Acesso: 15 Dez. 2015.

_____. CARNEIRO, Z. Sujeito. In: LOBO, T. OLIVEIRA, K. (Orgs.). **África à vista: dez estudos sobre o português escrito por africanos no Brasil do século XIX**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 70-89.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2009.

_____. **Nos chegemos na escola e agora?** Sociolinguística & educação. São Paulo: Parábola, 2006.

CAVALCANTE, Vilma Maria Reis. **O Sujeito nulo no português do Maranhão**. Tese de doutorado. UFRJ, 2014.

CHOMSKY, Noam. **Lectures on government and binding**. Dordrecht, The Netherlands: Foris Publications, 1981.

CORREA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1993.

COMISSÃO APROVA NOVOS LIMITES TERRITORIAIS DE DEZESSETE MUNICÍPIOS BAIANOS, 2014. Disponível em: <http://noticiasdesantaluz.com.br/comissao-aprova-novos-limites-territoriais-de-dezessete-municipios-baianos>. Acesso em: 26 de dez. 2015.

CUNHA, Celso. Conservação e inovação do português do Brasil. **O EIXO E A RODA**, v.5 1986. p. 199-230.

_____. **A questão da norma culta brasileira**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary

Aizawa. (Orgs.). **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: UNICAMP, 1993. p.107-128.

_____. **A perda do princípio evite pronome no português brasileiro**. Tese de doutorado. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas: UNICAMP, 1995.

_____. A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos. *In*: PAIVA Maria da Conceição; DUARTE, Maria Eugênia (Orgs.). **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003. p. 115- 128.

_____. **O sujeito em peças de teatro (1833- 1992)**: estudos diacrônicos. São Paulo. Parábola, 2012.

FEIRA DE SANTANA GRANDES AVENIDAS, 2010. Disponível em: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php>. Acesso em: 26 de dez. 2015.

FREITAS, Nacelice Barbosa. **Urbanização em Feira de Santana**: influências da industrialização (1970-1996). 1998. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1998.

FREIRE Luiz Cleber Moraes. **Nem tanto ao mar nem tanto à terra**: Agropecuária, escravidão e riqueza em Feira de Santana, 1850-188. Feira de Santana: UEFS Editora. 2011.

GUIMARÃES, Astrogildo Brito. **Panorama Geral de Feira de Santana**. Feira de Santana, 1983.

GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa**: instrumental de análise. São Paulo: Parábola, 2007.

GRAVINA, A. P. Contexto de restrição de sujeito nulo no PB: análise de um corpus histórico. **ANAIS do SETA**, n.3, p. 30-37, 2009

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

KATO, Mary Aizawa; DUARTE, Maria Eugênia Lammoglia. Restrições na distribuição de sujeitos nulos no português brasileiro. **Sintaxe das línguas brasileiras**, Vol. 18/1, Veredas, 2014.

KROCH, Anthony. **Mudança sintática**. Pensylvann: University of Pensylvann Press, 2003.

KENEDY, Eduardo. **Curso básico de linguística gerativa**. São Paulo: Contexto, 2013.

LABOV, William. **Principles of Linguistic Change: Internal Factors**. Oxford: Blackwell, 1994.

_____. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

_____. **Language in the Inner City**. Philadelphia. University of Pennsylvania Press, 1972.

LAVANDERA, Beatriz. **Variación e significación**. Buenos Aires: Hachette, 1984.

LUCCHESI, Dante. Parâmetros sociolinguísticos do português Brasileiro. **Revista da ABRALIN**, v.5n. 1 e 2, p. 83-112.2006.

_____. Dante. História do contato entre línguas no Brasil. In: LUCCHESI,Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza. (Orgs.). **Português afro-brasileiro**.Salvador, EDUFBA, 2009.

_____. Dante; BAXTER, Alan; SILVA, Jorge Augusto Alves da; FIGUEIREDO, Cristina. O português afro-brasileiro: as comunidades analisadas.In: LUCCHESI,Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza. (Orgs.). **Português afro-brasileiro**.Salvador, EDUFBA, 2009.

_____. A teoria da Variação Linguística: um balanço crítico.**Estudos Linguísticos**, v. 2, p. 793-805, 2012.

MATOS, Maria Zelma Menezes de Santana. **A realização variável do sujeito pronominal na fala urbana Itabiense**. Tese de Doutorado. UNESP, SP: Universidade Estadual Paulista, 2009.

MATTOS e SILVA, Rosa Virginia.**O português são dois: novas fronteiras, velhos problemas**. São Paulo: Parábola, 2004.

_____. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2008.

MELO, Gladstone Chaves de. **A língua do Brasil**. 4 ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1981.

MELLO, Heliana Formação do português brasileiro sob perspectiva da linguística de contato. In:MELLO; Heliana RASO;Tommaso; ALTENHOFEN, CLÉO V. (Orgs.) **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: UFMG, p. 173-185, 2011.

MIOTO, Carlos; SILVA, Maria Cristina Figueiredo; LOPES, Ruth. **Novo Manual de Sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2013.

MORAIS Ana Angélica Vergne de. **Conhecendo Feira de Santana: olhares sobre a cidade**. Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, 2004.

NARO, Anthony Julius. O dinamismo das línguas. In:MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luíza. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Contexto, 2008.

_____. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. *In*: MOLLICA, Maria Cecília BRAGA, Maria Luiza (Orgs.) **Introdução à Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Contexto, 2008.

NEVES, Erivaldo Fagundes. **Uma comunidade sertaneja da sesmaria ao minifúndio**: um estudo de história regional e local. 2 ed. Ver. e ampl.- UEFS. Feira de Santana: Salvador EDUFBA, 2008.

OLIVEIRA, Clóvis Frederico Ramaiana Moraes. **De empório a princesa do sertão**: utopias civilizadoras em Feira de Santana (1893-1937). 128f. 2000. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2000.

OLIVEIRA, Cristina Barbosa. **CIS 15 anos**. Feira de Santana, Ba: CIS, 1998.

OLIVEIRA, Maria Leny Souza. **Feira de Santana no contexto da urbanização brasileira e a questão da moradia na favela**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2014.

PAIVA Maria da Conceição; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Posfácio. Quarenta anos depois a herança de um programa na sociolinguística brasileira. *In*: WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo-SP: Parábola, 2006 [1968].

_____. Mudança linguística: observações em tempo real. *In*: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.) **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2008.

PAREDES DA SILVA, Vera Lúcia. Relevância das variáveis linguísticas. *In*: MOLLICA, Maria Cecília.; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Contexto, 2008.

PESSOA DE CASTRO, Yeda. A matriz africana no português do Brasil. *In*: CARDOSO, Suzana; MOTA, Jacyra Andrade e MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (Orgs.). **Quinhentos anos de história linguística do Brasil**. Salvador: Secretária da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006. p. 81-113.

PETTER, Margarida. A influência das línguas africanas no português brasileiro. *In*: MELLO, ALTENHOFEN, C. V.; RASO, T. (Orgs.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: UFMG, 2011, p. 255-274.

PINTO, Edith Pimentel. **O português do Brasil**: textos críticos e teóricos, 1-1820/1920 - Fontes para a teoria e a história. Rio de Janeiro, RJ: LTC; São Paulo: EDUSP, 1978.

POPPINO, Rollie E. Feira de Santana. Salvador: Itapuã Bahia, 1968.

ROBERTS, Ian; KATO, Mary Aizawa. **Português brasileiro**: uma viagem diacrônica, homenagem a Fernando Tarallo. Campinas: UNICAMP, 1993.

RODRIGUES, Aryon Dall'igna. As outras línguas da colonização do Brasil. *In*: CARDOSO, Suzana; MOTA, Jacyra Andrade e MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (Orgs.). **Quinhentos anos de história linguística do Brasil**. Salvador: Secretária da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006. p. 143-154.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 20. ed. São Paulo: Cultrix 1997[1916].

SILVA NETO, Serafim da. **História da língua portuguesa**. 3. ed, Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1979.

SOUSA, Ione Celeste de. **Garotas tricolores, deusas fardadas : as normalistas em Feira de Santana, 1925 a 1945**. São Paulo: EDUC, 2001.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. *In*: Maria Cecília Mollica, Maria Luiza Braga (Org.). **Introdução à Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Contexto, 2008.

TARALLO, Fernando; ALKMIN, Tânia. **Falares crioulos: línguas em contato**. São Paulo: Ática, 1987.

TEIXEIRA, Eliana. Pitombo; ALMEIDA, Norma Lúcia Fernandes de. **O sujeito no português escrito por africanos e afro-brasileiros do século XIX: indícios de um português já brasileiro? (a sair)**

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**. 2. ed. Lisboa: Sá da Costa, 1984.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo-SP: Parábola, 2006 [1968].

ANEXO A -Roteiro de entrevista

Ficha Social

Nome:

Gênero/Sexo:

Idade:

Estado Civil:

Naturalidade:

Com quantos anos veio morar em Feira de Santana?

Nível de escolaridade:

Instituição onde estuda/estudou:

Curso:

Viveu fora de Feira de Santana por algum tempo? Quanto tempo? Onde?

Local de nascimento dos pais:

Experiência

- a) Viagens
- b) Lugares que conhece
- c) Quanto tempo ficou fora
- d) Informação: rádio, televisão, *internet*
- e) Preferência de programas

Família

- a) Você gosta do seu nome?
- b) Sua infância foi boa? Lembra de algum evento marcante (jogos, brincadeira, cenas)?
- c) Como é a sua relação com sua família? Você percebe se mais jovens ouvem os mais velhos? Como funciona?
- d) Como foi a criação dada pelos pais, dos ensinamentos deixados, o que aplicaria na educação dos filhos? Por quê?
- e) Tem irmãos? Conte um pouco sobre a relação
- f) A relação com os filhos, netos, sobrinhos?
- g) Você tem animal de estimação? Como é o nome? Fale-me um pouco sobre seu animal.

Namoro/Casamento

- a) Onde você conheceu seu marido/esposa, namorado(a)? Como foi?
- b) Você vê (via) seu namorado(a) todos os dias?
- c) Saía com ele sozinho?
- d) O que é que seus pais acham do seu relacionamento?
- e) Mesmo se o casamento não estiver dando certo, você acha que deve-se continuar por causa dos filhos ou da sociedade? Por quê?
- f) Prefere namorar ou ficar? Por quê?

Universidade

- a) Faz/fez o curso que sempre teve vontade?
- b) O que te levou a fazer esse curso? (Opção própria/Pais)
- c) Lembra do primeiro dia de aula? Como foi ser calouro? E o trote?
- d) O ingresso no ensino superior mudou em alguma coisa sua vida? Quais foram as mudanças?
- e) Quais são suas perspectivas para depois da graduação? Vai sentir saudades da Instituição?
- f) Como era a vida de universitário na época que o(a) senhor(a)/você estudou?
- g) Como foi o impacto que o(a) senhor(a)/você teve quando saiu da universidade e entrou no mercado de trabalho?
- h) Há diferença de como a sua profissão era vista antes e hoje?
- i) Você tem algum círculo de amizade formado a partir da vida acadêmica? Fale-me um pouco sobre isso.
- j) Como é o grau de intimidade? Vocês brincam muito, se ajudam, se comunicam com frequência?

Trabalho

- a) Você trabalha?
- b) Como é o seu trabalho?
- c) Como é o seu dia?
- d) Como consegue conciliar a relação trabalho/estudo?
- e) Você se dá bem com os colegas de trabalho?
- f) E sua relação com os professores por causa do trabalho?

Lazer

- a) O que você faz pra se divertir?
- b) Gosta de festa? Que tipo de festa você mais gosta? Por quê?
- c) Você brinca(ou) a micareta? Como é (era)? Diverte-se mais no bloco ou na “pipoca”?
- d) Costuma ir à festa com quem? E lá, como se diverte? Fica com algum menino/menina? O que você acha do “ficar”? Prefere namorar ou “ficar”?
- e) Gosta de filmes? Qual o seu filme favorito? Por quê? O que acontece?

Moradia

- a) Mora sozinho ou acompanhado? Como é essa vida?
- b) Morar com os pais significa ter menos liberdade? Por quê?
- c) Morar aqui em Feira de Santana é bom? Pretende sair daqui? Por quê?
- d) Como seria um lugar ideal pra se viver?

Comportamento

- a) O que é ser uma pessoa de sucesso?

- b) O(a) senhor(a)/você acha que os jovens estão tratando os mais velhos como se costumava tratar antigamente?
- c) Que forma de tratamento (tu/você/senhor) você costumar dar a:
 - i) amigo
 - ii) um filho
 - iii) marido/mulher – namorado(a)
 - iv) pessoa mais velha
 - v) um desconhecido
 - vi) ao patrão

Transporte

- a) Você usa muito carro ou ônibus?
- b) O que você acha da implantação do SIT? Facilitou ou dificultou a sua vida? Por quê?
- c) Já presenciou ou viveu alguma situação engraçada, constrangedora ou violenta no ônibus? Como foi?

Perigo

- a) Você já viu a morte de perto? Você já esteve numa situação em que disse: “Chegou a minha hora.” “Meu Deus, eu vou morrer agora.”?
- b) Você ou alguém de sua família já teve alguma doença grave? Como foi?
- c) Você tem medo de morrer? O que é a morte pra você?
- d) Qual foi o momento mais triste de sua vida?

Moda

- a) Costuma comprar revista sobre moda?
- b) Qual seu estilo de se vestir?
- c) Você se considera *fashion*? Por quê?
- d) O que é estar na moda?

Culinária

- a) Gosta de cozinhar?
- b) Costuma ver programas de TV sobre culinária?
- c) Possui caderno de receita? Ler livros de receita?
- d) Qual a sua especialidade na cozinha? O(a) senhor(a) pode dar a receita?
- e) Qual seu prato preferido?

Esporte

- a) Pratica algum tipo de esporte ou faz academia? Por quê?
- b) Você é mais ligado(a) em estética ou na saúde?

Língua

- a) O que é a arte do bom falar pra você?
- b) Os baianos falam bem?
- c) Os feirenses falam diferentes das outras pessoas? Por quê? Onde você percebe as diferenças.

ANEXO B - A Chave de codificação

O sujeito preenchido de 1ªps.

1- Variável dependente – Sujeito preenchido versus nulo (pronominal)

Sujeito preenchido P

Sujeito nulo

N

Fatores linguísticos**2- Tipo oração**

Oração principal (raiz, absoluta e 1ª coordenadas) -	4
Coordenada sem sujeito correferente na oração anterior -	C
Coordenada com sujeito correferente na oração anterior	O
Completivas (Matriz 2º posição)	2
Relativas	R
Adverbiais (Matriz 1º posição)	A
Adverbiais (Matriz 2º posição)	B

3- Tempo verbal

Presente	Y
Presente subjuntivo	E
Pretérito imperfeito simples do indicativo	Z
Pretérito imperfeito do subjuntivo	L
Pretérito perfeito simples do indicativo	X
Pretérito perfeito composto indicativo	o
Pretérito perfeito do subjuntivo	S
Pretérito mais-que-perfeito simples do indicativo	m
Pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo	g
Pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo	p
Futuro simples do presente do indicativo	N
Futuro composto do indicativo	f
Futuro do subjuntivo	j
Futuro do pretérito simples do indicativo	T

4- Tipo de discurso

Fala direta do próprio informante	D
Reproduzindo a fala de outro	U

5- Material linguístico entre o sujeito e o verbo

Sim	V
Não	J

6- Fatores extralinguísticos**Gênero**

Feminino		F
Masculino	M	

7- Faixa etária

Jovem – faixa 1	1
Meia idade – faixa 2	2
Idoso – faixa 3	3

8- Escolaridade

Fundamental	7
Superior	8

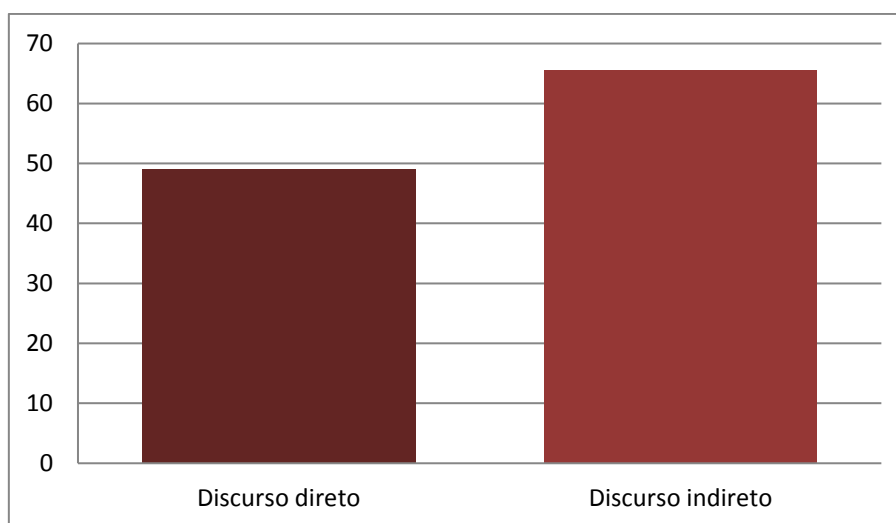
ANEXO C -RESULTADOS DOS GRUPOS NÃO SELECIONADOS

No português do ensino fundamental I não foram selecionadas as seguintes variáveis: tipo de discurso; material linguístico entre o sujeito e o verbo e tipo de discurso. Abaixo seguem as tabelas e os gráficos.

Sujeito pleno de 1ª ps. de acordo com o tipo de discurso

Português do ensino fundamental I			
Tipo de discurso	Apl/Num.	%	PR
Discurso direto	1286/1994	49	.49
Discurso indireto	53/68	65,5	.65
Total	1339/2062	64,9	
Significância 0.18	<i>Input</i>	.65	

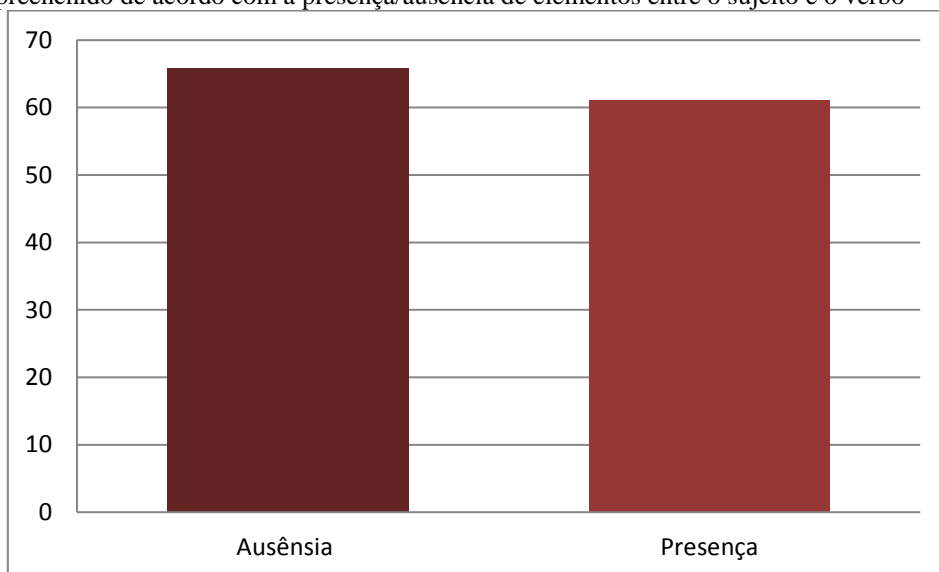
Sujeito preenchido de acordo com o tipo de discurso



Sujeito preenchido de acordo com o material linguístico entre o sujeito e o verbo

Português do ensino fundamental I			
Material linguístico entre o sujeito e o verbo	Apl/.num	%	PR
Ausência	1086/1650	65,8	.50
Presença	253/412	61,4	.46
Total	1339/2062	64,9	
Significância 0.96	<i>Input .</i>	65	

Sujeito preenchido de acordo com a presença/ausência de elementos entre o sujeito e o verbo



Sujeito preenchido de acordo com gênero/sexo

Português do ensino fundamental I			
Gênero/ sexo	Apl./ Num.	%	PR
Masculino	728/1086	67	.52
Feminino	611/976	62.6	.47
Total	1339/2062	64,9	
Significância 0.39		Input .65	

Sujeito preenchido de acordo com o gênero/sexo

